



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**“CARIDADE SEM LIMITES. CIÊNCIA SEM PRIVILEGIOS”: O ENSINO
UNIVERSAL DE JACOTOT POR BENOÎT MURE NO BRASIL (1840-1848)**

CRISLAINE SANTANA CRUZ

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**“CARIDADE SEM LIMITES. SCIÊNCIA SEM PRIVILEGIOS”: O ENSINO
UNIVERSAL DE JACOTOT POR BENOÎT MURE NO BRASIL (1840-1848)**

CRISLAINE SANTANA CRUZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

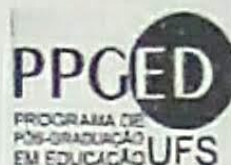
Orientadora: Profa. Dra. Silvana Aparecida Bretas

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



CRISLAINE SANTANA CRUZ

"CARIDADE SEM LIMITES. CIÊNCIA SEM PRIVILEGIOS: O
ENSINO UNIVERSAL DE JACOTOT POR BENOÎT MURE NO BRASIL
(1840-1848)"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca
Examinadora.

Aprovada em: 28.02. 2018

Prof.ª Dr.ª Silvana Aparecida Bretas (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Maria Neide Sobral
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Josefa Eliana Souza
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Carlota Boto
Universidade de São Paulo/USP

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

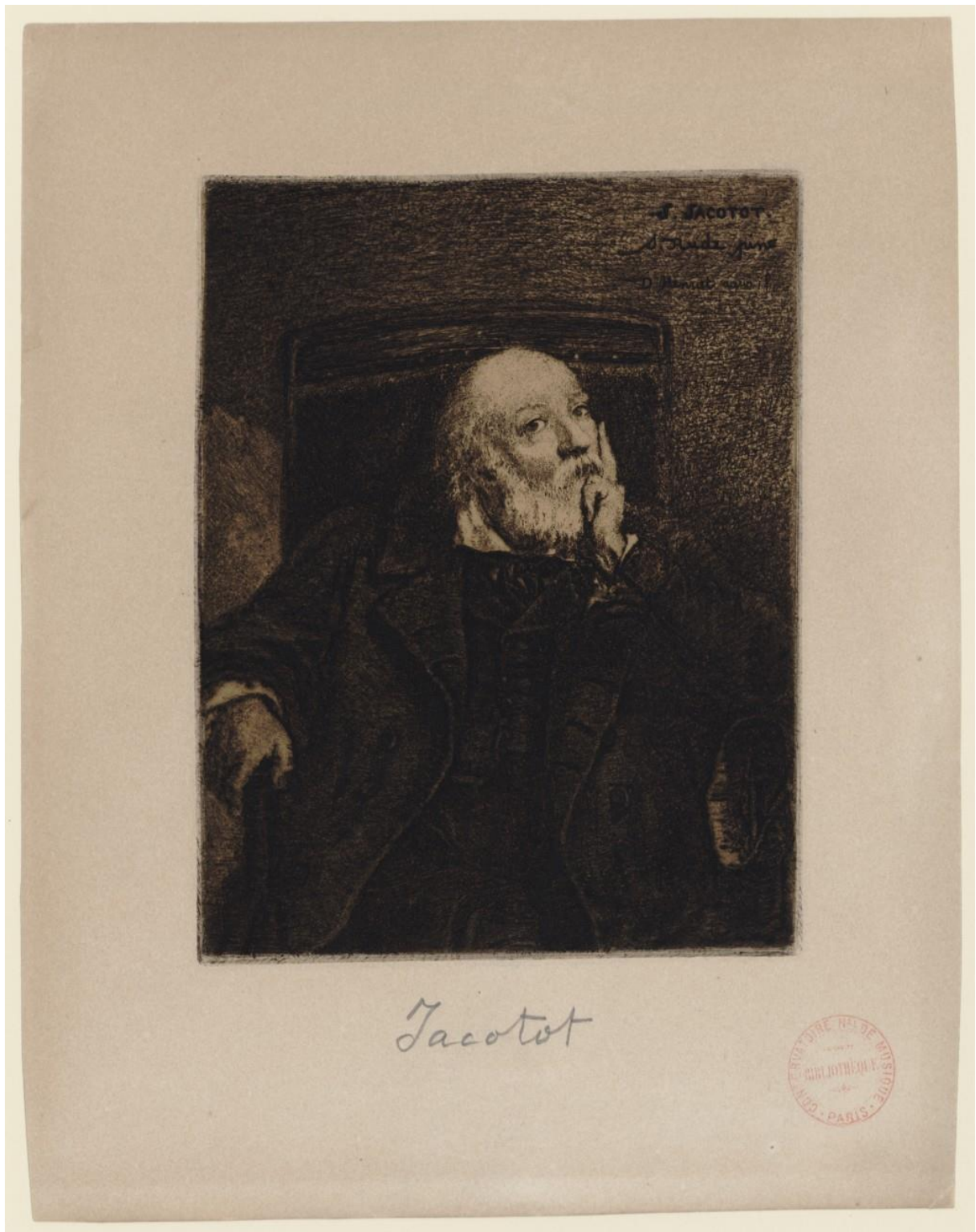
Cruz, Crislaine Santana
C958c “Caridade sem limites. Ciência sem privilégios” : o ensino universal de Jacotot por Benoît Mure no Brasil (1840-1848) / Crislaine Santana Cruz ; orientadora Silvana Aparecida Bretas. – São Cristóvão, 2018.
98 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Educação – História – Brasil. 2. Civilização - História. 3. Homeopatia. 4. Mure, Benoît, 1809-1858. 5. Jacotot, Jaen-Joseph, 1770-1840. I. Bretas, Silvana Aparecida, orient. II. Título.

CDU 37(81)(091):615.015.32

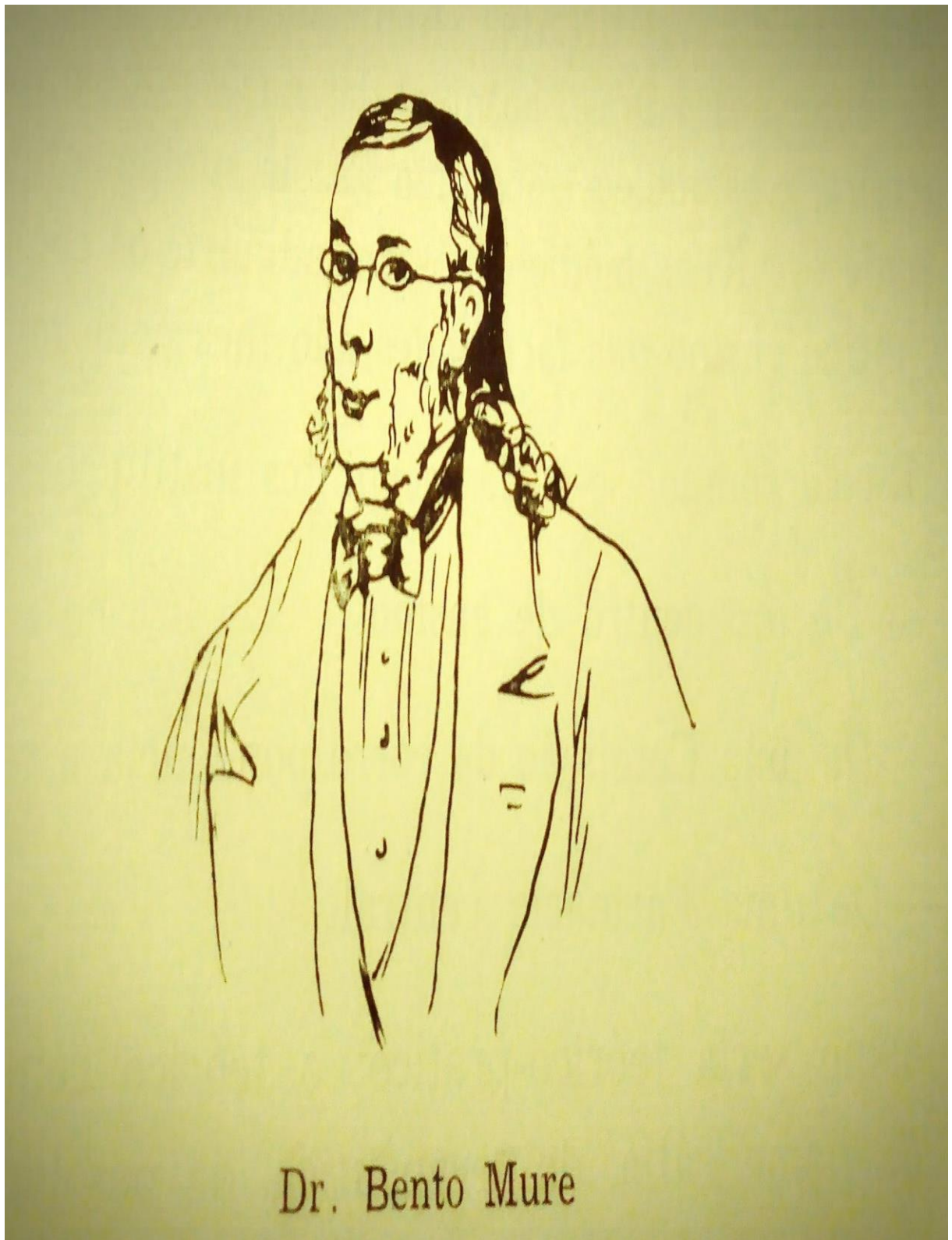
Fotografia 01 – Jean-Joseph Jacotot (1770-1840)



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Biblioteca Nacional da França

Fotografia 02 – Benoît Jules Mure (1809-1858)



Fonte: Lobo (1968)

Aos meus avós maternos João Joaquim de Santana, vô
Delegado (in memória) e Cícera Jesus de Santana.

À minha mãe Jussara Santana.

À minha irmã Clécia Santana Cruz.

À comunidade onde nasci, o Aloque, e a toda gente que vive
por lá.

Por fim...

À todas as pessoas que tenham vontade de beleza e vontade de
justiça.

Agradecimentos

Eu sempre me apaixono pelos escritores que leio e que de alguma forma, não sei, traduzem aquilo que penso, sinto, defendo. Me apaixono mesmo! No sentido de me imaginar conversando com aquela pessoa, de imaginar a sua voz através das palavras escritas. Estranho, não? Não! Nenhum pouquinho, de acordo com um pequeno poema do meu também amado Eduardo Galeano, e que tem o irônico título de “O Direito ao delírio”. Nele, Galeano escreve um monte de devaneios aos olhos da nossa medíocre sociedade. Dentre esses devaneios, um me chamou particularmente a atenção “Seremos compatriotas e contemporâneos de todos os que tenham vontade de beleza e vontade de justiça, tenham nascido; quando tenham nascido e tenham vivido; onde tenham vivido, sem que importem nenhum pouquinho as fronteiras do mapa e nem do tempo”.

Lembro que no Ensino Fundamental me apaixonei pelo Vinicius de Moraes, e foi assim que aprendi a gostar de ler, e li, e me apaixonei por muita gente. Já na universidade, me apaixonou a escrita de Rubem Alves, eu sei, rechaçado por muitos nesse ambiente... Também me apaixonei de uma só vez por Jacques Rancière e Joseph Jacotot e, no mestrado descubro um novo amor que se chama Benoît Jules Mure, sou assim mesmo; não tenho medo de falar do que amo, mas sempre odiei escrever sobre algo que não gosto só para cumprir uma tarefa acadêmica, mesmo reconhecendo que faz parte da nossa formação escrever sobre o que nos é solicitado, e o faço, como todo e qualquer membro do mundo acadêmico. Mas confesso, ainda não me adaptei com a impessoalidade do fazer ciência.

Prefiro mesmo a experiência do gosto pelos ideais, da beleza das utopias, daquilo que destoa, que vai pela contramão. E repito com meu amado Rubem Alves que aquilo que comove os homens e mulheres e os faz agir, até mesmo o que leva um cientista a fazer ciência, nunca é puramente científico e metodizado; passa por algo que é indizível, mas tão real que se apossa dos sentidos e os faz operar.

É essa experiência de beleza estética, ou para ser mais jacotista, é essa potência humana que torna possível o delírio de me sentir próxima dos

homens e mulheres que me comovem e despertam, me faz pertencer à uma mesma pátria e à um mesmo tempo que eles. Por isso, meu agradecimento a toda comunidade humana que tem vontade de beleza e de justiça.

Porém eu seria uma compatriota muito ingrata se não citasse aqui os nomes de pessoas que contribuíram de forma mais particular para a realização desse trabalho científico sim, mas também estético. Começo agradecendo a minha amiga e orientadora, Silvana Bretas, pela delicadeza, incentivo e carinho com que me tratou durante o processo de construção da dissertação, fazendo-o parecer mais suave do que na verdade o é. Quero agradecer a todas e a todos os colegas de mestrado, pelo apoio mútuo doado e recebido durante o curso, se existiu competição entre nós, ela não tomou o lugar central nas relações que construímos, não mesmo! De maneira mais achegada, agradeço a Viviane Reis pelas inúmeras ajudinhas que no final, acabam fazendo uma enorme diferença.

Agradeço aos professores e funcionários do PPGED, em especial ao Professor José Mário Aleluia, por ter me sustentado no difícil primeiro período do curso, através das suas aulas/experiências. À Professora Josefa Eliana Souza, que sem saber me reanimou a pesquisar o Ensino Universal com a apresentação de seu trabalho sobre o intelectual Tavares Bastos e, que tem lugar especial na minha trajetória acadêmica. Agradeço ainda as importantes observações da Professora Neide Sobral sobre o trabalho e que muito me ajudaram. E também, a professora Carlota Boto, por ter aceitado o convite, e se dispôs a vir de tão longe para colaborar com essa escrita.

Não posso deixar aqui de agradecer a ajuda financeira proporcionada pelo sistema de bolsas do CNPq/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que mesmo em tempos de duros ataques a produção científica deu-me oportunidade para melhor aproveitar a experiência do curso.

Agradeço em especial pela colaboração na finalização do trabalho, à Adriano de Jesus Santos pelo carinho e compreensão a mim dispensados, pelo apoio e a ajuda nos dias mais difíceis. À Elaine Messias agradeço pela leitura atenta do texto e pela amizade. Agradeço sim a Deus, ele está em tudo o que é belo, porque Deus é beleza. Obrigada!

Seremos compatriotas e contemporâneos de todos os que tenham vontade de beleza e vontade de justiça, tenham nascido; quando tenham nascido e tenham vivido; onde tenham vivido, sem que importem nenhum pouquinho as fronteiras do mapa e nem do tempo.

Eduardo Galeano, 1988

RESUMO

Esta pesquisa analisa as ações empreendidas pelo intelectual, médico homeopata e socialista utópico, Benoît Jules Mure (1809-1858), na divulgação do Método do Ensino Universal, enquanto esteve no Brasil, tendo presente que tal Método defende a igualdade entre as inteligências humanas e, que foi descoberto pelo pedagogo francês Jean-Joseph Jacotot (1770-1840) no ano de 1818 ganhando notoriedade em diversas regiões da Europa; percebe-se sua circulação também no Brasil do século XIX, através da atuação do intelectual. O marco temporal aqui utilizado justifica-se, pois, compreende o período de 1840, ano em que Mure desembarcou no país à 1848, data em que foi embora e, marca sua passagem em terras brasileiras. Vale destacar que esta investigação encontra-se alicerçada nos pressupostos da História da Educação, na perspectiva da História Cultural. A pesquisa utiliza como fontes, periódicos não pedagógicos que circularam na província do Rio de Janeiro durante a época. Especialmente o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, fundado em 1827 e, também A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos, uma produção do próprio Mure e seu grupo de adeptos com publicação periódica de 1847 a 1848. As fontes aqui trabalhadas foram encontradas nos arquivos *online* da Biblioteca Nacional do Brasil. Destaca-se que Benoît Mure atuou de diferentes formas a favor da divulgação do Ensino Universal, desde publicações sobre o Método, até a sua aplicação na Escola Homeopathica do Brasil. Esperamos que essa análise represente uma contribuição importante quanto ao conhecimento histórico do Método do Ensino Universal no Brasil, possibilitando o alargamento do campo da História da Educação, já que trata-se de um assunto, por enquanto, inexplorado na historiografia educacional brasileira.

Palavras-chave: Ensino Universal. Benoît Jules Mure. Jean-Joseph Jacotot. Homeopatia. Socialismo Utópico.

ABSTRACT

This research intends to analyze the actions undertaken by the intellectual, homeopathic and utopian socialist, Benoît Jules Mure (1809-1858), for the dissemination of the Method of Universal Teaching while he was in Brazil, bearing in mind that this Method presupposes equality between human intelligences and which was discovered by the French pedagogue Jean-Joseph Jacotot (1770-1840) in the year 1818 gaining notoriety in several regions of Europe, one can see its circulation also in nineteenth-century Brazil. The time frame used here is justified, therefore, it comprises the period of 1840, the year in which Mure landed in the country, in 1848, the date on which it left, and marks its passage in Brazilian lands. It is worth mentioning that this research is based on the presuppositions of the History of Education, in the perspective of Cultural History. The research uses as sources, non-pedagogical periodicals that circulated in the province of Rio de Janeiro during the period. Especially the *Jornal do Commercio* of Rio de Janeiro, founded in 1827 and also *A Sciencia: Synthetica Magazine of Human Knowledge*, a production of Mure himself and his group of adepts with periodical publication from 1847 to 1848. The sources worked here were found in archives online from the National Library of Brazil. It is noteworthy that Benoît Mure acted in different ways in favor of the dissemination of Universal Teaching, from publications about the Method, to its application in the Homeopathic School of Brazil. We hope that this analysis represents an important contribution to the historical knowledge of the Method of Universal Teaching in Brazil, making possible the broadening of the field of Education History, since it is an unexplored subject in Brazilian educational historiography.

Key words: Universal Teaching. Benoît Jules Mure. Jean-Joseph Jacotot. Homeopathy. Utopian Socialism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 – Jean-Joseph (1770-1840)	4
Fotografia 02 – Benoît Jules Mure (1809-1858)	5
Fotografia 03 – Recorte do “Jornal do Commercio do Rio Janeiro”, 1841	68
Fotografia 04 – Recorte do “Jornal do Commercio do Rio Janeiro”, 1846	69
Fotografia 05 – Recorte do “Jornal do Commercio do Rio Janeiro”, 1848	69
Fotografia 06 – Recorte do “Jornal do Commercio do Rio Janeiro”, 1840	72
Fotografia 07 – Capa de ‘A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos’ 1847	78
Fotografia 08 – Plano de estudos para uma Universidade Nacionalidade, 1847	83

SUMÁRIO

UM ACHADO INSTIGANTE: A INTRODUÇÃO.....	14
2- ENSINO UNIVERSAL: JACOTOT, O PROFESSOR EMANCIPADOR	29
2.1 OS ANOS DA REVOLUÇÃO: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DESIGUALDADE COMO PONTO DE PARTIDA PARA A EMANCIPAÇÃO DO POVO.....	33
2.2- A DESCOBERTA DE UM MÉTODO QUE EXISTE DESDE SEMPRE	35
2.3- UM MESTRE QUE É OPERÁRIO: O EFEITO SOCIAL DO ENSINO UNIVERSAL..	40
3- HOMEOPATIA, SOCIALISMO E EMANCIPAÇÃO: O ITINERÁRIO DE BENOÎT MURE	45
3.1- CIÊNCIA PARA A VIDA: A PROPAGANDA HOMEOPÁTICA DE MURE.....	47
3.1.1- Propaganda homeopática de Mure no Brasil	50
3.2- UM SONHO UTÓPICO: A INFLUÊNCIA SOCIALISTA DE BENOÎT MURE	56
3.2.1- O caso do falanstério brasileiro	58
3.3- PARA ALÉM DA HOMEOPATIA E DO SOCIALISMO	62
4- O MÉTODO DA EMANCIPAÇÃO CHEGA AO NOVO MUNDO.....	63
4.1- MURE NO JORNAL DO COMMERCIO: PRIMEIRA FASE DA PROPAGANDA A FAVOR DO ENSINO UNIVERSAL.....	71
4.2- UM MÉDICO QUE NÃO É SAPATEIRO: SEGUNDA FASE DA PROPAGANDA JACOTISTA E A SCIENCIA: REVISTA SYNTHETICA DOS CONHECIMENTOS HUMANOS	77
4.3- A PARTIDA DE MURE.....	88
UMA PORTA PARA MUITOS CAMINHOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	90
REFERÊNCIAS	93
FONTES	98

A INTRODUÇÃO: UM ACHADO INSTIGANTE

A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Fernando Birri, 1994.

Durante o século XIX o Brasil, então colônia portuguesa, sofreu forte influência das ideias e costumes franceses, mais especificamente a partir de 1816, com a derrota de Napoleão, inimigo de Portugal e a restauração da monarquia Bourbon o contato entre os dois países aumentou consideravelmente. O convite do príncipe português, Dom Pedro I, para que representantes ilustres do pensamento francês viessem ao Brasil, convite que marcou a chamada missão artística de 1816, demonstra como os laços entre os dois países se fortaleciam a partir daquele momento. (COSTA, 2000). Vale salientar que desde os primórdios da colonização a entrada de franceses era tímida e se isolava em alguns pontos do país onde ocorreu contato direto entre brasileiros e aventureiros, cientistas e missionários franceses; porém, numa proporção muito pequena e esporádica.

Com a Abertura dos Portos em 1808, houvera uma inserção maior da cultura francesa no Brasil. Porém foi a partir de 1816 que sua influência inundou sobremaneira a nação brasileira a ponto da língua francesa passar a ser largamente divulgada, assim como as ideias, dominando toda a cena do século XIX e imprimindo novas necessidades ao Brasil. Chegaram ao país: [...] “comerciantes de todos os ramos, artesãos de todas as profissões, técnicos, professores, colégios de religiosos franceses aqui fundados, sábios e viajantes, refugiados políticos, que aqui aportaram em virtude das sucessivas agitações revolucionárias em França” [...] (COSTA, 2000, p. 282).

Vale ressaltar que essa influência não ocorreu de forma consonante e com a mesma intensidade em todo território brasileiro, algumas regiões sofreram maior interferência da cultura da França e vários foram os fatores que colaboraram para tal acontecimento. As províncias de Recife e Rio de Janeiro foram regiões privilegiadas nesse processo, pois contavam com a vantagem de possuírem portos bastante frequentados pelos vapores que chegavam da Europa, além disso, já abarcavam uma quantidade populacional muito maior comparada a outras regiões do país, como São Paulo, por exemplo (COSTA, 2000).

O Rio de Janeiro, por ser a capital do Império brasileiro, tornou-se um grande polo de atração para imigrantes franceses, seduzidos pelas possibilidades que o lugar podia oferecer. Esses imigrantes viam o novo mundo como um espaço fértil para depositar seus ideais. Sendo assim, muitos trouxeram mais que roupas e objetos em suas bagagens, trouxeram sonhos, esperança e novas práxis sociais que ajudaram a moldar gradativamente o panorama brasileiro.

Nosso trabalho tem como foco o itinerário do francês Benoît Jules Mure (1809-1858), que aqui aportou no Rio de Janeiro em 1840 trazendo consigo os ideais do Ensino Universal, um método de ensino emancipador formulado na França em 1818, também chamado por Rancière (2013) de método da vontade, método da emancipação, método universal ou método do acaso. Foi anunciado por Jean-Joseph Jacotot (1770-1840), um pedagogo francês que nas primeiras décadas do século XIX passou a defender a hipótese de que qualquer um pode aprender o que quiser sem a necessidade de um mestre explicador. O método se baseia na filosofia Panecástica, criada pelo próprio Jacotot, e busca o todo da inteligência humana em cada manifestação intelectual, afirmando que todas as inteligências são iguais: “professor e aluno, adulto e criança, rico e pobre, homem e mulher; todos possuem em si a potência da inteligência, esta só se diferencia de um para o outro na sua manifestação” (BRETAS; CRUZ, 2015, p. 211).

Nosso primeiro contato com o Ensino Universal de Joseph Jacotot se deu ainda durante a graduação, a partir da leitura da obra “O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual” (2013) do filósofo francês Jacques Rancière. Tendo inclusive, desenvolvido sobre esse tema o trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe em 2015¹. Naquela ocasião, a pesquisa teve por objetivo refletir sobre os papéis atribuídos aos dois sujeitos mais importantes no processo de ensino-aprendizagem, professor e aluno, na perspectiva do Ensino Universal proposto por Jacotot e retomado na obra de Rancière.

Para que o leitor melhor compreenda o nosso interesse pela figura de Benoît Mure e qual a sua relação com o tema do Ensino Universal, o qual, investigamos desde a graduação, é importante salientar o trajeto de pesquisa percorrido para chegar a esse intelectual e que se

¹ Nos referimos aqui ao trabalho monográfico defendido em 2015 na Universidade Federal de Sergipe: Cruz (2015). **O MESTRE E O APRENDIZ COMO IGUAIS: A potência da vontade e da inteligência humana em Jacotot reatualizada por Rancière.**

tornou um achado importante, nos impulsionando a continuar com o tema quando pesávamos não haver mais pistas que pudessem nos conduzir pelas veredas do Ensino Universal.

Já durante as primeiras leituras da obra de Rancière, tomamos conhecimento de que o Ensino Universal havia chegado até Brasil no século XIX. Rancière (2013, p. 38) refere-se à sua propagação no Rio de Janeiro:

Houve comoção em Louvain, em Bruxelas e em Haia; tornou-se carruagem em Paris e Lion; da Inglaterra e da Prússia se veio escutar a boa nova, que, depois, foi levada a São Petersburgo e a Nova Orleans. **A novidade chegou até o Rio de Janeiro.** Durante alguns anos, a polêmica instalou-se e a República do saber tremeu em suas bases (Grifo nosso).

Soubemos, então, que o Ensino Universal não esteve restrito somente à França do Século XIX, se espalhando por diversas partes do mundo e chegando inclusive ao Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro. Porém, como não encontrávamos outras explicações na obra, que pudessem nos ajudar a seguir esta pista, nos vimos obrigadas a abandonar o tema, e quando surgiu a oportunidade para ingressar no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, entramos com uma proposta diferente, mas com pesar por deixar para traz um tema que a nós parecia ainda muito instigante e desafiador.

Entretanto, algo nos faria retomar a rota do Ensino Universal. Durante a disciplina de História da Educação, no primeiro período do mestrado, conhecemos a obra de Souza (2012), em que a autora destaca a preocupação demonstrada pelo intelectual Tavares Bastos em relação ao método de Jacotot que circulava no Brasil. A autora assim descreve: “Outro método que Tavares Bastos mencionou, no prefácio para o livro do ex-professor Ferrão, foi o desenvolvido pelo professor francês Joseph Jacotot” (SOUZA, 2012, p. 79); e mais adiante, esclarece que: “No prefácio que escreveu, Tavares Bastos se mostrava preocupado com o método de ensino e alertava que se deviam procurar os mais apropriados e mais rápidos” (SOUZA, 2012, p. 81).

A partir de então, percebemos que continuar com o tema do Ensino Universal seria possível, já que uma nova referência e, agora não só o livro de Rancière destacava a presença desse método no Brasil. Através de pesquisas na *Word Wide Web*, encontramos alguns textos que relacionavam a figura de Benoît Mure, um médico francês homeopata, ao Ensino Universal. As pistas encontradas nesses textos acabaram por nos levar até os arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde são disponibilizados virtualmente diversos jornais do século XIX. Em alguns desses jornais, especificamente os que circularam no Rio de

Janeiro, encontramos textos que faziam referência ao nome do médico Dr. Benoît Jules Mure relacionando-o com o método de Jacotot. Encontramos também o Dicionário Histórico e Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil *on-line*, disponibilizado pela Fundação Oswaldo Cruz, e localizamos o verbete ‘Instituto Panecástico do Brasil’ (1847), uma instituição que teria sido criada pelo Dr. Mure. Ora, a filosofia panecástica é criação de Jacotot. Ela é a consciência da igualdade e da reciprocidade entre as inteligências humanas. Foi cunhada a partir da junção de duas palavras gregas *pan* (tudo) e *hekastos* (cada), que significa: “tudo em cada” ou “tudo está em tudo” (BRETAS; CRUZ, 2015). Logo seria muita coincidência que o Dr. Mure tivesse criado um Instituto que levava o nome da filosofia de Jacotot, sem que de fato a conhecesse. E todas essas pistas foram reforçando a ideia de que houvera sim, uma relação entre o homeopata Mure e a difusão da filosofia e método educativo de Jacotot no Brasil.

Mure chegou ao Brasil carregado de muitos sonhos e planos. Primeiro tinha o intuito de criar um falanstério nos moldes do socialismo utópico proposto por Charles Fourier e, por isso conseguiu difundir no país, ideais de cunho social e igualitário, sendo citado em trabalhos que tratam sobre os primórdios do socialismo no Brasil (GALLO, 2013; GUTLER, 1994). Segundo, Mure também propagou a homeopatia no Brasil, sendo considerado na historiografia como um de seus maiores precursores no país (SOLLERO, *et al.* 2004; SILVEIRA, 1997). Esse mesmo Benoît Mure foi divulgador das ideias acasteladas por Jean-Joseph Jacotot em território brasileiro; teria aplicado, inclusive, o Método de Jacotot no ensino da homeopatia (INSTITUTO PANECÁSTICO..., 2016, p. 1). Por isso, nossa atenção se volta para a figura cativante e entusiasta desse intelectual.

O título do nosso trabalho inclusive toma emprestada uma frase que estampa a primeira página de quase todas as edições de “A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos”, uma publicação do próprio Benoît Mure junto com um grupo de médicos homeopatas a ele ligados, a frase: “Caridade sem limites. Ciência sem privilégios”. Segundo Rosenbaum (1999), Mure era prosélito de uma concepção de saúde pública muito particular, a qual se distanciava e se contrapunha à prática médica da época, que para ele, excluía o tratamento de grupos menos favorecidos socialmente. Por isso, Mure, envolve em seu projeto de saúde “o tratamento dos escravos, dos pobres, dos desassistidos” (ROSENBAUM, 1999, p. VIII). Além disso, Mure era dono de uma passionalidade religiosa

peculiar. Foi seguidor do esoterismo² de Emanuel Swedenborg³ para quem a caridade se referia as qualidades de espírito que estendem o amor de Deus a seus filhos:

Caridade significa amor pelo próximo e compaixão, pois qualquer um que ama o próximo como a si mesmo também tem compaixão por ele em seu sofrimento, da mesma que tem por si mesmo.
Caridade é querer bem ao outro, à sociedade, ao país do outro, à Igreja, ao Reino do Senhor e, assim, ao próprio Senhor.
Ninguém pode ter discernimento sábio e inteligente do que é a verdade a menos que o bem, isto é a caridade, reine nele.
Aqueles que têm caridade dificilmente percebem o mal em outra pessoa, mas notam todo o bem e a verdade que estão nela; e fazem uma boa interpretação de seu mal e sua falsidade. De tal natureza são os anjos, algo que receberam do Senhor, que transforma todo mal em bem.
A caridade diz respeito ao bem da alma do homem primeiro, e a ama como sendo aquilo por meio do que a conjunção se efetua (SWEDENBORG *apud* STANLEY, 2007, p. 104).

A ciência e a caridade se confluem na ação sócio-política-científica de Benoît Mure, por meio da crença em uma ciência que só pode evoluir, quando acompanhada por um processo ético e por uma caridade que se efetiva na luta diária pelo bem comum (ROSENBAUM, 1999). Sendo assim, o tema “Caridade sem limites. Ciência sem privilégios”: o Ensino Universal de Jacotot por Benoît Mure no Brasil (1840-1848)” surgiu a partir de levantamentos relativos a indícios da circulação do método do Ensino Universal no Brasil do século XIX, através da atuação de Mure.

É importante esclarecer que o termo Ensino Universal a que nos referimos aqui não se reporta a ideia de universalização do ensino proposta por alguns educadores, especialmente aquela idealizada por Condorcet em seu famoso relatório, que defendia uma escola universal, única e gratuita, sob a tutela do Estado (BOTO, 2003). O Ensino Universal proposto por Jacotot se baseia, antes, na constatação de que cada ser humano, vivência situações de emancipação desde o seu nascimento, ao aprender sem explicações: “Jamais a espécie humana mudará de natureza; ela é atontada pelas explicações, é um fato⁴” (JACOTOT, 2008, p. 4). Essa declaração elucida que o Ensino Universal, para seu criador, trata-se da marcha própria da natureza humana, que é capaz de aprender sozinha e sem mestre explicador; ao contrário da necessidade social de explicações, que é, na visão desse professor, uma ficção

² Segundo Stanley (2007) a tradição esotérica ocidental tem suas raízes fincadas em uma forma religiosa de pensamento que remonta ao Gnosticismo, ao Hermetismo e ao Neoplatonismo do mundo helênico durante os primeiros séculos depois de Cristo. Para conhecer mais sobre o assunto, consultar Stanley (2007).

³ Emanuel Swedenborg (1688-1772) foi um polímata sueco, com destacada atividade como cientista, inventor, místico e filósofo (STANLEY, 2007).

⁴ Tradução nossa.

com implicações práticas quanto à distribuição de poder na sociedade (TONIATTI, 2015). Essa capacidade, ou antes, essa potência intelectual inerente a todo ser humano, é que dá o caráter de universalidade ao método do Ensino Universal. A ideia de que cada homem deverá refletir sobre a sua ação intelectual até percebê-la enquanto exercício integral da razão comum da humanidade (BRETAS; CRUZ, 2015).

No levantamento da produção científica existente sobre o tema, buscamos no banco de teses e dissertações da CAPES trabalhos que apresentavam como preocupação de pesquisa o Método do Ensino Universal no Brasil; utilizando como termo de busca a palavra ‘Joseph Jacotot’, foi possível localizar quatro produções acadêmicas relacionadas ao tema, sendo três dissertações e uma tese que não tratam diretamente da história do Ensino Universal no Brasil, se concentram mais na discussão filosófico/pedagógica do método, trazendo, porém, importantes apontamentos sobre o tema.

Seguindo uma ordem cronológica, temos o trabalho “Pedagogia libertária e autodidatismo”, única tese encontrada. Neste estudo, Valverde (1996) tem como uma de suas preocupações a análise histórico-filosófica do fenômeno do autodidatismo dos militantes do socialismo libertário no Brasil, destacando as ideias fundantes de William Godwin e de Joseph Jacotot, relacionadas ao auto-ensino. A partir da obra de Rancière, o autor insere o método do Ensino Universal, criado por Jacotot na perspectiva teórica do autodidatismo que é, em sua visão: “[...] um tema caro aos filósofos das luzes e filho dileto da educação libertária [...]” (VALVERDE, 1996, p. 7). Ainda nesse sentido, o autor afirma que o método de Jacotot representou a prova de fogo do aprendizado pela forma do autodidatismo, uma vez que ao ser aplicado com seus alunos pôde ser comprovado e divulgado, alcançando tanto os meios ilustrados, quanto os de trabalhadores (VALVERDE, 1996).

No trabalho de Jaramillo (2010) que se intitula “Possibilidades do Ensino da Língua espanhola nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma proposta de formação docente”, a autora analisa os dados colhidos de sua pesquisa, realizada junto a professores dos anos iniciais da cidade de Santo André (SP), a partir do referencial teórico de Jacques Rancière em referência a Jacotot abordando os conceitos de explicação, igualdade e vontade, presentes na teoria pedagógica de Jacotot. É relevante pontuar que quanto aos usos sociais do método, a autora considera que a proposta do Ensino Universal tem explicitamente um caráter individual, quando confronta o indivíduo mestre *versus* o indivíduo aluno. Apresenta também um caráter intelectual, enquanto forma de afirmar o pressuposto da igualdade entre as

inteligências e, ainda, um caráter utópico ao propor um ensino para além da explicação. Porém, quanto ao caráter social do método, este é colocado em suspenso (JARAMILO, 2010). Podemos considerar com isso que, uma vez emancipado pelo método do Ensino Universal, caberá ao sujeito decidir sobre os usos sociais que fará da boa nova jacotiana, ele pode ter tanto, aspirações sociais, quanto individuais em relação ao método.

A pesquisa de Gomes (2013), “O Teatro do Oprimido como prática política no contexto da emancipação em Jacques Rancière”, apresenta como objetivo, principal analisar as práticas do Teatro do Oprimido em face da construção de um espectador emancipado, como elaborado na obra de Jacques Rancière. Tendo em conta que para construir uma nova relação dentro do campo da arte, o autor Jacques Rancière retoma a experiência pedagógica de Joseph Jacotot com o Ensino Universal, desenvolvendo a ideia de emancipação intelectual sobre um conceito-chave: a igualdade das inteligências. A pesquisa pretendeu verificar as bases políticas nas quais Rancière abriga esta proposta, contextualizando-a dentro da ideia de partilha do sensível e dos regimes de identificação das artes.

Uma contribuição importante da pesquisa de Gomes (2013) está em nos permitir vislumbrar o Ensino Universal para além do campo pedagógico-educacional, fazendo-nos compreender, juntamente com Rancière que o processo de embrutecimento, ou seja, submeter a inteligência do outro, perpassa por outros espaços sociais, além das instituições escolares, como no caso estudado, a arte teatral, mostrando que apesar de se utilizar da igualdade como um valor norteador das suas práticas, algumas formas teatrais engajadas do século XX acabaram por se utilizar de processos pedagógicos tradicionais para o convencimento dos espectadores .

O trabalho “Ensino Universal –Língua Materna: uma tradução de Jacotot contra o monopólio da violência simbólica”, de Toniatti (2015), apresenta a tradução de um trecho da obra *Enseignement Universel – Langue maternelle*. O autor defende que esta seria a obra inaugural da proposta de Jacotot. E, afirma ainda que, mais que um manual de língua francesa, esta obra constitui um ensaio filosófico crítico a relação entre o saber socialmente legitimado e o poder, pregando a emancipação intelectual. O objetivo do trabalho consistiu em estudar o fenômeno da tradução a partir da reflexão sobre a experiência da obra *Enseignement Universel – Langue maternelle*. Ao mesmo tempo, propõe uma crítica da concentração de poder simbólico subjacente ao desenvolvimento do debate acadêmico sobre a

tradução e à autonomização dos Estudos da Tradução em consonância com a reflexão de Jacotot e Rancière.

O texto de Toniatti (2015) é o único que faz referência a Benoît Jules Mure, destacando-o como um dos seguidores de Jacotot e fundador do Instituto Panecástico. Segundo o autor, Rancière se referia a figura de Benoît Mure quando menciona a chegada do Ensino Universal ao Brasil:

Quanto à menção por Rancière da chegada das ideias de Jacotot ao Rio de Janeiro, trata-se provavelmente do Instituto Panecástico do Brasil ali situado, fundado pelo médico homeopata francês Benoît Jules Mure [Bento Mure], e outros três discípulo diretos de Jacotot, em 1847 (GALHARDO, 1928). O nome do instituto deriva da filosofia panecástica de Jacotot, segundo a qual tudo está em tudo; daí o nome (TONIATTI, 2015, p. 52).

O estudo destaca que Mure, baseando-se na pedagogia de Jacotot, chegou a criar uma proposta global de ensino público para o Brasil, e demonstrava preocupação com a tendência da educação brasileira de copiar modelos alemães de educação já em decadência. As colocações de Toniatti (2015) a respeito da presença do método de Jacotot no Brasil do século XIX, reforçam mais uma vez, a atuação de Benoît Mure na circulação do Ensino Universal, o que reafirma a importância de se conhecer o itinerário desse homeopata no que diz respeito às suas ideias sobre educação para o país.

A partir do levantamento bibliográfico efetuado, foi possível constatar que os trabalhos produzidos fazem referência unânime à obra “O mestre ignorante” do filósofo francês Jacques Rancière, por ser essa uma obra que tornou conhecidos os fundamentos do Ensino Universal de Joseph Jacotot a partir da década de 80 do século XX. Esses trabalhos trazem em si importantes contribuições para que se estabeleça uma aproximação deste método criado no século XIX e que ainda tem muito a contribuir para a educação atual, pois, como defendeu Rancière (2008), o método de Jacotot é um enfrentamento à lógica de dominação global existente, aquela que afirma que existem inferiores e superiores. Vale destacar ainda, que entre as pesquisas analisadas, somente o trabalho de Toniatti (2015) faz referência a Benoît Mure destacando-o como seguidor de Jacotot. O estudo, porém, não toma como preocupação principal a história do método em solo brasileiro, o fato aparece à margem de sua preocupação central. Contudo, as contribuições da pesquisa são pertinentes ao nosso objeto de estudo, por isso foram incorporadas como referencial teórico em nossa pesquisa.

Existe uma insuficiência de pesquisas que se dedicam ao desvendamento dos problemas educacionais do século XIX, e ainda mais, ausência de trabalhos voltados a

compreender as trocas culturais do Brasil com outros países, através dos intelectuais da época, essa insuficiência é, segundo Nascimento (2012), destacada pelos estudos a respeito da Historiografia Educacional Brasileira. Notamos como pontuado anteriormente, que de fato não havia uma abundância de produções acadêmicas que se dedicassem ao tema da história do Ensino Universal no Brasil como preocupação central. Sendo assim, consideramos que a relevância deste estudo está em colaborar para o conhecimento histórico-educacional do Método do Ensino Universal no Brasil. E, dessa forma, contribuir para a historiografia educacional do país, preenchendo uma pequena lacuna ao inserir um tema não explorado e incentivando novas pesquisas a seu respeito.

Levando em conta que a estada de Benoît Jules Mure no Brasil corresponde ao período de 1840, ano em que desembarcou no país, a 1848, data em que foi embora, estabelecemos este período como recorte temporal da pesquisa. Procurando acompanhar sua passagem pelo país, especialmente através dos jornais e revistas que circularam no Rio de Janeiro durante a época, com o fim de responder problema de pesquisa que se segue: ao percorrer o itinerário de Benoît Jules Mure observa-se a sua responsabilidade pela divulgação do Método do Ensino Universal proposto por Jean-Joseph Jacotot, mas quais as ações, os elementos e as formas de convencimento social que registram tal divulgação? Para além da medicina, havia outras pretensões de divulgação e consolidação do Método do Ensino Universal nos planos de Mure? Elegemos mais uma questão que ajudará a nortear o estudo: considerando que a pedagogia de Jacotot está circunstanciada no campo educacional e que o Dr. Mure é um médico homeopata e socialista utópico, de que modo ele se apropria dessa pedagogia, bem como que interpretação faz dela e como entrecruza esses campos do saber?

Movemo-nos aqui, no campo da História da Educação que é ainda recente e não se confunde com a própria história, tendo como desafio, por um lado, recuperar a história da educação e, “enquanto uma particularidade entendê-la como expressão característica da universalidade e, por outro, o de, por intermédio da mesma, possibilitar a compreensão da história como um todo” (ORSO, 2012, p. 228-229). Procuramos fazer essa ponte entre história e história da educação, através de uma pesquisa de cunho documental:

[...] a pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. Estudar documentos implica fazê-lo a partir do ponto de vista de quem os produziu, isso requer cuidado e perícia por parte do pesquisador para não comprometer a validade do seu estudo. [...] (SILVA *et al*, 2009, p. 4557).

Entendemos como documento todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar seus juízos, opiniões e formas de atuar e existir. Nessa perspectiva são vários os tipos de documentos que podem se fazer fontes de estudos, tais como: os escritos; os numéricos ou estatísticos; os de reprodução de som e imagem; e os documentos-objeto. No caso do nosso estudo, tratamos aqui do documento impresso.

O objetivo geral do trabalho consiste em: 1) compreender o itinerário de Benoît Jules Mure e suas ações e modos de divulgação do Método do Ensino Universal no Brasil (1840-1849). Os objetivos específicos são: 1) Analisar como o Dr. Mure se apropriou e interpretou a pedagogia jacotista. 2) Descrever o que o Dr. Mure fez para difundir esse Método no Brasil. 3) Descrever como o Método foi recebido no Brasil.

Levando em conta a especificidade do nosso objeto de estudo, focalizamos nossas lentes no itinerário intelectual de Benoît Mure, enquanto divulgador do Ensino Universal. De acordo com Sirinelli (2003), historicamente os intelectuais estiveram “por muito tempo no ângulo morto da pesquisa”, até que na segunda metade da década de 1970 esse tipo de estudo começou a ganhar legitimidade científica (SIRINELLI, 2003, p. 237), isso se deveu em grande parte ao processo de alargamento de renovação temática porque passou a História, migrando da análise macroeconômica para análise dos sistemas culturais. Essa mudança ocorreu de forma mais expressiva nas últimas décadas do século XX e, a terceira geração dos *Annales*, se destacou como pioneira ao propor novos objetos, problemas e abordagens, incentivando a interdisciplinaridade entre a História e outras Ciências Sociais, como a Antropologia e Sociologia (LUCA, 2010), passando a operar com métodos e conceitos diversos e pertencentes a diferentes ramos das humanidades e das artes.

Apesar de todo o reconhecimento dado a História Cultural da corrente francesa nesse processo, não se deve ignorar a profunda renovação porque passou o marxismo, especialmente os estudos culturais britânicos, cujas produções mais marcantes pertencem a Raymond Williams, Perry Anderson, Christopher Hill, Eric Hobsbawm e E. P. Thompson. Esses estudos abandonaram a perspectiva economicista, passando a reconhecer a importância dos elementos culturais (LUCA, 2010). Portanto, foi dentro da vertente neomarxista inglesa e a história francesa dos *Annales*, que faziam duras críticas à tradição histórica, por entender que seus modelos de explicações eram globalizantes e que acabavam, por isso, desconsiderando a complexidade da realidade em seus estudos, deixando de fora

determinadas instâncias, como por exemplo, a cultura; por esse motivo se fez surgir a abertura de uma nova corrente historiográfica, voltada para os estudos culturais (PESAVENTO, 2005). Levando sempre em conta que os estudos sobre a História Cultural envolvem historiadores com composturas bem diversas, apresentando diferenças sensíveis. (BARROS, 2011a).

Vale salientar, também, que a cultura é uma esfera da vida humana, e por esse fato não pode ser analisada sem que se considere as forças produtivas, bem como, as relações sociais que lhes correspondem. Lombardi (2006, p. 197) adverte sobre como é importante ter clareza quanto a esse aspecto, pois:

[...] Tal entendimento teórico, entretanto, é indissociavelmente relacionado a uma perspectiva metodológica (entendendo o método como parte de uma problemática mais ampla: gnosiológica, epistemológica) contrária a tomar como ponto de partida para o conhecimento as idéias dos homens e daquilo que os mesmos dizem, imaginam, pensam, ou daquilo que expressam na linguagem e nas representações; ao contrário, no processo de construção do conhecimento é preciso partir dos próprios homens, de seu processo de vida real. São as condições materiais de existência que determinam o que os homens dizem, imaginam e pensam. Nesse sentido, é a produção material de existência que explica as idéias, as representações, as normas e os valores, as teorias e a cultura de uma dada formação social – não o contrário.

Tomar a cultura exclusivamente como ponto de partida é correr o risco de tratar de modo fragmentado a realidade e de distanciar a história intelectual do comprometimento com o contexto social. Assim, ao tomarmos o objeto, temos de romper com a ideia do seu isolamento, para então, descobrirmos nos seus componentes a natureza de determinada prática e, só então, suas condições. É no reconhecimento da relação entre um modo coletivo e um projeto individual, como duas formas de um mesmo processo – já que os projetos individuais podem mostrar semelhanças que nos permitem agrupá-los em modos coletivos – que conseguiremos analisar “tanto a sua composição ativa quanto as condições dessa composição, e em ambas as direções essa é uma relação complexa e em transformação” (WILLIAMS, 2011, p. 67).

No que se refere as nossas fontes de pesquisa, localizamos uma quantidade significativa de textos escritos pelo próprio Dr. Mure e a respeito dele, além de textos de diversos de seus colaboradores em jornais e revistas da época no *sítio* da Biblioteca Nacional. Tais como: ‘Jornal do Commercio’ do Rio de Janeiro (1840-1848); ‘Jornal da Academia Medica-Homeopathica do Brasil’ (1848); ‘A Sciencia: Revista Synthetica dos conhecimentos humanos’ (1847); ‘Annaes da Medicina Brasiliense’ (1845-1851) entre outras fontes. Porém, elegemos como nossas fontes principais o ‘Jornal do Commercio’ do Rio de Janeiro, por ser

um periódico diário, contendo mais de 100 ocorrências⁵ com o vocábulo “Jacotot” entre 1840-1849, sendo o mais antigo periódico com publicação ininterrupta da América Latina. Elegemos também a ‘A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos’ por ser uma produção do próprio Mure e seu grupo de adeptos com publicação periódica de 1847 a 1848.

No que diz respeito ao uso de periódicos como fonte de pesquisa, o estudo de Gagliardo (2015) aponta a grande importância destinada aos jornais no século XIX, afirmando que o nascimento da imprensa no Brasil esteve estreitamente ligado à educação e a instrução da população. Os jornais serviam também como campo de disputa política, de visões de mundo; por isso mesmo, servirão como as fontes principais para o nosso estudo. Se tratando da diferenciação entre jornais e revistas, Campos (2012, p. 57) aponta que existem peculiaridades entre estas fontes:

Tal distinção se opera tanto na periodicidade dos jornais, normalmente diária e, dependendo do período histórico, com uma assiduidade matutina e vespertina, quanto em relação ao seu acabamento. Os jornais são irremediavelmente erigidos sob o signo do atropelo cotidiano, enquanto as revistas são geralmente mais refinadas, a começar pelo enfeixamento das folhas em torno de uma capa, passando pela diagramação e qualidade do papel utilizado, pelas cores e artes gráficas em geral empregadas no seu fabrico.

Tendo em vista a abundância de informações relativas ao tema, tratamos as fontes guardando suas especificidades. Sabendo que o ‘Jornal do Commercio’ (1840-1848), era um periódico que apenas fornecia um espaço para diversos tipos de divulgações, incluindo as de Benoît Mure, enquanto que a ‘A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos’ (1847-1848) se tratava de um periódico criado pelo grupo de médicos homeopatas ligados ao intelectual com uma intenção mais específica de divulgar a ideias e visões pertencentes a este grupo.

Há ainda a existência do jornal ‘O Socialista da Província do Rio de Janeiro’, que contou com a colaboração de Mure, tratando inclusive do tema da pedagogia jacotista, segundo pesquisa de Gallo (2008). Porém não nos foi possível localizar os arquivos do referido jornal, mesmo entrando em contato com os pesquisadores da Biblioteca Nacional.⁶

⁵ O vocábulo “ocorrência” aqui utilizado é de uso da plataforma de pesquisa da Biblioteca Nacional, onde o periódico encontra-se disponível de forma virtual.

⁶ A Biblioteca Nacional (BN) oferece o serviço de pesquisa a distância para os pesquisadores que estão no exterior ou no Brasil, porém fora da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Portanto, fizemos essa solicitação no dia 5 de fevereiro de 2017, para o email: <dinf@bn.gov.br>. Recebemos resposta do pesquisador/Dinf Jorge

Contudo, é importante assinalar a existência do jornal, bem como a divulgação do Ensino Universal por meio dele.

Entendemos por fonte: “a matéria-prima que sofrerá a intervenção de ferramentas e instrumentos diversos” e da qual o pesquisador precisará partir para empreender a sua viagem até o passado (BARROS, 2010, p. 16-17). Nossas fontes tratam-se de jornais e revistas não pedagógicos que circularam na província do Rio de Janeiro entre os anos de 1840 e 1848, conforme o recorte temporal definido para abordar o objeto. Vale enfatizar que ao trabalharmos com esse tipo de publicação, estamos tratando de educação como o processo pelo qual a sociedade elabora a si mesma sob seus variados aspectos e, estamos entendendo o periódico não pedagógico, como um veículo mediador desse processo.

Ratificamos juntamente com Luca (2010) que a simples localização da informação num periódico e a seleção de trechos isolados, ainda que significativos, não é suficiente para uma análise que se queira crítica. De fato, o pesquisador de jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que implica já uma gama de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram a publicidade de determinado conteúdo. Devemos tomar o periódico, assim como qualquer fonte histórica, problematizando-o não apenas em relação ao que está escrito, mas também ao como está escrito, considerando que toda fonte é parcial e fragmentada por excelência. Sabendo que os jornais exprimem a construção, reconfiguração e exposição de valores, ideias, sensibilidades e temporalidades, a final, como lembra Campos (2012, p. 65):

[...] pela leitura de jornais antigos conseguimos nos aproximar de projeções coletivas sobre um tempo de então, sobre atores e espaços dados em relação de anterioridade – uma anterioridade presentificada no ato e pelo ato da pesquisa. Por meio da observação feita de uma crônica social, de um poema publicado num canto de página, de um artigo científico, de uma propaganda ou de um editorial, colhemos segmentos de cultura que ancoram dilemas e desejos humanos.

Adotamos alguns procedimentos metodológicos que nos ajudaram na análise dos periódicos utilizados como fonte. Tais como, localização das fontes no *sítio* da Biblioteca Nacional; localização e seleção dos textos sobre o Ensino Universal e Benoît Mure e análise desses textos de acordo com a problemática do estudo.

Paixão, no dia 27 de março do mesmo ano, com as seguintes palavras: “Já o periódico o Socialista, a BN só possui 7 números, mas do ano de 1878, fora do período de seu interesse”.

Com o fim de aplicar o referencial teórico ao empírico das fontes, sempre levando em conta que objeto está inserido no real. Empenhamo-nos por traçar um movimento de reflexão crítica, levando em conta a atuação de Benoît Mure naquilo que corresponde a sua especificidade como intelectual. Nos baseamos no estudo de Sirinelli (2003) para caracterizá-lo enquanto um mediador cultural, pertencente ao grupo dos “despertadores” de ideias, que “sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representam um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo política” (SIRINELLI, 2003, p. 246). Desse modo, trabalhamos com as noções de “itinerário” “fenômenos de geração”, “estruturas de sociabilidade” e “Influência”, presentes nos estudos sobre intelectuais.

Compreendemos que estudar itinerários requer esclarecimento, balizamento e interpretação por parte do pesquisador, o que não constitui uma tarefa fácil, pois este deverá evitar as generalizações, tanto quanto as aproximações ambíguas. Compreendemos também, junto aos estudos de Sirinelli (2003, p. 249) que: “As estruturas de sociabilidade variam com as épocas e os subgrupos estudados”. Assim, é importante considerar tanto as relações de afetividade quanto as relações de rivalidade no estudo de intelectuais, tendo presente que não se deve reduzir o estudo sobre esse grupo polissêmico a mera especulação de polêmicas. Porém a que se considerar que estas também fazem parte do processo da *intelligentsia*.

Já os fenômenos de geração e os efeitos da idade são entendidos por Sirinelli (2003) como engrenagens determinantes para o funcionamento do meio intelectual. O autor destaca que:

[...] No meio intelectual, os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é portanto elemento de referência explícita ou implícita [...] (SIRINELLI, 2003, p. 255).

O esclarecimento a respeito dos efeitos de idade e dos fenômenos de geração são, portanto, parte primordial no estudo do meio intelectual, constituindo a essência explicativa do estudo, por isso não devem ser tratados de forma simplesmente descritiva ou taxinômica. Devemos buscar sempre por uma explicação mais aprofundada dessas influências. E da mesma forma, assim como é importante compreendermos de onde as ideias veem aos intelectuais, convém saber sobre a influência dos intelectuais no meio social em que atuam, bem como a assimilação – ou não – de suas ideias pela cultura político-social da época. E

nesse contexto há que se pode esclarecer as causas de fracasso, ou de outro modo, a responsabilidade do intelectual pela influência exercida. Cabe ao pesquisador, então, estar atento para não distribuir condenações a aprovações de forma negligente, pois não se trata de uma questão de julgamento ético sobre determinado intelectual, e sim, de uma questão de estudo histórico. O que cabe ao pesquisador é procurar destrinchar as relações estabelecidas entre as ideologias produzidas ou veiculadas pelo intelectual e a cultura política de sua época. Assim será possível compreender a ação intelectual do sujeito em estudo.

O nosso texto está composto por quatro seções, sendo que a primeira delas corresponde a Introdução, onde destacamos as bases teóricas e metodológicas que nortearam a pesquisa. A segunda seção irá tratar dos principais aspectos histórico-filosóficos do Ensino Universal, para que se possa entender as condições em que o método foi lançado. Uma terceira seção se dedica a apresentar as bases que alicerçam o pensamento ideológico de Benoît Mure, destacando por um lado, a influência das diferentes teorias de Hanemman, Fourier e Jacotot para a ação intelectual de Mure e, por outro, a sua contribuição para a divulgação dessas teorias no Brasil. A quarta seção refere-se especificamente a divulgação e aplicação do Ensino Universal por Benoît Mure no Brasil, por fim, apresentamos as considerações finais.

2- ENSINO UNIVERSAL: JACOTOT, O PROFESSOR EMANCIPADOR⁷

Pues, antes de la tiranía declarada, evidente, que prohíbe a los individuos la libre expresión de los pensamientos, existe la tiranía mucho más radical que les impide concebirse enteramente como seres pensantes.

Rancière, 2008

Ah, homens de pensamento.
 Não sabereis nunca o quanto
 Aquele humilde operário
 Soube naquele momento!
 Naquela casa vazia
 Que ele mesmo levantara
 Um mundo novo nascia
 De que sequer suspeitava.
 O operário emocionado
 Olhou sua própria mão
 Sua rude mão de operário
 De operário em construção
 E olhando bem para ela
 Teve um segundo a impressão
 De que não havia no mundo
 Coisa que fosse mais bela.

Vinicius de Moraes, 1956.

Uma vez que a quantidade de trabalhos sobre a história do Ensino Universal no Brasil é ainda incipiente entre os educadores, conforme demonstra o levantamento bibliográfico empreendido para esta pesquisa, necessário se faz apresentarmos os aspectos histórico-filosóficos que estão na base deste método, afim de, contribuir para a sua inserção nos debates sobre educação no Brasil do século XIX. Queremos nesta seção, inteirar o nosso leitor a respeito do Ensino Universal, por isso, esboçamos uma breve biografia de Jean-Joseph Jacotot (1770-1840), fundador e divulgador do Método; destacamos o contexto histórico em que surgiu, bem como, o potencial filosófico que guarda o Ensino Universal.

⁷ Parte dessa seção foi publicada nos anais da 38ª Reunião Nacional da Anped que aconteceu no período de 01 a 05 de Outubro de 2017, na cidade de São Luís – MA, UFMA. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT02_846.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Em 1818, Joseph Jacotot, um consciencioso professor e leitor de literatura francesa na Universidade de Louvain, experimentou uma aventura intelectual que se tornara a base fundamental de um método de ensino descoberto pelo acaso. O Ensino Universal conviveu com uma profusão de diferentes propostas educacionais, no momento crucial em que a sociedade francesa firmava suas instituições e leis com o fim de garantir a instrução pública, transformar a condição do homem ignorante e incivilizado em cidadão esclarecido. Jacotot seguia na contramão desse pensamento ao defender que não se consegue um povo livre e igual com leis e constituições, e isso o faria destoar dentre os outros métodos. Tanto que quando perguntado pelo ministro da Instrução Pública francês sobre como o governo deveria organizar a instrução, Jacotot lhe respondeu que o governo nada devia quanto à instrução, já que não se deve ao povo o que este pode fazer por si mesmo (CASTILLO, 2013).

Apesar de esquecido no museu das novidades pedagógicas, sendo resgatado somente a partir de 1987 pelo filósofo político, Jacques Rancière (TONIATTI, 2015), o método do Ensino Universal teve amplo alcance no século XIX, estendendo-se a diversas regiões da Europa, a exemplo de Bélgica e Espanha (CASTILO, 2013). Erigiram-se muitos adeptos do método, mas também, como é de se esperar, duras críticas por parte de acadêmicos, jornalistas e sociedades de sábios da época. À exemplo do Duque de Lévis, Pierre Marc Gastón, que escreveu críticas ao método de Jacotot⁸, sendo uma delas a respeito do efeito negativo do método nas relações matrimoniais. O duque perguntava o que seria dos maridos cujas mulheres fossem educadas sob a opinião da igualdade entre as inteligências, a essas críticas respondeu Jacotot em seu livro *Enseñanza Universal: lengua materna*:

[...] Franceses de Paris, lhes pergunto em confidência: temem vós que vossos filhos não desfrutem, em seus matrimônios da paz da qual vós gozais, se a doutrina perniciosa lograra propagar-se? Amáveis criaturas cuja beleza nos seduz, cujo sorriso nos encanta quando se digna a se ocupar de nós, já não poderiam fazer-nos felizes se nos cressem seus iguais? É preciso que rendam homenagem a nossa superioridade intelectual para podermos contar com sua ternura? Já não amam a seu igual? [...] Que futuro sombrio! Sempre em frente a uma espécie de espírito que só pode compreender os meus prazeres e as minhas penas pela metade, que só me oferecerá consolos tardios e torpes. Sempre ao meu lado esse fantasma que se parece comigo, mas não sou eu; ele me obedece, porém não tem inteligência suficiente para satisfazer-me. Essa escrava é educada para submeter-se a minha voz; reconhece a superioridade do meu sexo, e se necessito um conselho, si o reclamo, não se animará a dar-me, se crer que é incapaz de fazê-lo. [...] Mulheres, veja-nos como vossos iguais, não pedimos mais que isso. Nós as protegeremos, a lei que temos feito nos ordena, é uma pequena compensação por todo o bem que recebemos de vossa parte. Se um dos dois pudesse prescindir do outro,

⁸ Pertence ao Conde de Lévis o texto *Lettre sur La méthode Jacotot* de 1829 (JACOTOT, 2008).

seríeis vós. Encontrem prazer em nos fazer felizes, assim vossa felicidade, como a nossa, é vossa obra. O que nos devem? Nada mais que a satisfação de ver que somos dignos de vossa ternura⁹ (JACOTOT, 2008, p. 269-270).

Jacotot argumenta que não vê como a opinião da igualdade entre as inteligências poderia prejudicar a autoridade do marido sobre a esposa, uma vez que, as mulheres estão submetidas a seus maridos por força da lei, e não por possuírem uma inteligência inferior. Pois a autoridade não depende da superioridade intelectual, como queria acreditar o Duque. Assim, mesmo que tivesse como marido a um imbecil, a mulher estaria obrigada a obedecer-lhe por lei. O que nos faz compreender que a obediência da mulher a seu marido está na esfera do social, inscrita na legislação da época, enquanto que a igualdade entre as suas inteligências está na esfera do intelectual. Porém, bem sabemos historicamente o quanto o discurso da desigualdade entre a inteligência do homem e da mulher influenciou a criação de leis como essa. E logo percebemos que se fosse aceita a opinião de Jacotot, que é a opinião do Ensino Universal e da igualdade, forçar-se-ia a construção de leis diferentes e logo de uma sociedade diferente. E o Duque de Lévi, por certo, não iria querer isso.

Para Jacotot seu método não iria prejudicar a autoridade, fosse de um marido ou fosse de um governante. Pois homens e mulheres emancipados seriam capazes de continuar exercendo seus papéis sociais de cidadão e a respeitar a ordem social na qual estavam inseridos, e até acatar a explicação dessa ordem social estabelecida. Porém esse sujeito emancipado, homem ou mulher, saberia muito bem que a lei só lhe exige que suas ações e palavras sejam conformes à ordem, sendo que jamais poderia lei alguma impor-lhes pensamentos, opiniões ou crenças (RANCIÈRE, 2013). Esse sujeito emancipado teria descoberto, enfim, que muito além de ser um ser social, ele é um ser humano, com uma inteligência igual a todos os outros, capaz, portanto, de grandes realizações, assim como qualquer outro ser humano.

Tentar compreender, a relação da vida e obra de Joseph Jacotot para que se perceba de que lugar se está falando, bem como, analisar os principais aspectos históricos e filosóficos do método por ele descoberto¹⁰ nos permite recompor as ideias desse personagem que se colocou firmemente contra o pensamento pedagógico de sua época; baseado, segundo ele, em métodos

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Aqui é utilizado o termo “descoberto” porque para o autor do Ensino Universal, o método não poderia ser criado por ninguém, apenas descoberto, já que trata-se do método natural da inteligência humana. Para saber mais sobre o assunto consultar Rancière (2013).

da desrazão, obra de uma razão superior, que determina o sacrifício de uma razão, supostamente inferior, em nome de uma igualdade futura entre ambas (RANCIÈRE, 2013).

Conhecer o contexto sócio histórico da época em que o método foi criado também é importante, considerando que nos diferentes períodos da história da sociedade, encontramos também, diferentes ideias e teorias sociais, assim como, diferentes opiniões e instituições políticas. Tornando primordial compreender que esse fato se explica pelas diversas condições de vida material da sociedade nos diferentes períodos do desenvolvimento social. Da mesma forma, analisar as ideias discordantes de Jacotot só é possível integrando-as a sua vida e comportamento, sabendo que este comportamento não é determinado somente pelo indivíduo, mas, sobretudo, pelo grupo social e pelas contingências dos acontecimentos político-sociais a que está submetido o sujeito. Jacotot pretendia romper com uma crença educativa que aos olhos de seus contemporâneos era inquebrantável.

Nascido em março de 1770 na cidade francesa de Dijon e falecido em 1840, na cidade de Paris, Jean-Joseph Jacotot atuou como professor em diversas áreas do conhecimento. “Foi advogado, militar a serviço da Revolução Francesa e um pedagogo inovador” (TONIATTI, 2015, p. 45). Quando criança, Jacotot frequentou o colégio de Dijon e já aos dezenove anos foi nomeado professor de humanidades, mais tarde estudou Direito e também Matemática, dessa vez por conta própria. Organizou também a federação da juventude de Dijon, em 1788, unindo-a com as de outras províncias em defesa da Revolução. Foi ainda eleito capitão de uma companhia de artilharia do batalhão da Côte d’Or, departamento francês onde se localizava sua cidade. Tempos depois foi diretor substituto da Escola Politécnica em 1794 e, ocupou em Dijon a cadeira de Método das Ciências. Segundo Toniatti (2015, p. 48): “Jacotot desde então já inovava em sua pedagogia [mesmo que sem o saber], motivando os alunos a se posicionar e argumentar livremente em debates que ele se limitava a enunciar”.

Toniatti (2015), citando a biografia de Jacotot, escrita por Achille Guillard (1799-1876) em 1860, elucida que durante sua vida, o criador do Ensino Universal, publicou várias obras, que foram reeditadas repetidas vezes e polemizadas em diferentes países. Em 1818 publicou *Enseignement universel – Langue maternelle* [Ensino universal – Língua materna], dedicada ao ensino de Francês e onde lança as bases de seu método; essa obra foi traduzida duas vezes para o alemão. Em 1824, publicou *Langue étrangère* [Língua estrangeira] em que trata do ensino do latim; no mesmo ano, publicou *Musique, dessin et peinture* [Música, desenho e pintura]. Em 1828 é a vez de *Mathématiques* [Matemática]. Depois, em 1835

Jacotot publicou em Paris *Droit et philosophie panécastique* [Direito e filosofia panecástica]. Ainda após a sua morte, seus dois filhos publicaram *Mélanges posthumes* [Misturas póstumas] em 1841. Além disso, foram publicados diversos artigos no *Journal de l'Émancipation intellectuelle* [Jornal da Emancipação intelectual], [...] de 1829 a 1842” e também no *Journal de philosophie panécastique* [Jornal de filosofia panecástica]. (TONIATTI, 2015, p. 50-51).

2.1- OS ANOS DA REVOLUÇÃO: A INSTITUIÇÃO DA DESIGUALDADE COMO PONTO DE PARTIDA PARA A EMANCIPAÇÃO DO POVO

Jacotot viveu entre os países de França, Holanda e Bélgica. Foi contemporâneo da Revolução Francesa, um processo social e político ocorrido na França entre 1789 e 1799, cujas principais implicações foram, a queda de Luís XVI, a abolição da monarquia e a proclamação da República. Mais que isso, através da Revolução:

[...] A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido as ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Esta foi a obra da Revolução Francesa [...] (HOBSBAWN, 1981, p. 71-72).

O século XIX ficou conhecido como a “era da revolução democrática”, mas segundo o historiador Hobsbawn (1981), a Revolução Francesa apresentou as mais profundas consequências de todos os fenômenos contemporâneos a ela, isso por três motivos: ocorreu no Estado mais populoso e poderoso da Europa; foi uma revolução social de massa, diferentemente das revoluções antecessoras e até sucessoras a ela e; foi, entre todas as revoluções contemporâneas, a única ecumênica. Por esses motivos suas ideias conseguiram revolucionar o mundo, tanto que repercutiram em vários países, ocasionaram os levantes que trouxeram à libertação da América Latina depois de 1808. A influência dessa Revolução ganhou proporção universal, uma vez que forneceu o padrão para todos os movimentos revolucionários subsequentes, e suas ideias foram incorporadas ao socialismo e ao comunismo modernos (HOBSBAWN, 1981).

É claro que a Revolução não foi um movimento unitário e organizado em defesa de interesses iguais, a massa de trabalhadores pobres, estava nela por conta da fome e da

opressão, eram motivos práticos e urgentes. Não conseguiam atuar de forma independente, por isso, seguiam os líderes da Revolução, e estes pertenciam a uma outra classe: eram os burgueses, um grupo coeso, com ideias gerais bem formuladas, as do liberalismo clássico; herdadas dos filósofos e economistas do século XVIII, que para Hobsbawm (1981, p. 77): “podem ser, com justiça, considerados responsáveis pela Revolução. Ela teria ocorrido sem eles; mas eles, provavelmente, constituíram a diferença entre um simples colapso de um velho regime e a sua substituição rápida e efetiva por um novo”.

Boto (1996) também destaca que o movimento Iluminista predominou na Europa do século XVIII ao defender a superioridade da razão sobre a fé e, representar a visão de mundo da burguesia, apoiando valores liberais, tanto na política quanto na economia. A Revolução, baseada nas ideias defendidas pelo liberalismo clássico, acreditava-se como um novo começo, em que o poder absoluto do rei se transferiria para o povo. Era tempo de renegar um passado de antigas ideias de tradição e hierarquia, em que monarcas, aristocratas e a Igreja Católica dominavam e de fazer o futuro baseado em novos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, sabendo que isso não se aplicava a todos. A tão afamada Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 é a mais tácita demonstração do pensamento revolucionário burguês, pois:

[...] Este documento é um manifesto contra a sociedade hierárquica de privilégios nobres, mas não um manifesto a favor de uma sociedade democrática e igualitária. “Os homens nascem e vivem livres e iguais perante as leis”, dizia seu primeiro artigo; mas ela também prevê a existência de distinções sociais, ainda que “somente no terreno da utilidade comum”. A propriedade privada era um direito natural, sagrado, inalienável e inviolável. Os homens eram iguais perante a lei e as profissões estavam igualmente abertas ao talento; mas, se a corrida começasse sem *handicaps*, era igualmente entendido como fato consumado que os corredores não terminariam juntos. A declaração afirmava (como contrário à hierarquia nobre ou absolutismo) que “todos os cidadãos têm o direito de colaborar na elaboração das leis”; mas “pessoalmente através de seus representantes”. E a assembleia representativa que ela vislumbrava como o órgão fundamental de governo não era necessariamente uma assembleia democraticamente eleita, nem o regime nela implícito pretendia eliminar os reis. Uma monarquia constitucional baseada em uma oligarquia possuidora de terras era mais adequada à maioria dos liberais burgueses do que a república democrática que poderia ter parecido uma expressão mais lógica de suas aspirações teóricas, embora alguns também advogassem esta causa. Mas no geral, o burguês liberal clássico de 1789 (e o liberal de 1789-1848) não era um democrata mas sim um devoto do constitucionalismo, um Estado secular com liberdades civis e garantias para a empresa privada e um governo de contribuintes e proprietários (HOBSEBAWN, 1981, p. 77).

Portanto, este era o documento que expressava os desejos de um determinado grupo social, embora se travestisse como vontade geral da recém-criada nação francesa. Os objetivos da burguesia moderada¹¹ eram o de racionalizar e transformar a França. Mas mesmos entre os burgueses havia distinção, e os Jacobinos, que se opunham aos moderados – se destacaram por seu ímpeto revolucionário que mobilizava o povo e fazia parecer mais palpável o sonho da justiça social – ganharam notoriedade entre a massa de franceses. Embora esse grupo tenha ficado conhecido pelo terror relacionado guilhotina, e realmente fizeram uso dela como instrumento temporário até que a liberdade viesse a se estabilizar (BOTO, 1996), os ideais de abolição da escravidão nas colônias francesas; Educação para todos; Fim de todos os privilégios do clero e da nobreza na França; Ajuda aos necessitados; etc., defendidos por esse grupo afinava-se, muito mais que os do primeiro, ao desejo do povo.

O pedagogo Jacotot, estava envolto em meio ao clima revolucionário. Chegou até ser eleito deputado na Câmara dos Representantes pelo departamento da *Côte d'Or*, embora à sua revelia, em 1815, durante o governo dos Cem Dias. Período da Revolução que marca a volta de Napoleão Bonaparte ao poder após sua fuga do exílio na ilha de Elba. Jacotot fez parte de um pequeno grupo que apoiava abertamente o então Imperador constitucional (TONIATTI, 2015). Pouco tempo depois, a monarquia Bourbon foi restaurada, embora sob um novo regime, como uma monarquia constitucional diferente do antigo Regime Absolutista e tendo limites em seu poder. Jacotot, contudo, “[...] depois de expressar sua hostilidade aos bourbons teve de se exilar na Bélgica até que, depois dos acontecimentos de 1830¹², voltou à França e se pôs a difundir sua grande descoberta de 1818: o Ensino Universal” (CASTILLO, 2013, p. 68)¹³.

2.2 A DESCOBERTA DE UM MÉTODO QUE EXISTE DESDE SEMPRE

No tempo em que estivera exilado nos distantes Países Baixos, Jacotot obteve do rei o posto de professor em meio período, e dentre os primeiros estudantes que a ele acorreram para

¹¹ A burguesia moderada era representada pelos Girondinos e queriam evitar a instalação da república que garantiria uma participação maior dos trabalhadores urbanos e rurais na política.

¹² O movimento das Revoluções liberais de 1830 que se iniciou na França, com o levantamento que ficou conhecido como a Revolução dos Três Dias Gloriosos, se alastraram-se pela Europa: a Bélgica se libertou da Holanda e houve tentativas (fracassadas) de unificação da Alemanha e da Itália e de libertação da Polónia. O movimento teve também posteriores repercussões em Portugal e Espanha. No Brasil, no dia 7 de Abril de 1831, um forte movimento de oposição popular levou o Imperador Dom Pedro I à abdicação. Em 1829, a Grécia já se libertara da dominação turca (HOBSBAWN, 1981).

¹³ Tradução nossa.

aprender, nenhum conhecia o francês, o mestre, por sua vez, ignorava o holandês, o que fez Jacotot foi pôr nas mãos dos alunos um livro, *Telêmaco*, de Fenelón, em edição bilíngue (francês/holandês). Ele solicitou-lhes, com ajuda de um intérprete, que aprendessem o francês, amparados pela tradução, sem nada lhes explicar quanto ao uso da língua francesa. Quando os alunos tinham lido até a metade do livro primeiro, Jacotot pediu-lhes que repetissem sem parar o que haviam aprendido, e quanto a segunda metade, que se dignassem a ler para poder narrar como pudessem (RANCIÈRE, 2013). Foi uma situação de improviso, mas Jacotot ficou estarecido com o resultado daquela simples ação:

[...] Eu havia sido explicador por toda a minha vida, por conseguinte, cria como todos os meus colegas que as explicações, e sobretudo minhas explicações, eram necessárias: qual foi minha surpresa quando vi que se podia prescindir delas! O feito estava diante dos meus olhos, não me era possível pô-lo em dúvida. Tomei meu partido, e me decidi a não explicar nada para assegurar-me até onde podia ir o aluno deste modo, sem explicações. Sucedeu que os alunos situavam a ortografia e seguiam as regras da gramática à medida que os vinte quatro livros se lhes tornavam familiares através da repetição. Porém um resultado que me surpreendeu além de toda a expressão foi ver a alguns pequenos estrangeiros escrevendo como os escritores franceses, e por conseguinte, melhor que eu e meus colegas explicadores (JACOTOT, 2008, p. 290).¹⁴

Tal foi a revelação dessa experiência, que Jacotot não pôde ignorá-la, passou então a defender o método que havia descoberto por acaso. A ideia de que as explicações, em que se sustenta a educação, são desnecessárias se fez tão nítida ao espírito daquele professor, que ele passou a negá-las por completo. E para comprovar até onde essa opinião poderia chegar, pôs-se a ensinar o que ignorava. Ensinou pintura e piano, duas matérias em que era incompetente, ensinou também alunos de Direito a pleitear em holandês, sendo que ele mesmo continuava ignorando essa língua (RANCIÈRE, 2013). E essas experiências bastaram a Jacotot para que pudesse estabelecer os princípios de seu método: Todos os homens têm inteligência igual; Todo homem recebeu de Deus a faculdade de ser capaz de se instruir; Podemos ensinar o que não sabemos; Tudo está em tudo. Aliás, para Jacotot não se tratava de um método, mas de um caminho, uma opinião, uma experiência que começava justamente por suspeitar que: “Todos os homens tem uma inteligência igual” (JACOTOT, 2008, p. 26) e a fazer dessa hipótese o mais importante princípio do Ensino Universal.

O pedagogo Jacotot foi participante de um período onde se via surgir experiências e reformas pedagógicas que prepararam o campo da instituição da escola pública obrigatória francesa, a ideia de instrução do povo como meio necessário para qualquer emancipação

¹⁴ Tradução nossa.

possível era amplamente compartilhada em sua época, bem como, a crença na necessidade de intervenção das instituições públicas para o alcance desse objetivo (CASTILLO, 2013). O movimento revolucionário de 1789 dispensou especial atenção ao ensino popular e elementar, a luta era também em defesa de uma formação gratuita, leiga, universal, obrigatória, pública e estatal, princípios que foram inscritos progressivamente na legislação revolucionária desde a Constituição de 1791, como destaca Hilsdorf (2006, p. 188-189):

[...] a Constituição de 1791 aprovou o ensino elementar gratuito oferecido pelo Estado; em abril de 1792, por projeto de Condorcet, foram criadas escolas elementares gratuitas, leigas e iguais para ambos os sexos, com o objetivo explícito de “formar-lhes a razão”; em julho de 1793, a partir de um projeto de Lepeletier, apresentado por Robespierre, os lugares onde ela ocorreria, ou seja, internatos para os jovens revolucionários, nos quais meninos e meninas dos cinco aos doze anos de idade seriam educados por um currículo comum, com ênfase em exercícios físicos e práticas de formação cívica; e, em dezembro de 1793, por projeto dos deputados Bouquier, Barère e Lakanal – este um antigo aluno dos lassalistas convertido à Revolução – definiu-se essa educação como obrigatória e nacional, baseada no ensino da leitura, da escrita, da aritmética, de noções de gramática, da prática das medidas, da lição de coisas, e da moral republicana, dado por professores contratados pelo Estado.

De fato, a Revolução pretendia criar um novo tipo de homem, emancipado, livre e igual, era necessário libertar a consciência popular das marcas e costumes daquele passado de opressão. A instrução do povo pela via da escola era urgente e necessária, só ela seria capaz de “imprimir na alma dos novos cidadãos o registro da sociabilidade inédita que recriaria os costumes, os hábitos, os valores e a própria tradição” (BOTO, 1996, p. 99). A escola ganhava a partir desse momento o status de instituição, já que o povo deveria ser instruído não pela família, mas pela pátria e para a nação.

O Estado, representado pela instituição escolar, passa a ser então, o grande pedagogo, e o povo, o permanente educando. A instrução de um povo incapaz, guiado pela experiência, passa a ser tarefa dos representantes do conceito soberano de povo, no qual o primeiro deve converter-se. Jódar e Gómez, (2003, p. 247) afirmam: “[...] quer dizer, a direção do ignorante por aqueles que sabem, de indivíduos encerrados em seu particularismo pelo universal da razão, de uma multidão estúpida por uma raça inteligente [...]”¹⁵. A própria ideia de educação pública toma como princípio a desigualdade das inteligências.

Mesmo a igualdade enunciada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, não passa de uma profecia que carrega um propósito de pedagogia política ao declarar

¹⁵ Tradução nossa.

que “ao conhecer seus direitos, o povo veria sentido em amá-los e defendê-los” (BOTO, 1996, p. 71). E não é novidade que a emancipação popular pela via da instrução ainda estar para se cumprir, assim como, sua soberania. Essa soberania que se mostra como um ideal a se realizar nunca será palpável, por que a sociedade lhe impõe suas leis e corporações explicadoras. Por isso, Jacotot se rebelou contra essa visão, a emancipação, segundo ele, se dá entre indivíduos, que se descobrem iguais, nunca por meio de instituições; os homens são iguais e soberanos enquanto indivíduos, mas nunca o serão enquanto cidadãos:

[...] O povo se aliena em seu chefe exatamente da mesma forma como o chefe se aliena em seu povo. Essa sujeição recíproca é o próprio princípio da ficção política como alienação original da razão em relação à paixão da desigualdade. O paralogismo dos filósofos consiste em imaginar um povo de *homens*. Mas esta é uma expressão contraditória, um ser impossível. Não há senão povos de cidadãos, de homens que alienaram sua razão à ficção desigualitária (RANCIÈRE, 2013, p. 129).

Por isso, para Jacotot, não se conseguiria um povo livre e igual com leis e constituições, por que a igualdade entre homens não pode ser decretada por lei ou pela força, nem tão pouco pode ser recebida passivamente. Ela somente pode ser verificada por cada pessoa que numa constante atenção a si mesmo encontra frases próprias para se fazer compreender por seus iguais (RANCIÈRE, 2013). De acordo com o Ensino Universal, nem a educação, nem a política deveria partir da desigualdade e tentar anulá-la com ações corretivas, afim de fazer iguais a desiguais (CERLETTI, 2003). Mas ao contrário, deveriam sim, reconhecer a igualdade entre as inteligências, que torna possível a horizontalização das relações de poder e suscita em cada um o protagonismo intelectual.

Houve, durante o século XIX, a discussão sobre a quem deveria se delegar a instrução do povo e se cogitou se a ele caberia à tarefa de instruir-se sem esperar do governo ou do clero. Porém, com o fortalecimento do Estado coube a este a missão de compensar o atraso geral da maioria da população, uma vez que os pais de família eram analfabetos, o que tornava impensável a ideia de que pudesse instruir a si mesmo. E a eficiência de cada método era medida por sua capacidade de ensinar mais ao maior número de ignorantes possível. O problema, na perspectiva jacotiana, é que todo o ensino clássico se apoia na ideia supostamente neutra da explicação-transmissão, cuja matriz sustenta que há um conhecimento que o mestre detém e o transmite ao aluno que, por sua vez não o detém, nem pode vir a deter sem a explicação do mestre:

[...] Porém o reconhecimento desta distinção entre os que sabem e os que não, que é inerente a existência mesma de qualquer magistério, não só define

a relação que cada um tem com os conhecimentos, como, e isto é o mais importante, demarca uma série de estamentos. Com efeito, tomar consciência da segmentação que produz o domínio de certos saberes faz com que cada um internalize o lugar que ocupa e veja que a possibilidade de ascender vem ligada a subordinação – a princípio, intelectual – a um explicador (CERLETTI, 2003, p. 301-302).¹⁶

Cria-se a necessidade de mediadores sociais em nome de uma incapacidade técnica ou operacional da maioria. Não só os pedagogos, mas também economistas, tecnocratas, políticos, etc. (CERLETTI, 2003). Assim a sociedade faz a segmentação de corpos e lugares, o que, para Jacotot é embrutecer, porque hierarquiza as inteligências e as divide em inferiores e superiores.

Analísado tecnicamente, o método do Ensino Universal, proposto por Jacotot, se divide em três partes: “mnemónica, analítica y sintética” (CASTILLO, 2013, p. 70), que consistem respectivamente em: Entregar a memória do aluno ao texto; Obrigar o aluno a refletir e distinguir por ele mesmo, as vozes e as relações que unem as ideias; Fazer o aluno compor redações sobre os distintos temas com os materiais que encontrou nas duas primeiras etapas. Era imprescindível para o método desenvolvido por Jacotot que a inteligência do mestre, assim como a do aluno, estivessem num mesmo plano de ignorância com relação ao conteúdo ou mesmo que o aluno aprendesse sozinho e sem a necessidade de mestre, confrontando-se somente com a inteligência do autor do livro ao qual dedica sua atenção.

Nesse sentido, Castillo (2013) adverte que não se deve confundir o Ensino Universal com outras tantas propostas pedagógicas que circularam no século XIX, pois não há por sua singularidade, a possibilidade de que seja uma opção entre outros métodos, não se trata de aprender mais ou menos bem ou mais ou menos rápido. Trata-se da mais extrema radicalidade de pensar e fazer educação em relação à pedagogia instituída no ensino clássico. E para se medir a efetividade do Ensino Universal há que se considerar não o que ele realiza, mas o que dar lugar a ser realizado por cada homem em sua própria aventura intelectual. (JÒDAR; GÓMEZ, 2003).

O Ensino Universal se afasta até mesmo dos chamados métodos naturais que se inspiram na mesma base que a sua, como o naturalismo pedagógico, baseado na teoria de Rousseau (CASTILLO, 2013). O descobrimento de Jacotot não se tratava de uma cadeia de procedimentos fechados e ordenados a serem reproduzidos, se tratava de acreditar que a natureza humana é capaz de instruir-se sozinha. No entanto, o livro assumia um papel

¹⁶ Tradução nossa.

fundamental no Ensino Universal, pois ele era o meio mais fácil para que um pai de família pudesse emancipar a seu filho. Mas não somente o livro, qualquer objeto criado pela mente humana podia ser causa de conhecimento para um ignorante. Para Rancière (2013, p. 44-45), esse elemento formaria junto com o mestre e o aluno o círculo da potência:

[...] O livro, [ou uma obra de arte, uma partitura, ou qualquer objeto criado pela mente humana] quanto a ele, está pronto e acabado. É um todo que o aluno tem em mãos, que ele pode percorrer inteiramente com o olhar. Não há nada que o mestre lhe subtraia, e nada que ele possa subtrair ao olhar do mestre. O círculo abole a trapaça. E, antes de mais nada, essa grande trapaça, que é a incapacidade: *eu não posso, eu não compreendo...* Não há nada a compreender. Tudo está no livro. Basta relatar – a forma de cada signo, as aventuras de cada frase, a lição de cada livro. É preciso começar a falar. Não digas que não podes. Tu sabes dizer *eu não posso*. Diga em seu lugar, *Calipso não podia...* E terás começado. Terás começado por um caminho que já conhecias e que deverás, daqui por diante, seguir sem dele te afastares. Não digas: *eu não posso dizer*. Ou, então, aprende a dizê-lo a maneira de *Calipso*, ou de *Telêmaco*, de Narval ou de Idomeneia. O outro círculo já foi começado, o da potência. Não cessarás de encontrar maneiras de dizer *eu não posso* e cedo, poderás dizer tudo.

Por sua crença na potência intelectual de cada homem Jacotot pedia que se abrissem a todas as pessoas, os livros, os anfiteatros, os laboratórios de física (CASTILLO, 2013), e todos os templos do conhecimento, que a sociedade insiste em manter no secreto, ou dificultar seu acesso através de suas normatizações. O aluno emancipado não necessita de mestres ou instituições de ensino para conduzi-lo no labirinto do conhecimento que ele pode percorrer sozinho se, se mantém atento, ele sabe que “tudo está em tudo”, ele não cessará de conhecer e de conhecer-se a si mesmo nesse percurso.

2.3- UM MESTRE QUE É OPERÁRIO: O EFEITO SOCIAL DO ENSINO UNIVERSAL

Jacotot anunciou que qualquer um pode ser um mestre emancipador, estendendo a condição de mestre ao pai analfabeto, ou a qualquer outro sujeito que se aplique a refletir, “sem explicações mediantes, sobre a semelhança moral e intelectual que existe entre todos os homens” (CASTILLO, 2013, p. 73). Essa posição não poderia vingar no imaginário da época, pois colocava em questão as bases do sistema educativo que se fortalecia naquele momento. Mas Jacotot continuará a defender que existem duas formas de instruir, uma que embrutece, quando se confirma uma incapacidade do ignorante, pretendendo reduzir a distância do não

saber ao saber; a outra que emancipa, quando se força uma capacidade que se ignora ou se nega que se tem, para extrair dela todas as possibilidades de que é capaz (CERLETTI, 2003).

Jacotot considerava que a ideia iluminista de estender o saber a população ignorante como medida emancipadora resultava em um círculo da impotência, por conta da filosofia social que esse tão nobre intento escondia (CASTILLO, 2013). A ideia de que o povo careceria da tutela do Estado para se tornar emancipado daria a quem ensina o que sabe, poder sobre o que supostamente não sabe. A emancipação, assim, no campo da abstração, torna-se algo que jamais será alcançado.

Para Jacotot esse sistema artificioso focava-se no que havia de pior no povo, toma como ponto de partida a sua suposta ignorância e incapacidade, com o propósito de atingir uma igualdade que nunca se efetua. Desprezando no homem do povo sua potência e o mantendo sempre em posição cativa, humilhado. Contrário a esse sistema, Jacotot defende que cada homem possa conceber sua dignidade humana, tomando a medida de sua capacidade intelectual e decidindo o uso que fará dela. Por isso, Jacotot (*apud* JÒDAR; GÒMEZ, 2003, p. 249) propunha:

[...] através da ação sobre o jogo de relações existente “fazer circular a energia elétrica da emancipação” (idem, *ibid.*, p. 180) no corpo social, de modo que se desborde o pressuposto que sustenta o processo de instrução: a desigualdade das inteligências. Práticas e relações que não são um meio para obter a igualdade, para um fim situado em outro lugar, mas que tem efeitos reais em si mesmas, constituem a verificação da igualdade.¹⁷

O povo emancipado colocaria em questão a visão embrutecedora do mundo que defende a desigualdade de inteligências, e compreenderia do mesmo modo que toda a racionalidade que mantém a ordem social, em suas classificações e estratificações não passa de uma convenção. Jacotot percebeu que as explicações, base da pedagogia, e que é a condução dos alunos por etapas da ignorância até o saber, antes de ser um veículo indispensável ao magistério é uma arma sutil de imposição e dominação. Ele compreendeu que se essa relação vertical entre mestre e aluno, não é natural, como pensara a pedagogia. Sendo assim, a construção de uma relação oposta a esta, seria também possível, e Jacotot usou de todos os seus esforços para levar até as últimas consequências a novidade que vislumbrara (CERLETTI, 2003).

¹⁷Tradução nossa.

Em Jacotot, a emancipação começa quando se questiona a oposição entre ensinar e aprender, já para os seus contemporâneos, a emancipação era um ideal, que só viria através da superioridade do ensinar. O mestre emancipador é causa de conhecimento para o aluno sem lhe transmitir qualquer conhecimento, quando o obriga a buscar e verificar sua própria busca. Diferente do mestre explicador que é detentor do conhecimento que o aluno só poderá absorver dele.

Dentro da lógica emancipatória de Jacotot, aluno e professor estabelecem uma relação de vontades, quando o indivíduo não é ainda emancipado será a vontade do professor que o obrigará a manter-se atento em sua busca pelo conhecimento. A vontade do aluno obedece à vontade do professor, porém sua inteligência está livre para agir como queira. Já a inteligência do professor está de fora dessa relação, é somente a sua vontade que dirige o aluno por um caminho que o mestre não percorreu, a rota é própria do aluno. Como destaca Cerletti (2003) o único imperativo admitido no Ensino Universal é este: “Você pode!”.

Jacotot anunciou a partilha comum a toda humanidade, a potência intelectual de todo ser humano de aventurar-se confiando cada um na sua capacidade intelectual de poder adivinhar aquilo que seu semelhante disse ou escreveu e experimentar todas as consequências educacionais, políticas e sociais que essa aventura pode oferecer. De certo, a sociedade contemporânea a Jacotot não o levou a sério, não abriria mão de seus mestres, instituições e legislações. Porém, nos refastelamos com a radicalidade do pensamento de Jacotot, mais do que um método a ser adotado entre tantos outros, sua descoberta pressupõe a confiança integral na potência humana. Nada mais digno do conhecido, porém não concretizado, *slogan* de “igualdade, liberdade, fraternidade” que animou a Revolução Francesa.

O Ensino Universal não se refere a um método, antes poderia ser entendido como o entende Rancière (2008), um anti-método, ele se alude a forma natural do aprendizado não escolar, enquanto os métodos que se fundamentam na explicação, estes sim, segundo Jacotot, representam uma novidade que interrompe o processo natural da inteligência humana e em seu lugar instala um processo de ordenamento hierárquico, rompendo em dois, o mundo das inteligências e agrupando as pessoas em dois lados avessos, há aquelas que são sábias e há as que sempre serão ignorantes. Rancière (2013) vê no fato do Ensino Universal sempre ter existido uma contradição que desafia a crença ordinária e compartilhada pela maioria, a crença na explicação. Argumenta o autor:

Aí está o paradoxo. Pois, refletindo bem, o “método” que ele propõe é o mais velho de todos e não para de ser ratificado, todos os dias, em todas as circunstâncias em que o indivíduo tem necessidade de se apropriar de um conhecimento que não tem como fazer que lhe seja explicado. Não há homem sobre a Terra que não tenha aprendido alguma coisa por si mesmo e sem mestre explicador. Chamemos a essa maneira de aprender “Ensino Universal” e poderemos afirmar: “o Ensino Universal existe, de fato, desde o começo do mundo ao lado de todos os métodos explicadores. Esse ensino, por si só, formou, de fato, todos os grandes homens.” Mas, eis o que é estranho: “Todo homem faz essa experiência mil vezes em sua vida, e, no entanto, jamais ocorreu a alguém dizer ao outro: aprendi muitas coisas sem explicações e creio que, como eu, também podeis [...] nem eu nem quem quer que seja havia pensado em empregar esse método para instruir os outros.” Bastaria dizer à inteligência que dormita em cada um: *Age quod agis*, continua a fazer o que fazes, “aprende o fato, imita-o, conhece-te a ti mesmo, é a marcha da natureza.” Repete metodicamente o método do acaso que te deu a medida de teu poder. A mesma inteligência está em ação em todos os atos do espírito humano (RANCIÈRE, 2013, p. 35).

O Ensino Universal é entendido, não como um método criado para melhor instruir, antes é visto como a crença na potência humana que habita cada indivíduo. Por isso, para Jacotot seu método tratava-se de uma descoberta muito simples: cada homem vivencia situações de emancipação desde o seu nascimento, ao aprender sem explicações. Basta que cada um se dê conta desse fato, e o Ensino Universal servirá para aprender as mais distintas disciplinas: matemática, geografia, física, história... utilizando o mesmo procedimento que é, ler, reler, aprender de memória, relatar e verificar um texto qualquer sobre o que se quer aprender (RANCIÈRE, 2013). Só dois requisitos são indispensáveis para tanto, conhecer a boa nova da emancipação, ou seja, saber que é um ser emancipado e com poder emancipador e; ter força de vontade, que é a potência de agir segundo movimento que lhe seja próprio (RANCIÈRE, 2013). Crédulo na opinião de que todo ser humano é um animal razoável e capaz, portanto, de captar relações entre as coisas por ele conhecidas e as que ainda não conhece através da comparação entre ambas, Jacotot declara que qualquer um, um pai de família pobre, um operário pode ser um mestre, se se dispõe a ensinar aquilo que ignora.

Para nós, Joseph Jacotot, mais que um professor, soldado e revolucionário na França do século XIX, foi um homem que experimentou a cada passo de sua trajetória a veracidade da opinião que proclamava. Foi sensível e atento a ponto de não deixar passar em desmazelo um acontecimento que colocava em perigo sua própria cátedra de mestre. Mais que isso, ousou a anunciar em todas as direções possíveis a constatação de que fora testemunha no momento crucial em que toda a preocupação dos intelectuais da época era a descoberta de métodos mais eficientes para retirar o povo da ignorância e a edificação de instituições e leis

que pudessem progressivamente garantir a ascensão de todos os homens a um estágio de igualdade por meio da educação.

Ao anunciar que a explicação não era necessária e que todo o aperfeiçoamento nessa direção era falaz, Jacotot proclamava que era preciso abandonar tudo o que se tinha construído até ali em nome de uma sociedade livre, igual e fraterna, era preciso mudar de rota e estabelecer um novo começo. A direção estava errada por que errou-se o ponto de partida, não é da desigualdade que se deve partir, mas da igualdade, pois ela já existe, sempre existiu, só precisa ser verificada.

As ideias de Jacotot viajaram até o Brasil, trazidas pelo intelectual Benoît Jules Mure. Contudo, por conta de sua profissão como médico homeopata e seu embasamento socialista, Mure faz uma interpretação das ideias de Jacotot que tomarão conotações próprias em território brasileiro, por isso, nos dedicaremos a conhecer os alicerces de sua ação e pensamento intelectual.

3- HOMEOPATIA, SOCIALISMO E EMANCIPAÇÃO: O ITINERÁRIO DE BENOÎT MURE

Espalhe-se o methodo Jacotot, e teremos feito um progresso maior que qualquer revolução política; teremos alcançado a emancipação intellectual. Seja o Brazil o theatro desta nova reforma apenas esboçada na Europa. Ponha-se á frente deste novo progresso e a humanidade inteira applaudirá a esta generosa iniciativa.

Benoît Mure, 1846

As ideias pedagógicas de Joseph Jacotot atravessaram fronteiras continentais no século XIX, por meio de seguidores e admiradores do seu pensamento. Benoît Jules Mure se caracteriza como um desses divulgadores, não somente do Ensino Universal de Jacotot, como também da ciência médica de Hahnemann e do socialismo de Fourier. Nesta seção, destacamos as influências dessas teorias no pensamento e atuação social de Mure. Segundo Sirinelli (2005) a observação e o cotejo de itinerários nos permite desenhar mapas mais precisos dos grandes eixos de engajamento dos intelectuais. Do mesmo modo, conhecer os efeitos da idade, que desembocam nos fenômenos de geração por meio de um acontecimento fundador, permite ao pesquisador compreender a bagagem genética extraída de uma geração passada e que forma juntamente com o novo, que a geração atual agrega, o pensamento do intelectual.

Benoît Mure foi durante a sua vida médico, engenheiro, inventor, editor, pensador político e poeta. Aliás, via com naturalidade que um homem pudesse ser sapateiro e intelectual ao mesmo tempo. Pretendeu realizar uma dupla reforma, médica e social, por acreditar ser possível a construção de uma sociedade harmoniosa em que finalmente se atingiria a igualdade entre os homens. Segundo Gallo (2013), Mure era um intelectual que sonhava com a realização de uma comunidade perfeita, acreditando ser possível a criação de uma lei geral que pudesse solucionar os problemas da sociedade. E por conta de sua crença utopista tentou operar uma costura dos elementos aproximativos entre diferentes campos, como argumenta a pesquisadora:

Nos domínios da religião escolheu a revelação de Swedenborg, com seu sistema de analogias e da comprovação da existência da alma. A isto

relacionou o mesmerismo e o magnetismo com a inovação sobre as vontades exercidas pela força de energias invisíveis, em seguida a homeopatia que desvendava a linguagem da natureza e a comunicabilidade com a linguagem dos homens. Em seguida, incluiu a emancipação intelectual e social proposta por Jacotot, cujo método inspirou a própria produção intelectual de Mure. Finalmente, Fourier inventor do falanstério como aplicação no social dos princípios que todos os outros haviam descoberto para domínios mais específicos. Fourier e Hahneman representavam para Mure, a unidade do conhecimento (GALLO, 2013, p. 27).

Em suas obras, Mure relaciona entre si ciências de conteúdos diversos, sem enxergar nisso algum tipo de contradição porque acreditava numa ciência única, que se achava dividida em vários ramos. Condensou as ideias dos autores por ele admirados, entre os quais destacamos como principais, Samuel Hahnemann, criador da homeopatia; Charles Fourier, socialista utópico que idealizou os falantérios¹⁸ e Joseph Jacotot, descobridor do Ensino Universal, objeto do nosso estudo. Mure declarou-se discípulo desses filósofos dos quais foi contemporâneo e tentou estabelecer uma costura entre suas ideias para tornar concreto o mundo em que acreditava.

Benoît Jules Mure nasceu em 4 de maio de 1809, na cidade de Lion, França, filho único de ricos comerciantes de artigos em seda; recebeu uma cultura aprimorada e dominava 14 línguas (DINIZ, 2008). Como desde cedo apresentara uma saúde fraca, seus pais o envolviam de cuidados, apesar disso, foi acometido de uma tuberculose pulmonar ainda jovem. Segundo Rosenbaum (1999), Mure fora tratado por um dos médicos alopatas mais famosos da França no início do século XIX, Magendie; sem sucesso no tratamento o jovem fora obrigado então a ir para a Sicília por conta do clima, uma vez que poderia ajudar a adiar seu fatídico fim.

Lá, Mure teria entrado em contato com a teoria de Hahnemann (1755-1843), considerado o pai da homeopatia por tornar conhecidos os seus princípios através da obra “Organon da arte de curar”:

[...] Esta obra propunha um método terapêutico baseado na "lei dos similares", na qual "semelhantes curam-se pelos semelhantes", opondo-se aos princípios da medicina hipocrática. Segundo o princípio homeopático, os medicamentos a serem empregados deveriam ser capazes de provocar no indivíduo são a sintomatologia apresentada pelo indivíduo doente. Havia assim, uma individualização do paciente e do medicamento a ser adotado. (ESCOLA..., 2016, p. 1).

¹⁸ Falanstério era a denominação das comunidades intencionais idealizadas pelo filósofo francês Charles Fourier. Consistiam em grandes construções comunais que refletiriam uma organização harmônica e descentralizada (BARROS, 2011). Mure, como seguidor do socialismo de Fourier, pretendeu aplicar suas ideias no Brasil.

Tal leitura provocou Mure fazendo-o voltar a Lion exigindo ser tratado por um homeopata. Submeteu-se então a um tratamento homeopático sendo assistido por Sebastião Des Guidi, discípulo de Hahnemann, e introdutor da homeopatia na França; o tratamento deu certo e mudou a vida de Mure para sempre, pois por conta desse acontecimento, mas não somente por ele¹⁹, interessou-se pela medicina homeopática e se tornou um incansável divulgador da nova técnica médica (ROSENBAUM, 1999, p. VII).

Logo após sua recuperação, Mure começa a estudar medicina em Montpellier²⁰ e paralelamente aos seus estudos na faculdade segue instruindo-se acerca da homeopatia, também chamada “a nova arte” (JANOT, 1999, p. XII). Buscou ensinamentos aprofundados junto aos homeopatas mais renomados da Europa e destacou-se como um dos maiores propagandistas da homeopatia e partidário de Hahnemann.

3.1- CIÊNCIA PARA A VIDA: A PROPAGANDA HOMEOPÁTICA DE MURE

Mure engaja-se fortemente na propagação da homeopatia, levando a nova medicina a difundir-se pela Europa, África e América. Na Europa, passa por Malta, onde converte alguns clínicos. Depois se destaca no episódio da cólera que ocorre por volta de 1837, na cidade italiana de Palermo, onde se une a De Blasi, médico também homeopata e juntos preconizam publicamente o emprego da cânfora e da água gelada para tratamento da epidemia. Essa atitude provocou embates contra a Academia de Medicina, que se negava a reconhecer os índices de cura apresentados pelos homeopatas, felizmente, por meio da pressão popular esses índices foram reconhecidos oficialmente (JANOT, 1999, p. XII).

Depois dessa vitória, Mure decide continuar em Palermo para empreender uma propaganda ainda mais intensa da homeopatia. Utilizou-se de vários meios para alcançar seu intento, já no início de 1838 abre um pequeno dispensário, traduz para o italiano o “Manual Patogenético” de Jahr, inventa as duas primeiras máquinas para o preparo em série de medicamentos homeopáticos, que eram, um triturador mecânico de pórfiro com contador de

¹⁹ Para Rosenbaum, os ímpetus científicos de Mure são intensos de mais para serem atribuídos somente a gratidão pela medicina que lhe salvara a vida. Mure encontra lógica e captura a realidade do método de Hahnemann e, além disso, é um utopista inconformado e, sobretudo um adorável maníaco, daqueles que acreditam que o desenvolvimento científico só é evolutivo quando aliado ao progresso ético (ROSENBAUM, 1999).

²⁰ Há aqui uma polêmica, pois, alguns dos acusadores de Mure no Brasil não o reconheciam como médico e o acusavam de ter comprado seu diploma em Montpellier (LOBO, 1968, p. 9).

giros e um aparelho de sucussão (JANOT, 1999, p. XII). No final de 1838 Mure já havia ampliado seu antigo dispensário, aumentando enormemente o número de atendimentos. Também divulgou a homeopatia por meio de cartazes, artigos de jornais e todos os veículos de comunicação possíveis à época, investindo incansavelmente em várias frentes junto com os colaboradores que fora convertendo, não media esforços para alcançar o seu intento, era médico quando tinha de ser e operário quando se fazia necessário, como destaca abaixo Janot (1999, p. XIII):

Mure pensa em remeter a cada clínico da ilha uma coleção de medicamentos policrestos homeopáticos. Sua tradução do “Manual” de Jahr serviria de guia. Todas as noites, após as consultas, o dispensário transforma-se em oficina e nela Mure e Calandra [médico que se tornou o principal colaborador de Mure à época], já fatigados pelo trabalho do dia, velavam até altas horas da noite com os operários. Na sala, ouviam-se os trancos da máquina de sucussão, os rangidos do triturador [...]

Mure parecia incansável, depois de sua estada em Palermo regressa a França, em 1839, para trabalhar ao lado do próprio Hahnemann que vivia então em Paris, assumiu publicamente ser partidário do mestre e passou a fazer parte de um seleto grupo juntamente com Jarh e Croseiro. Unidos fundaram o Instituto Homeopático da França, em 20 de dezembro do mesmo ano e abriram ainda dois dispensários. Enquanto Jahr e Croseiro ministravam cursos públicos a todos quanto os quisessem, Mure ficava encarregado da propaganda, através de publicações em periódicos e outros meios (JANOT, 1999, p. XIV).

Na América, Benoît Mure esteve no Brasil, país que escolheu, para realizar uma dupla reforma médica e social, como salienta Janot (1999, p. XV):

Mas o nosso propagandista, sobrecarregado por seus trabalhos, vê sua saúde definhar e a tuberculose retoma seu curso. Ele então decide expatriar-se novamente para um clima mais quente e escolhe o império brasileiro, que lhe oferecia a vantagem de aí fundar uma colônia-modelo, segundo os princípios de Fourier [...].

Uma vez chegado ao País, Mure entrega-se ao corajoso trabalho de divulgação da homeopatia numa terra desconhecida, utilizou-se dos métodos já empregados com sucesso na Europa: artigos para periódicos, afixação de cartazes, etc.

Depois de deixar o Brasil, Mure retorna a Martonville para rever seu pai, com quem parece não ter uma boa relação, pois este não entendia o caminho escolhido pelo filho e lamentava a ruína de sua fortuna. Em Paris, recomeça sua propaganda e nessa ocasião publica a sua obra “Patogenesia Brasileira e Doutrina da Escola Homeopática do Rio de Janeiro”, em 1849. Ainda nessa época edita outra obra de bastante sucesso intitulada “O Médico do Povo”, tratava-se de um resumo da matéria médica que se destinava aos leigos, uma forma de tornar

mais acessíveis os conhecimentos homeopáticos, e que, segundo Janot (1999, XIX), foi publicado com uma tiragem de 80.000 exemplares, o que para a época significava um grande sucesso. Em 1851 publica sua última obra, “A Homeopátia”, que também se esgotou rapidamente.

Mure pretendeu realizar uma colônia falansteriana também no Sudão e após vender seu consultório em Marselha, partiu junto a amiga Sophie Liet, uma homeopata bastante experiente, que liga-se ao homeopata até o final de sua vida. Faz propaganda no Cairo e ao longo do curso do Rio Nilo. Durante a campanha Mure sofre um atentado no Sudão, cujos ferimentos não foram fatais, graças à ajuda que recebeu de sua amiga Liet e de missionários de Cartum; porém concorrerão para sua morte cinco anos depois (DINIZ, 2008). Mure tenta fazer justiça contra seus agressores, mas não obtém sucesso, isso porque, segundo Diniz (2008), estes eram protegidos por pessoas de alto *status* na sociedade sudanesa; enfermo, Mure retorna então a Europa.

De volta à Itália, fixa residência em Gênova e em pouco tempo já tem um dispensário funcionando regularmente, houve nesse tempo um surto de cólera e Mure em parceria com o Dr. Gatti, também médico homeopata, publica um escrito de popularização dos cuidados que deveriam ser tomados contra aquela doença. Além disso, investe seu próprio dinheiro na distribuição de medicamentos homeopáticos para o tratamento da epidemia. Sua ação foi bem sucedida, dos 864 coléricos por ele atendidos, somente 8% não obteve a cura. Sendo que para a medicina alopática esse índice foi de 60% (JANOT, 1999. p. XX). O prefeito da cidade o quis recompensar por seus esforços, cobrando as perseguições que se faziam a alunos não médicos do dispensário, mas a atitude provocou uma revolta, sendo necessária a presença de tropas para acabar com a desordem. Mure, por receio de ser preso, retirou-se para Lion em 1854.

Nesse período sua saúde definhava seriamente e, de 1855 a 1856 isolou-se quase completamente, porém mantinha contato com alguns homeopatas do Cairo por ele convertidos, que lhes convidaram a voltar a capital do Egito para ministrar aulas públicas com a autorização do governo. Por mais dois anos Mure permanece dedicado à causa homeopática, ministrando aulas para grupos de 50 pessoas (JANOT, 1999. P. XX.). Pensava em retornar ao Brasil e finalmente descansar, porém, antes que se concretizasse seu desejo fora pego pela morte, no dia 4 de março de 1858, tendo ainda 49 anos de idade (DINIZ, 2008, p. 7). Seu túmulo encontra-se no cemitério do Cairo.

As contribuições à homeopatia deixadas por Mure são inquestionáveis, seu espírito obstinado não mediu esforços físicos, intelectuais ou financeiros no árduo processo de divulgação dessa nova medicina. Por ter exercido um papel fundamental na propagação e aperfeiçoamento da Homeopatia é referido logo após Hahnemann na história dessa medicina (JANOT, 1999, p. XI). Para Rosenbaum (1999, p. VIII), Mure é um personagem fundamental na história da medicina, especialmente quando se trata do contexto brasileiro, conforme o estudioso:

No contexto sócio-histórico da primeira metade do século XIX, o que os homeopatas, pioneiros incluindo MURE e seus colaboradores, fizeram pela difusão da homeopatia neste país, com seus erros e acertos, só pode ser definido, sem exageros apologéticos, como um trabalho excepcional. Por isto, seu trabalho é de uma importância insubstituível tanto no entendimento da situação político-institucional atual e pregressa da Homeopatia brasileira, assim como da própria prática clínica de hoje. Mas é através de sua obra empírica/experimental que seu projeto adquiriu dimensão mundial. MURE oferece ao homeopata uma série de 39 patogenesias com substâncias obtidas, em um período histórico cujas dificuldades científicas eram literalmente descomunais.

A atuação de Mure como homeopata no Brasil, o fez cativar diversos seguidores para a nova arte médica, além de recrutar alguns admiradores ao Ensino Universal de Jacotot, por isso, como o leitor verá adiante, a divulgação do Ensino Universal no Brasil estará constantemente ligada à vulgarização da prática médica homeopática.

3.1.1- Propaganda homeopática de Mure no Brasil

Carregado com seus sonhos de igualdade, Mure desembarca no Brasil no ano de 1840, quando Dom Pedro II havia acabado de assumir o trono como imperador monárquico, mesmo ano em que morria Joseph Jacotot, descobridor do Ensino Universal, cujos ideais foram seguidos por Mure, como mostraremos adiante. Assim que chegou ao Brasil, Bento Mure, como ficou conhecido no país, converteu alguns adeptos importantes à homeopatia, mesmo não sendo sua principal intenção envolver-se em disputas homeopáticas ao chegar aqui (GALHARDO, 1928, p. 281). Já nos primeiros meses converteu o médico brasileiro Dr. A. J. Souto Amaral e o Dr. José da Gama e Castro, redator do ‘Jornal do Commercio’ e a quem pertence à autoria do primeiro artigo publicado na imprensa brasileira em defesa da homeopatia.

Na colônia do Saí, localizada em Santa Catarina, Mure fundou a Escola Suplementar de Medicina, que tinha por objetivos "generalizar e popularizar a homeopatia, defender a pureza da doutrina de Hahnemann, fornecer às farmácias secundárias medicamentos preparados convenientemente e facilitar por todos os meios a transformação da antiga medicina" (ESCOLA..., 2016, p. 2). Não se sabe ao certo se a escola funcionou com alunos regulares (DINIZ, 2008, p. 13), porém seu projeto previa que está deveria ser constituída por um centro de ensino, uma comissão de correspondência e redação e uma farmácia central. Além do curso teórico e do oferecimento gratuito de obras de Hahnemann e de seus discípulos aos alunos, a instituição ofereceria também atendimento gratuito aos pobres e a instalação de um hospital.

Em 1843, após a desilusão com o fracasso do falanstério do Saí, Mure fixou residência no Rio de Janeiro e pôs-se a divulgar a homeopatia abertamente. Seu primeiro ato foi defender uma tese de seis páginas, escrita em Latim, perante a Faculdade de Medicina, exigência para poder atuar como médico no Brasil, conquistou a aprovação com louvor, habilitando-se assim para o exercício da medicina no país. Em dezembro do mesmo ano cria o Instituto Homeopático do Brasil, cuja a ata de criação foi assinada por 72 sócios fundadores, entre médicos, militares, padres, políticos e simpatizantes da homeopatia (DINIZ, 2008, p. 15). O Instituto tinha por fim propagar a homeopatia em favor das classes pobres, sendo aberto, logo após sua criação o primeiro consultório homeopático gratuito da cidade do Rio de Janeiro, situado na rua São José, nº 59 (INSTITUTO HOMEOPÁTICO..., 2016, p. 1).

Da mesma forma que fizera na Europa e África, Mure propagou a homeopatia no Brasil, por meio de ensino, publicações, experiências e preparação de remédios homeopáticos. Logo o Instituto passou a abrir consultórios pela Corte e interior das províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Mure e João Vicente Martins, que foi seu importante braço direito enquanto esteve no Brasil, estavam à frente da propagação. Mais tarde foram criadas ainda a Sociedade Homeopática Baiana (1847), e a Sociedade Homeopática Maranhense (1849), como filiais do Instituto.

Um engenho inovador para a época e, que foi idealizado por Mure, foi a Companhia Prosperidade de Seguros de Vida de Escravos criada em 2 de julho de 1845, funcionava como uma espécie de "plano de saúde para tratamento homeopático de escravos, financiado pelos fazendeiros, mediante pagamento de um prêmio anual de 2,5 até 5% do valor de cada escravo segurado" (DINIZ, 2008, p. 21). Essa iniciativa teria a intensão de fortalecer ainda mais a homeopatia, e através da proposta foi aberta em dezembro de 1846, a Casa de Saúde Homeopática, um hospital para pretos que funcionou no Morro do Castelo, Rio de Janeiro.

Sobre a relação de Mure com essa parcela da população, Gallo (2008) afirma ter sido pacífica, porém, a autora também destaca a dificuldade de saber se o homeopata teria de fato, suplantado o preconceito do homem europeu para com os demais homens. O que sabemos é que por conta de seus princípios socialistas, Mure dedicou-se à saúde dos escravos e residia no Morro do Castelo que ficava “vizinho às matas em que os negros permaneciam à noite para fumar o pongo, lugar em que nem mesmo a polícia podia entrar” (GALLO, 2008, p. 9).

Mure e o Dr. João Vicente Martins também investiam em publicações destinadas a leigos, como forma de propagar a homeopatia escreveu diversos folhetos explicativos, entre eles, “Prática Elementar da Homeopatia pelo Dr. Mure ou Conselhos Clínicos para Qualquer Pessoa Estranha Completamente à Medicina Poder Tratar-se” (1844) e “Notícias Elementares da Homeopatia ou Manual do Fazendeiro, do Capitão de Navio e do Pai de Família, Contendo a Ação dos 24 Principais Medicamentos” (1846) (DINIZ, 2008, p. 20). Por meio dessas publicações conseguiam levar a medicina a localidades onde ela era praticamente inexistente.

Nessas publicações destinadas aos leigos, Mure algumas vezes relacionou a homeopatia as ideias educativas de Jacotot, como no livro “Conselhos Clínicos para Qualquer Pessoa Estranha Completamente à Medicina Poder Tratar-se”, escrito pelo Dr. João Vicente Martins. O livro compõe-se dos Conselhos Clínicos transmitidos por Benoît Mure. No trecho abaixo, este descreve como o médico homeopata deve agir diante de uma enfermidade, orienta ele:

Os homœopathas nenhuma necessidade têm de supposições imaginarias sobre a natureza das enfermidades, só carecem de saber quaes são as dôres sentidas e as partes affectadas, e a época em que o mal começou; em uma palavra, os factos, os factos, sempre os factos, que só o doente lhes pôde fornecer. O medico deve ser inteiramente passivo, e limitar-se a escutar attenta e benevolentemente. Uma das glorias de Hahnemann consiste em ter sido o primeiro a comprehender que o medico deve só escutar e não guiar o doente: **assim n’outra ordem de idéas de Jacotot entendeu que o mestre deve escutar o discipulo e verificar o seu trabalho em lugar de lhe dar explicações** (MARTINS, 1865, p. 36. Grifo nosso)²¹

Em outro trecho, o homeopata usa das palavras de Jacotot para reforçar sua teoria acerca do dinamismo vital:

Sim, força vital, alma, intelligencia, o homem tem tudo de si. Por isso nada pôde comprar a preço de ouro, como aconteceria se a nutrição fosse uma assimilação de materiaes estranhos. Saber, genio, talentos, virtudes, força, belleza de corpo, a riqueza poderia tudo adquirir se tudo viesse de fóra. Haverião no mercado alimentar generos privilegiados que desenvolverião raças de gigantes; no mercado academico haverião methodos substanciais, que em pequeno volume conterião todos os succos do saber, e

²¹ Optamos nessa pesquisa por manter a grafia original de textos que remetem época estudada.

convenientemente dirigidos desenvolverão intelligencias colossaes. **Consolate, filho do pobre, que o pão grosseiro nutre, e para quem os Bossuets e Fénéons escreverão ensino sublime! Consola-te! é em ti que reside a origem de todo saber e de toda a vida! Não serás cria da faculdade, nem discipulo do genio, mas és por ti mais que isso, és filho de Deos: é Hahnemann, é Jacotot, depois de Christo, que t'o diz; se quizerdes obterás de teu pai mais que os filhos dos reis: elle nada recusa á simplicidade do coração, á fé, á vontade, á oração.** “Sim, por mais que digam, o homem é, antes de tudo, uma vida, isto é, alguma cousa inteiramente individual, que não admite aggregado estranho. É muito mais impossivel conceber que um só atomo do mundo exterior se ajunte a nossos tecidos, do que achar relação commum entre um arco de circulo e a linha recta, entre a morte e a vida, entre a materia e o espirito. Longe de procurar em nosso organismo o complemento das leis physicas e chemicas, nós só vemos um desmentido continuo dado a estas leis pelo triumpho não interrompido da vida, desde o nascimento até á morte (MARTINS, 1865, p. 21-22. Grifo nosso).

Percebemos que Mure e Martins utilizam a proposta educativa de Jacotot para reforçar as qualidades da homeopatia, a fim de convencer a um público leitor que desconhece a prática médica, reforçando a ideia de que se pode aprender sozinho e sem explicações, até mesmo a tratar-se clinicamente.

Desde o início, a propaganda homeopática sofreu diversos ataques por parte dos médicos alopatas da Academia de Medicina, que representava a medicina oficial do império. Os alopatas acusavam a homeopatia de charlatanaria, os homeopatas defendiam-se chamando a atenção à recusa de seus opositores aos convites para participar de experiências clínicas em conjunto com a homeopatia. As polêmicas envolvendo os grupos rivais se davam através da imprensa diária, especialmente por artigos publicados no ‘Jornal do Commercio’ (INSTITUTO HOMEOPÁTICO..., 2016, p. 3). Como destaca Galhardo (1982, p. 300-301) se referindo as críticas proferidas pelo Dr. Mattos, aos primeiros artigos de Mure:

Pelo *Jornal do Commercio* de 25 de outubro, dez dias após o escrito do Dr. Mure ser publicado, inicia o Dr. J. R. de Mattos uma agressiva polemica na qual, como sempre sucede aos ataques à homeopathia, a ausência de argumentos é substituída pelo ridículo [...]
A partir dessa época, no decorrer do anno de 1843 e grande parte de 1844, os Drs. Mure e mattos mantiveram uma polêmica quase diária, pelas colunas do *Jornal do Commercio*, juntando-se ainda, como aliado do Dr. Mattos, um Sr. Dr. *Cacete*, que publicou uns artigos sob o título *Cacetopathia*, ridicularizando a homeopathia e o Dr. Mure.

Polêmicas como estas tornaram-se corriqueiras na vida de Mure durante sua passagem pelo Brasil. Segundo Azevedo (2008), tal oposição por parte dos alopatas se justificava pelo receio de ver sua medicina substituída pela homeopatia. Além disso, a homeopatia conseguia progressivamente garantir sua institucionalização junto ao governo imperial e os alopatas

temiam que isso levasse a divisão de poderes entre as ciências médicas. Afinal, a Academia Imperial de Medicina representava a autoridade científica oficial no Império brasileiro, e qualquer um que se atrevesse a curar por outros meios que não os alopáticos deveria ser desqualificado, por isso, foram muitas as vezes em que Benoît Mure se tornou alvo de críticas por parte dos médicos alopatas.

Além das querelas entre homeopatas e alopatas, houve, em 1847, uma dissidência entre os próprios homeopatas que se dividiram em dois grupos, os ‘evolucionistas’ e os ‘puristas’, os primeiros acreditavam ser necessário os diplomas de médico ou farmacêutico conferidos pelas instituições de ensino oficiais alopatas para o exercício da homeopatia, porque consideravam que somente os conhecedores de determinados princípios e práticas alopáticas, estariam aptos ao exercício da homeopatia. Já o segundo grupo, junto com Mure, acreditava que a homeopatia podia ser praticada por quem desejasse após receber noções na Escola Homeopática do Brasil, ou até mesmo, por meio de livros para os que residissem fora da capital do Império (MALEVAL, 2011).

De fato, os médicos brasileiros poderiam até aceitar e se converter a homeopatia, porém, concordar que sujeitos que não passaram pelo ensino formal, que era, naquele momento histórico, um privilégio da elite econômica brasileira, recebessem diplomação de médicos, era realmente difícil de conceber. A diplomação profissional sempre foi uma questão delicada no Brasil, ela de fato, determina a diferenciação do valor das profissões, e essa não é uma característica apenas do império.

Desse conflito resultou a separação do grupo, os evolucionistas foram encabeçados por Domingos Azevedo Coutinho de Duque-Estrada, que teria sido o primeiro médico a aplicar a homeopatia no Brasil, embora somente em casos em que não era possível obter a cura por meios alopáticos, pois ainda não possuía total confiança na nova prática médica (GALLARDO, 1928). Esse médico havia se unido a Mure desde o começo de sua propaganda homeopática, porém com a dissidência entre o grupo, fundou junto àqueles que o seguiram, a Academia Médico-Homeopática do Brasil. Esse fato causou uma forte cisão na harmonia entre os homeopatas.

O ponto de divergência se deu especialmente pelo fato do Instituto Homeopático, criado por Mure, ter declarado apoio ao projeto dos Senadores Bernardo Pereira de Vasconcelos e José Saturnino de Costa Pereira (DINIZ, 2008), que pretendia democratizar o ensino, suprimindo o privilégio exclusivo das faculdades oficiais no controle do exercício da medicina. Segundo Janot (1999), o senador Vasconcelos, foi, em muitas ocasiões uma poderosa ajuda a favor dos homeopatas. Em seu projeto, apresentado em 15 de setembro de

1847, os senadores previam que todos aqueles que frequentassem os cursos particulares dos diversos ramos das ciências médicas – entenda-se alopática ou homeopática – que já tinha seu ensino reconhecido por lei desde 1846, poderiam exercer a profissão médica ao serem examinados e aprovados por uma comissão de examinadores nomeados pelo governo. Segundo Galhardo, o Senador Bernardo Pereira de Vasconcellos acrescentou que pretendia acabar com a medicina oficial governativa ao defender seu projeto.

Isso muito beneficiaria o Instituto que compartilhava com a ideia de um ensino livre. Segundo ainda o mesmo estudo, Mure teria se manifestado a respeito do projeto, ressaltando a defesa da liberdade de ensino, que embora fosse autorizada constitucionalmente, não podia ser praticada porque a medicina oficial negava esse direito e as autoridades coagiam aos que procuravam exercer essa liberdade, mesmo que habilitados para tal.

A forma de ensino praticada no Instituto Homeopático sofria vários ataques, porque se abria a todos os que tivessem interesse em aprender homeopatia, fossem médicos ou não e, isso incomodava tanto aos alopatas, quanto a muitos homeopatas, como esclarece Galhardo (1928, p. 423):

O *Mercantil* [jornal da época] ataca os alunos da Escola Homeopathica do Brasil pelo facto de terem profissões varias, onde se encontrava desde alfaiate até funcionario publico. A este ataque responde João Vicente Martins, pelo *Jornal do Commercio* de 24 de setembro de 1847, citando vários homens eminentes que vieram da humilde profissão de caixeiro de venda.

O projeto não foi aprovado pela maioria dos senadores e logo caiu em esquecimento, porém a união entre os homeopatas não pôde ser restabelecida, o Instituto Homeopático do Brasil passou a concorrer, a partir de então, com a Academia Médico-Homeopática do Brasil, que se tornou uma oposição muito mais hostil, e as ofensas nos jornais tornaram-se ferozes, acusavam Mure de não possuir título de médico na França e o isolavam cada vez mais, excomungando-o da homeopatia. Os seus novos adversários faziam todo o possível para atingi-lo, como destaca Diniz (2008, p. 29):

Um exemplo do nível de agressividade dessas lutas, pode-se conferir nesse episódio, no qual José Henrique de Proença, aluno certificado pela escola de homeopatia, não médico que exercia a homeopatia, foi levado à prisão acusado de envenenamento pelo grupo de Duque-Estrada, com o propósito de atingirem o grupo de Mure.

Mure permaneceu como presidente do Instituto até a sua partida de volta a Europa em 1848, deixando um legado bastante expressivo no campo médico. É reconhecidamente o pai da homeopatia no Brasil, tendo sido o dia de sua chegada ao país eleito como dia nacional da homeopatia, 21 de novembro de 1840.

3.2- UM SONHO UTÓPICO: A INFLUÊNCIA SOCIALISTA DE BENOÎT MURE²²

Mure era seguidor também, do socialismo utópico de Charles Fourier e tinha pretensões socialistas a realizar no Brasil, de acordo com diversos estudos, viera ao país com o intuito de aqui criar um falanstério aos moldes da teoria desse pensador utópico (GALLO, 2013; GALHARDO, 1928; BARROS, 2011b; QUEIROZ, 1990).

As teorias dos chamados socialistas utópicos percorreram o mundo no século XIX e tem como seus mais notáveis idealizadores: Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1858). Embora tenham sido “categorizados sob a insígnia de socialistas utópicos por Marx e Engels” (BARROS, 2011b, p. 241), suas teorias guardavam características peculiares. As ideias utópicas se configuraram como uma tentativa de resposta diante do fracasso da concretização dos ideais da Revolução Francesa. O crescimento vertiginoso da indústria e da miséria, por um lado, e o florescimento das ideias romancistas, por outro, contribuíram para o surgimento dessas utopias (BARROS, 2011b).

A crítica levantada por Marx e Engels em algumas de suas obras, a esses socialistas utópicos recaiam justamente sobre a questão de, a quem caberia realizar a transformação para a perfeita sociedade igualitária que eles haviam idealizado, uma vez que apesar de descreverem detalhadamente princípios e características da mesma, de modo geral suas teorias não indicavam os meios para alcançá-la. De fato, algumas das teorias utópicas que surgiram no início do século XIX, nem se quer, aludiam à ideia de abolição das classes sociais e as sociedades por eles idealizadas, comumente pressupunham a boa vontade e participação de todos os seus integrantes.

O socialismo científico de Marx e Engels, em contraposição ao socialismo dos utópicos, defende que os agentes de transformação não deveriam ser indivíduos, e sim “classes sociais” inseridas nos “modos de produção” e envolvidas em situações de contradições com relação às classes dominantes, mais especificamente, esses agentes seriam a classe proletária. Abandonando a crítica moral adotada pelos socialistas utópicos, que em geral denunciavam os valores distorcidos da nascente civilização capitalista, o socialismo

²² Parte dessa subseção foi publicada nos anais do IV Encontro Nacional e X Fórum Estado, Capital, Trabalho, que aconteceu no período de 09 a 11 de agosto de 2017 na cidade de São Cristóvão, SE, UFS. Disponível em: <<https://engpect.files.wordpress.com/2017/10/gt5-03-o-espc3b3lio-socialista-de-benoc3aet-mure-para-o-brasil-1840-1848.pdf>> Acesso em: 11 out. 2017.

científico cria um sistema de fundo econômico para compreender a lógica de funcionamento da sociedade capitalista e “inserir esta compreensão em uma agenda de lutas, a cargo de uma classe social específica que seria a dos proletários.” (BARROS, 2011b, p. 243).

Se, contudo, os diversos socialismos utópicos não desenvolveram os meios para superação da sociedade de classes, suas teorias foram uma manifesta denúncia da sociedade de sua época. Suas ideias ganharam respaldo justamente porque abrangiam os anseios de homens e mulheres que não se conformavam com a miséria causada pela injustiça social e que, apesar das promessas da Revolução não havia sido superada. Benoît Mure acompanhou essas teorias, segundo Gallo (2013) inicialmente haveria se tornado adepto de um heterogêneo grupo de simpatizantes de Saint Simon, que se estabelecera em sua cidade natal, Lion. Contudo, rompeu com o movimento e logo depois aderiu ao fourrierismo²³.

²³ Fourier (1772-1837) foi um francês, nascido em Besançon, filho de comerciantes, odiou o comércio desde a infância, quando jovem foi forçado a servir nas tropas revolucionárias, por isso demonstrou também desprezo pela violência e essas experiências ocorridas em sua vida cotidiana irão irradiar em sua teoria (BARROS, 2011b, p. 249). Tornou-se um crítico do sistema social a que era contemporâneo, por considerá-lo monstruoso, desorganizado, irracional, opressivo e fraudulento; em seu lugar, defende a construção de uma sociedade justa e igualitária, contudo, rejeita a necessidade da revolução violenta. Para o crítico, o novo mundo social seria uma nova etapa natural da humanidade e contava com a ação de industriais burgueses e outros poderosos que se comoveriam com o projeto de uma sociedade formada por falanstérios e de boa vontade o financiariam. Assim como os demais socialistas utópicos, Fourier não levou em conta a dinâmica interna do movimento social, desprezou a luta política, e o papel histórico reservado ao proletariado na destruição do capitalismo e na edificação de uma sociedade nova, “racional e harmônica” (QUEIROZ, 1990, p. 9). Imaginava poder comover os poderosos, mas estes como beneficiários do regime que se solidificava não pensariam jamais em sacrificar-se. As falanges foram milimetricamente pensadas por Fourier eram pequenas unidades sociais formadas por 1620 pessoas, sendo 810 de cada sexo com idades variadas. Cada falange possuía um prédio comum denominado falanstério onde todos viveriam juntos e em harmonia. Todas as atividades seriam feitas em comum e não haveria nenhum ser humano improdutivo; porém, nem por isso o trabalho seria uma obrigação, pois nos falanstérios essa atividade assumia uma dimensão de prazer. Na verdade, a dimensão hedônica é característica da teoria de Fourier, para quem os prazeres e as paixões não deveriam nunca ser evitados, ao contrário, deveriam ser diversificados e ampliados ao máximo, assim se atingiria a “verdadeira felicidade” (BARROS, 2011b, p. 249). Essa ideia estava alicerçada na teoria das paixões fundamentais do ser humano, como destaca Barros (2011b, p. 249): “[...] Com sua obsessiva tendência à sistematização, Fourier procura contabilizar e descrever desde as paixões correspondentes aos sentidos (visão, olfato, etc) até aquelas “afetivas” (amor, amizade, ambição, e outras). Além dessas, chega a descrever três paixões que não existiriam no estado de Civilização, por serem inibidas por este: as paixões “cabalista ou dissidente”, a “borboleta ou alternante”, e a “composta ou engrenante”. A “paixão borboleta”, por exemplo, corresponderia ao gosto pela diversificação, ao desejo de variar na atuação entre todos os domínios, e seria uma paixão inibida neste estado de Civilização que impõe a especialização e a divisão de trabalho [...]”.

Dentro dos falanstérios, era admitida a diferença social entre os moradores, porém adotava-se como critério para ganhar mais ou menos, a qualidade do trabalho produzido por cada um, não o tipo de trabalho, pois não havia, dentro do falanstério, a diferenciação entre trabalho manual e trabalho intelectual, sendo essa uma característica da sociedade capitalista. Uma vez que na sociedade capitalista o preço do trabalho está atrelado à divisão do trabalho em: trabalho manual e trabalho intelectual, que surge a partir da cisão entre o operário e as forças intelectuais do processo material de produção, que ficam a cargo dos dirigentes. Esse processo gera a alienação do trabalhador já que ao não refletir sobre sua ação, esta torna-se para ele um “poder estranho que se lhe opõe e o subjuga, em vez de ser ele a dominá-la.” (MARX & ENGELS, 2004, p. 25). No falanstério era

Fourier expôs suas ideias em diversas obras durante sua vida, muitas delas avaliadas como loucuras por críticos da época, porém conquistou seguidores que levaram suas proposições sociais para além da Europa. Fourier foi uma grande referência para Benoît Mure, podemos perceber traços de sua teoria na linha de pensamento adotada pelo homeopata, como a defesa pela emancipação feminina ou mesmo a crença de que todas as pessoas seriam capazes de aprender a medicina homeopática ou qualquer outra atividade humana.

3.2.1- O caso do falanstério brasileiro

No dia 21 de novembro de 1840, Benoît Jules Mure desembarcou no Brasil com o projeto de fundar aqui uma colônia societária aos moldes de Fourier. Logo após sua chegada procurou se apresentar a Dom Pedro II, viera incumbido de apresentar o projeto em nome da ‘Union Industrielle de Paris’, que congregava agricultores, operários e artesão de diferentes ofícios, bem como artistas e intelectuais, quando rumaram para o Brasil para realizar a comunidade fourierista estava sob a liderança de Benoît Mure e depois sobre a de Michel Marie Derrion, ambos haviam sido militantes desse movimento na França (GALLO, 2013). A associação fora criada na França, dois anos antes (DINIZ, 2008). Em 22 de dezembro de

levado em consideração o benefício real do trabalho produzido em favor da comunidade. Fazendo existir, se não a superação de classes, ao menos uma divisão social mais justa. Além disso, era permitido aos colonos variarem de função, dessa forma, a pessoa não estaria presa a determinado tipo de trabalho, sendo possível migrar de uma formação técnica a outra (BARROS, 2011b).

No falanstério a formação cultural dos colonos era muito valorizada, pois a arte assumia lugar central na sociedade harmoniosa de Fourier, seu plano incluía também transformar em artista cada um dos habitantes e todos deveriam buscar aprimorar-se como praticante de alguma arte. Havia um destaque especial para a arte teatral, pois este gênero artístico seria o responsável por realizar a fusão entre arte e sociabilidade. Fourier pensava em promover uma grande troca de espetáculos de teatro, música e dança entre as falanges que habitassem os diversos falanstérios, uma vez que acreditava que seu projeto se espalharia mundo a fora.

Em relação à sexualidade, assumiu posições bastante avançadas para a época. Foi um crítico mordaz do casamento monogâmico, uma “legalidade prostituída”, segundo ele (BARROS, 2011b. 257). Foi também um ardoroso defensor da igualdade entre homens e mulheres, argumentou que “o grau em que a mulher está emancipada, em uma sociedade constitui o barômetro natural por que há de medir-se a emancipação do conjunto” (QUEIROZ, 1990, p. 8). Sonhou com um mundo onde as orgias seriam livremente praticadas numa “prostituição santa”, exercidas por todos sem, contudo, obrigar aqueles que não o quisessem, já que também defendia o amor puro (amor celadônio) entre duas pessoas.

Outro aspecto dos falanstérios é que chama a atenção, diz respeito à educação das crianças, que até os 16 anos seriam assexuadas. Estas deveriam aprender livres e longe das interferências dos adultos, Fourier acreditava que a criança, por si só, tenderia a criar brincadeiras em torno de atividades específicas como o cuidado com o lixo e limpeza dos jardins, por exemplo. As crianças seriam suas próprias educadoras, com as mais velhas estimulando as mais novas pela força do exemplo. Além disso, Fourier defendia a participação em qualquer tipo de atividade, a partir dos 3 anos, não fazia distinção entre meninos e meninas, mesmo em atividades que exigiam maior força física. A fase final da educação se dava aos 16 anos, onde eram estimulados a seguir um período de castidade voluntária, podendo iniciar suas vidas sexuais se assim o desejassem.

1840, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro destacou o pedido de Mure ao governo imperial para implantar seu projeto colonizador: “Venho, disse-lhe, em nome de todas as classes soffredoras que aspirão em França a mudar de posição, pedir a V.M. os meios de gosar, debaixo de hum governo tutelar, do fructo de seu trabalho”.²⁴ No pedido que faz ao imperador, percebemos os princípios da teoria de Fourier, a crítica a sociedade capitalista e a crença em uma nova organização social, pacífica e harmoniosa:

He fácil ao homem ser feliz neste mundo. A natureza lhe prodigalisa sem conto seus tesouros, a providencia tudo coordenou para sua ventura; mas os vícios da organização social o deixão muitas vezes victima da miséria, das enfermidades e da velhice. Surja debaixo dos auspícios de V. M. huma nova ordem de cousas; hum sábio poder da commum cuide do futuro de seus administrados, una todos os homens a acção vivificadora e onnipotente da associação, e a sorte deles ficará completamente mudada, a terra torna-se-há hum jardim de delícias²⁵.

O projeto de Mure foi recebido com entusiasmo pelo governo imperial que via na empreitada oportunidade para avançar na industrialização do país. E foi descrito por Mure nas páginas do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, onde logo encontrou espaço para suas publicações por conta da amizade que fizera com um dos redatores. Segundo Galhardo (1928, p. 279), Mure era uma figura cativante:

[...] Homem de superior intelligencia, medico de um grande talento, possuidor de uma vasta cultura, privilegiado no manejo da penna, expondo suas idéas com clareza, entusiasmo e graça que o faziam admirado pelo commum do povo e respeitado por seus adversários, facilmente conquistava sympathias. Fascinando pela convicção de seus argumentos, esmagando seus adversários com a positividade de suas demonstrações, conseguiu, dentro em pouco, formar um circulo de admiradores que o ouviam attentiosamente [...].

Mure conseguiu acumular simpatizantes a seu projeto em pouco tempo, determinado em sua empresa, logo ganhou autorização bem como um financiamento do governo para instalar na península do Saí o falansterio. Em seu projeto, descreveu o emprego de máquinas agrícolas que iriam, por um lado, por fim a escravidão e, por outro, permitir o cultivo da terra sem a necessidade de uma grande quantidade de mão de obra.²⁶ Vê-se que para tornar atrativa sua proposta de falanstério, Mure tenta chamar a atenção para o progresso industrial que ganharia o Brasil ao aderir a sua ideia. No projeto destaca ainda a arquitetura do falanstério, bem aos moldes de Fourier. Também da ênfase a educação dos filhos dos colonos que seria

²⁴ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp., Terça-feira, 22 de dezembro de 1840, n. 338, p. 02.

²⁵ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp., Terça-feira, 22 de dezembro de 1840, n. 338, p. 02.

²⁶ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp., Quinta-feira, 17 de dezembro de 1840, n. 333, p. 02-03.

uma aplicação do método Jacotot, cuja propagação feita por Mure é nosso objeto de estudo; prevê ainda a criação de um fundo de “previdência” e de um banco.

Em pouco tempo a primeira leva de emigrantes a quem Mure representava chegou ao Brasil e poucos dias após serem apresentados ao imperador rumaram para a província de Santa Catarina, onde seria fundado o falanstério. Porém algumas discordâncias entre Mure e os dirigentes da ‘Union Industrielle de Paris’ colocavam em risco o empreendimento. De acordo com Diniz (2008), existia uma desconfiança entre ambos os lados. Mure não estaria feliz com as notícias trazidas da França sobre mudanças na direção e no estatuto da associação, assim como, a inclusão de pessoas no projeto do falanstério que não o agradavam. Do lado dos colonos, seus principais sócios Jamain e Derrion, questionavam o fato de Mure ter assinado o contrato com o império brasileiro em seu nome, sem mencionar a associação em suas páginas. Viam essa atitude como forma de tirar proveitos individuais do projeto (SILVA, 2007; DINIZ, 2008).

Apesar das desavenças o falanstério foi fundado, porém o grupo já estava dividido, quebrando assim a harmonia necessária para a sua sobrevivência. De um lado se aglomeravam os apoiadores de Mure; em torno de Michel Derrion, o colono dirigente dessa primeira leva de francês e que se colocou como seu principal crítico, os opositores. As disputas entre os grupos chegaram a tal ponto que ocorreram tentativas de assassinato dos dois líderes rivais (QUEIROZ, 1990) e as autoridades locais foram obrigadas a intervir. Como não houvesse consenso, os colonos se dividiram, enquanto os que seguiam a Mure ficaram no Saí, os dissidentes fundaram a “Colônia do Palmital”, também na região do Saí (DINIZ, 2008, p. 11).

Os destinos das colônias não durariam muitos anos, no Palmital os colonos lavraram e semearam o solo, fizeram plantação de cereais e até um pomar de árvores típicas da Europa, construíram uma casa comum, abriram estradas e ergueram pontes, iniciaram trabalhos hidráulicos para o aproveitamento do rio Saí e até um pequeno esteiro naval, de onde retiravam boa parte da renda. Contudo, as discordâncias internas levaram a colônia ao declínio e, em 1843, já estava praticamente extinta (QUEIROZ, 1990, p. 11).

O Falanstério do Saí, liderado por Mure, conseguiu se manter em atividade por mais tempo, recebeu mais 120 colonos em 1844, seus membros criaram uma oficina de móveis que eram exportados para o Rio de Janeiro, construíram uma serraria a vapor, fabricavam também moinhos que serviam para descascar arroz, entre outros objetos para o comércio. Porém

faltavam recursos para investir em novos projetos, bem como para continuar mantendo os que já estavam em execução e o império brasileiro já não estava interessado em investir no falanstério (SILVA, 2007). A colônia teria sobrevivido até 1846, segundo Queiroz (1990), Mure, no entanto, teria abandonado o projeto em 1843, transferindo-se definitivamente para o Rio de Janeiro, conforme apontam alguns estudos a exemplos de Silva (2007) e Diniz (2008).

Mure e seus companheiros fugiam de uma velha sociedade em crise gerada pelo fortalecimento do capitalismo e escolheram o Brasil por acreditar que aqui no país, esse era um problema ainda embrionário, onde seria possível criar a tempo uma organização do trabalho diferente da que se via na Europa e assim estabelecer as bases de uma nova sociedade. Contudo as dissidências entre eles tornaram o projeto falido antes mesmo de se iniciar. A teoria do grande Fourier não previa a dinâmica própria do movimento social e desprezava o papel político exercido pelos agentes. Seus discípulos por sua vez, não souberam ajustar suas paixões e caráter a favor do bem comum e o projeto brasileiro ruiu.

O legado deixado por esses franceses, porém, foram as novas ideias sociais que nasciam na Europa. Mure foi colaborador no jornal ‘O Socialista da Província do Rio de Janeiro’ (1845-1846), foram abordados temas como agronomia prática, economia social, didática jacotista, política preventiva e medicina doméstica e socialismo. O periódico conseguia relacionar socialismo, homeopatia e religião, ideias um tanto antagônicas, mas que naquele momento se converteram nas pilastras da ciência social, conforme Gallo (2008, p. 5):

[...] pensar e praticar o socialismo implicava em pelo menos duas coisas nesse momento: salvar a humanidade da anarquia do mundo civilizado e, ao mesmo tempo, resgatar no humano um sentido de humanidade perdido no mundo desenhado depois da revolução francesa. Na verdade, o sentido social dessa ciência recusava o pauperismo e acreditava em uma ciência aplicada, aliada a uma filosofia do amor e da compreensão universal, ou num verdadeiro cristianismo, capaz de extinguir a miséria e proporcionar a paz universal, a harmonia e a abundância [...].

Os nomes envolvidos no jornal que se autodeclaravam “discípulos veneradores” de Fourier foram os principais vulgarizadores das ideias socialistas, marcando o primeiro período da história do socialismo utópico no Brasil. Mure, no entanto, se destacou ao lado de outro francês, Vauthier como os principais responsáveis pela divulgação das ideias sociais nesse primeiro período, conforme Leonidio (2009, p. 100):

[...] as notícias mais remotas que se tem sobre estes primeiros momentos reportam-se, por um lado, à chegada do francês Vauthier ao Recife, em 1840, e, por outro, à presença do médico francês Benoit Mure no Rio de Janeiro, em 1841, bem como suas tentativas de fundar um falanstério em

Santa Catarina. Foi praticamente em torno destes dois nomes que outros se vieram juntar, mas nunca chegando a representar um grupo coeso, que lutasse por certas idéias [...].

Vauthier se destaca pela propaganda no Recife com ‘O Progresso’; Mure, pelo seu plano falansteriano e as publicações no jornal ‘O socialista da província do Rio de Janeiro’. E apesar de não chegarem a formar um grupo coeso com um conjunto de ideias a defender, suas iniciativas marcam a passagem das ideias socialistas utópicas pelo Brasil.

3.3- PARA ALÉM DA HOMEOPATIA E DO SOCIALISMO

Além da homeopatia de Hahnemann e do socialismo utópico de Fourier, temos evidências de que Benoît Mure foi propagandista do Ensino Universal de Jacotot, estando essa propaganda inteiramente ligada à sua ação médica e social. Não nos foi possível precisar em que momento exato de seu itinerário ou como, exatamente, Mure entrou em contato a primeira vez com o Método do Ensino Universal de Jacotot. Porém, identificamos em algumas passagens da obra de Rancière (2013) trechos em que este destacou a passagem do método pela cidade de Lion, onde nasceu Mure (RANCIÈRE, 2013, p. 38/139/ 191). Já na obra de Galhardo (1982, p. 402) sobre a história da homeopatia no Brasil, o autor coloca Mure junto a dois outros nomes, Eduardo Tiberghien Ackermann e A. Jernstedt, como discípulos diretos de Jacotot. Além disso, os textos de Mure e seus partidários localizados nos periódicos da época deram testemunho do seu empenho na divulgação do Método do Ensino Universal em terras brasileiras.

Entre as ações empreendidas por Mure a favor do Ensino Universal podemos enumerar além de publicações visando esclarecer os leitores brasileiros a respeito do Método, a criação do Instituto Panecástico do Brasil em 1847 e conversões de médicos homeopatas a causa do Ensino Universal.

4- O MÉTODO DA EMANCIPAÇÃO CHEGA AO NOVO MUNDO

O Fundador havia predito que o Ensino Universal não vingaria. É bem verdade que havia acrescentado, também, que ele jamais morreria.

Jacques Rancière, 2013

A ideia de novo mundo para se referir ao recém descoberto continente americano permeou o pensamento de estrangeiros europeus desde pelo menos o século XV, mas ainda representava um uso em voga no século XIX. Imaginar uma terra onde se podia criar uma sociedade diferente, tendo como base um velho mundo em que já não era possível acreditar na igualdade entre os homens, de certo, motivou a vinda de muitos imigrantes para esta nova terra. Benoît Jules Mure representa bem esse estrangeiro, por um lado, descontente com sua terra de origem e, por outro, animado pela possibilidade de um novo começo numa nova terra. O nosso objetivo nessa seção é o de compreender as ações e modos de divulgação empregados por Benoît Jules Mure para promover o Método do Ensino Universal no Brasil, país que havia escolhido como local de fermentação de seus ideais.

A sociedade carioca que Mure conhecera, tentava adaptar-se aos padrões culturais europeus de civilização, importando especialmente da Inglaterra e França desde obras literárias até os hábitos mais cotidianos. Vale lembrar ainda que o Rio de Janeiro assumia um lugar de destaque no cenário brasileiro, era a capital do império, por isso seus padrões de desenvolvimento se distinguia da maior parte do país, que era ainda rural. Porém, mesmo reproduzindo determinadas características do velho mundo, o Rio de Janeiro estava longe de ser confundido com uma cidade europeia. Especialmente a presença maciça de negros e mestiços, pelas ruas da capital, fazia com que os estrangeiros que aqui chegavam logo notassem as diferenças entre o novo e o velho mundo.

Hermann Burmeister (1980), um viajante alemão que esteve no Rio de Janeiro em 1850, escreveu em seu livro ‘Viagens ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais’: “[...] O Rio de Janeiro possui caráter inteiramente europeu e seria de todo semelhante às primeiras cidades da Europa do sul, não fosse aquele grande número de rostos pretos, morenos e amarelos que logo lembra o exotismo ao visitante [...]” (BURMEISTER, 1980, p. 59). Para Barra (2015, p. 795) essa condição dava ao Rio de Janeiro um caráter de duas cidades sobrepostas, aquela que exprimia a “sociabilidade da Corte”, com a criação de novos

espaços-símbolo de civilização e a adoção de comportamentos civilizados, e aquela que esboçava a “sociabilidade da Cidade”, que se caracterizava “nos hábitos da grande massa de negros e mestiços, homens livres e pobres que povoavam as ruas do Rio de Janeiro”.

A grande quantidade de homens e mulheres negras estava constantemente nos espaços urbanos, como descreve Burmeister (1980, p.73): “[...] Esses carregadores de café não só se ouvem e vêem todos os dias todos os dias nas ruas do Rio, como também se pressentem pelo olfato [...]”. Logo em seguida acrescenta: “[...] Não é menor, na rua, o número de negras. Costumam elas parar à sombra das casas, oferecendo à venda quitutes ou, mais frequentemente, frutas e legumes dispostos em grandes cestas rasas ou bandejas, que carregam na cabeça [...]”. A presença dessa população nos espaços urbanos e de sociabilidade costumava incomodar, como enfatiza Barra (2015, p. 800):

A rua era o espaço de sociabilidade por excelência desse vasto contingente populacional. Nas ruas, praças e chafarizes, onde por vezes o grande concurso gerava desordens, eles trabalhavam e levavam sua vida, exercendo as funções de carregadores, remadores, vendedores ambulantes, barbeiros e cirurgiões, carregando água, fazendo compras para seus senhores ou trabalhando nas obras públicas. A sua circulação não estava restrita a determinadas áreas da cidade. Pelo contrário, em geral eles estavam mais próximos da Corte do que se gostaria, concentrando-se nas áreas de grande atividade comercial (a Alfândega, a Rua Direita, o Largo do Paço).

O Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, não poderia prescindir da presença dos negros, pois era justamente do trabalhar de mãos escravas que se erguiam os grandes símbolos de civilização, em uma sociedade que condenava a presença de negros nos espaços públicos em que circulava as pessoas abastadas, mas que se sustentava na exploração desses mesmos negros.

O sociólogo brasileiro Darcy Ribeiro (1975) ao analisar a cultura brasileira argumenta que esta seria um arquipélago cultural, devido sua rica formação, fruto que é de diferentes matrizes indígenas, africanas e europeias, que entraram em conjunção compondo através da interação de seus elementos, células culturais novas que se fundiram numa proto-etnia complexa formando um tecido cultural multifacetado por ocasião de vários fatores como: os diferentes ambientes ecológicos que compõem o vasto território brasileiro, o exercício de atividades produtivas variadas, a agregação de novos elementos culturais devidos a sua constante criatividade ou adotados de contextos culturais diferentes, além da incorporação de novos contingentes humanos.

Porém, ao tempo em que é tão rico culturalmente, o Brasil nos diferentes momentos de sua história, sofreu a ação de forças homogeneizadoras que integraram as diversas variações culturais dentro de um padrão básico compartilhado. E sua origem colonial concorreu fatalmente para isso, Segundo Ribeiro (1975, p. 155):

[...] Operaram como homogeneizadoras, fundamentalmente, as instituições sócio-culturais européias que, organizando a sociedade nascente como uma dependência colonial, a conformaram dentro dos padrões culturais lusitanos. A sociedade e a cultura brasileira nascem, assim, como um fruto ultramarino de uma tradição cultural romântica, muitas vezes transfigurada e que aqui se transfiguraria uma vez mais para dar lugar a uma nova etnia nacional. Esta surge, portanto, como produto de uma civilização agrária, urbana e mercantil que, mesmo nos seus primeiros núcleos ainda larvares, era já uma formação evolutiva mais alta que as etnias tribais indígenas e africanas.

Esse caráter filial e servil a uma metrópole externa, a portuguesa, fez com que a nascente civilização brasileira se desenvolvesse por meio do trabalho do seu povo, mas não para servir ao seu povo, presa que estava a um anseio de servir a interesses externos, a princípio, os portugueses. Então, o Brasil desenvolveu-se como nação, por meio de múltiplas e dispersas implantações, mas também unificadas através de um processo de dominação que se arrastou, ou se arrasta, ao longo dos séculos.

Nesse processo, explica Ribeiro (1975), a unificação se afirma sempre através do evento de três ordens de diferenciação. A primeira ordem de diferenciação é a temporal, que corresponde as sucessivas configurações históricas e aos esforços correlativos de integração nos processos civilizatórios que as afetaram; a segunda ordem refere-se as contingências sociais, “como subculturas correspondentes, por um lado, à afeição rural-urbana que assumiam e, pelo outro, à estratificação de classes (senhorial, servil, popular)” (RIBEIRO, 1975, p. 155); a terceira ordem de diferenciação é a regional, diz respeito as diferenças de adaptação ecológica que se moldaram como distintas áreas culturais. Para Ribeiro (1975), esses três fatores de diferenciação contribuem para a riqueza cultural do Brasil, mas implicam também situações de defasagem, marginalidade e de dependência sócio-cultural, cada um com seus efeitos característicos.

No primeiro caso, as contingências temporais produzem “efeitos diferenciais dos processos de mudança sobre os diversos setores, em virtude dos quais alguns deles se modernizam e outros se tornam arcaicos” (RIBEIRO, 1975, p. 156). No segundo caso, as contingências sociais geram oposições entre os diversos estratos da sociedade nacional que, apesar de experimentar uma forte miscigenação racial e uma uniformização cultural, “se

cristalizam como uma rígida estratificação sócio-racial de castas, cujos estatamentos se vêem uns aos outros como entidades distintas e se hostilizam reciprocamente, criando um ambiente marcado por fortes tensões” (RIBEIRO, 1975, p. 156). As consequências das contingências regionais são marcadamente, as diferenças de desenvolvimento das diversas regiões do Brasil que ao intensificar sucessivamente diferentes áreas de produção, tornando-as verdadeiros núcleos polarizadores da vida econômica, terminam por provocar efeitos agudos de colonização interna.

A cultura brasileira desenvolveu assim, um caráter espúrio decorrente da sua formação colonial escravista e servil aos interesses do mercado europeu. A classe dominante brasileira foi, desde sua formação, chamada a cumprir um papel gerencial a favor de interesses estrangeiros, não chegando a se constituir “um estrato senhorial e erudito de uma sociedade autônoma, mas uma representação local, alienada, de outra sociedade cuja cultura buscava mimetizar” (RIBEIRO, 1975, p. 157). Essa classe dominante passa então a cumprir um papel que apresenta quatro facetas manipuláveis, como num jogo de xadrez em que se lança mão de várias estratégias, ela é gerencial no nível econômico-produtivo, ordenadora no nível político-social, renovadora no plano tecnológico-científico e, doutrinária no nível ideológico.

A classe dominante branca do século XIX preocupava-se em assemelhar-se culturalmente a Europa como forma de salientar a sua branquidade e, por consequência a sua superioridade racial junto ao restante da população brasileira:

[...] E conseguia simular, razoavelmente, estas indetificações nos modos de morar, de vestir, de comer, de educar-se, de rezar, de casar, de morrer, etc. Só a ação diferenciadora dos fatores ecológicos e do contexto humano em que vivia é que, a seu pesar, a tornavam irremediavelmente brasileira nestas mesmas coisas (RIBEIRO, 1975, p. 158).

O empenho demonstrado por essa classe, para simular uma identificação com o continente Europeu era notado inclusive pelos viajantes estrangeiros que aqui chegavam. Se tomarmos como exemplo as modas lançadas em Paris, nota-se que não demoravam muito para ser logo encontradas por aqui, porém as diferenças entre as duas culturas persistiam, como observado por Burmeister (1980, p. 70):

Os elementos da população branca não se distinguem mais, pelo seu aspecto externo, do europeu, pois observam tão rigorosamente a moda em vigor como os habitantes de uma capital do Velho Mundo [...] Nas mulheres das classes mais elevadas, notei somente trajes de acordo com a moda em vigor. Contudo persiste a diferença entre a gente da terra e os estrangeiros, mantida mais pelos últimos do que pelos elementos daquela [...].

Junto a essa necessidade de identificação com tudo o que era estrangeiro existia, por parte da classe dominante branca, a repulsa a tudo o que era nacional e popular. O que gerava paralelamente uma busca excessiva para identifica-se com a cultura europeia, por um lado e; a negação de sua própria identidade local, por outro lado. Para Ribeiro (1975, p. 159), a alienação passou a ser, por essas circunstâncias, condição mesma da classe dominante brasileira: “[...] inconformada com o seu mundo atrasado, que só mediocrementemente conseguia imitar o estrangeiro, e cega para os valores de sua terra e de sua gente [...]”.

A intelectualidade brasileira que se formou com o passar dos anos, não fugia a regra geral, uma vez que era constituída, na sua maior parte, pela classe dominante branca, formou-se através do transplante de ideias e valores alheios. O primeiro núcleo erudito da nascente civilização era o clero, a um só tempo, “cultor das letras e protetor das artes”. Após as décadas que se seguiram a independência do país, esse quadro foi-se alterando. A elite clerical desaparece, dando espaço a “coorte de bacharéis letrados” (RIBEIRO, 1975, p. 160) que dominariam a setor intelectual a partir da primeira metade do século XIX.

Essa nova intelectualidade passa a assumir como missão promover o avanço da civilização no país e exprimiam suas ideias por meio da imprensa, que nasce com a vinda da Família Real portuguesa em 1808, mas começa a se fortalecer e ganhar destaque a partir do Segundo Reinado, com o apoio do Imperador D. Pedro II, como enfatiza, Lima (2008, p. 4) ao se referir ao Monarca:

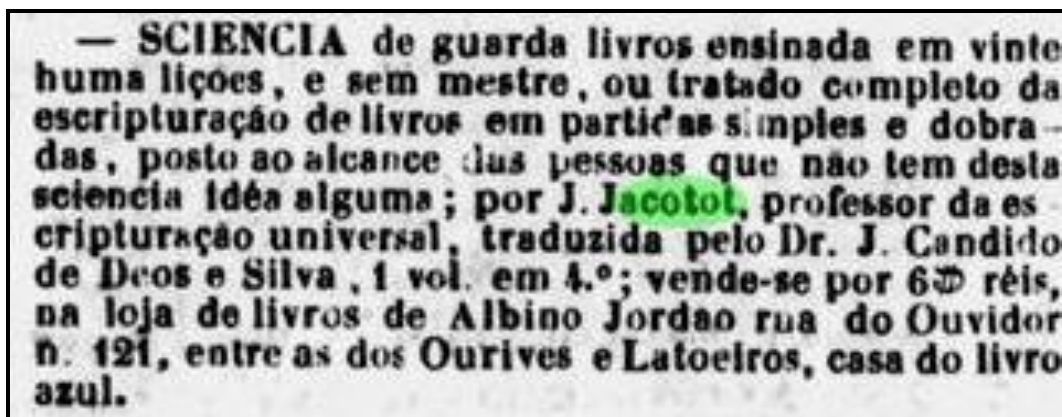
Comumente descrito pelos seus contemporâneos como um amante das letras e das ciências, o monarca Pedro II foi uma personagem de destaque nesse cenário e desempenhou o papel de grande incentivador da elevada missão de tornar o país um exemplo de progresso e civilização. Além de presidir sempre que possível as sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Pedro II estimulou o surgimento e proliferação dos periódicos.

Dessa forma, houve na primeira metade do século XIX a proliferação de periódicos, assim como associações e sociedades formadas por intelectuais na corte do Rio de Janeiro. Havia certa homogeneidade na elite intelectual oitocentista, que era em maior parte formada por profissionais liberais, como advogados, jornalistas, engenheiros, médicos, entre outros. Essa homogeneidade se explica desde sua formação acadêmica, comumente realizada na Europa, até a posição social de destaque que assumiam, já que muitos ocuparam cargos políticos, por isso, suas ideias e posicionamentos raramente divergiam (LIMA, 2008).

Benoît Mure, um estrangeiro que inseriu-se entre os intelectuais brasileiros da primeira metade do século XIX, especialmente entre os doutores da medicina oficial do império, que ocupavam várias posições de destaque, fosse como membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (MALEVAL, 2011), fosse como lentes da Academia de Medicina, ou ainda ocupante de cargos públicos. Durante a década em que esteve no Rio de Janeiro, Mure desestabilizou o meio intelectual carioca. A inserção de suas ideias, sobre a própria concepção de medicina e de ciência, sua visão socialista e, como não deixou de ser, seu ideal educativo, não ocorreu sem que houvesse resistência por parte da maioria dos doutores da época. Porém nem toda a resistência impediu que suas ideias, médicas, sociais e educativas, germinassem em território brasileiro.

Se tratando das ideias educativas que Mure alimentava por influencia da teoria de Jacotot, vale ressaltar que o intelectual não foi o único a espalhar a semente do Ensino Universal em território brasileiro, não seria difícil a um leitor do ‘Jornal do Commercio do Rio de Janeiro’ encontrar anúncios de traduções de obras de Jacotot, além de cursos de língua francesa através de seu método, como exemplificam os recortes a seguir:

Fotografia 03: Recorte do “Jornal do Commercio do Rio de Janeiro”, 1941.

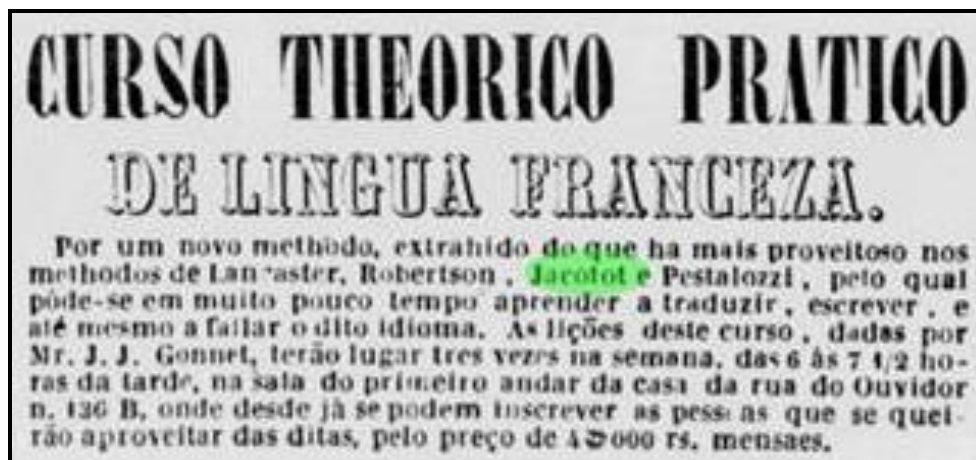


Fonte: Jornal do Commercio do Rio de Janeiro

- Sciencia de guarda livros ensinada em vinte huma lições, e sem mestre, ou tratado completo da escripturação de livros em partidas simples e dobradas, posto ao alcance das pessoas que não tem desta sciencia idéa alguma; **por J. Jacotot professor da escripturação universal**, traduzida pelo Dr. J. Candido de Deos e Silva, 1 vol. em 4.º; vende-se por 6\$ réis, na loja de livros de Albino Jordao rua do Ouvidor n. 121, entre as dos Ourives e Latoeiros, casa do livro azul²⁷ (Grifo nosso)

²⁷ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 20 de setembro de 1841, n. 240, p. 03.

Fotografia 04: Recorte do “Jornal do Commercio do Rio de Janeiro”, 1846.

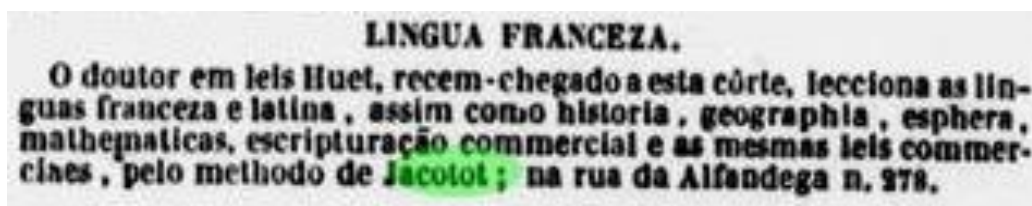


Fonte: Jornal do Commercio do Rio de Janeiro

CURSO THEORICO PRATICO DE LINGUA FRANCEZA

Por um novo methodo, extrahiado do que ha mais proveitoso nos methodos de Lancaster, **Jacotot** e Pestalozzi, pelo qual póde-se em muito pouco tempo aprender a traduzir, escrever, e até mesmo a fallar o dito idioma. As lições deste curso, dadas por Mr. J. J. Gonnet, terão lugar tres vezes na semana, das 6 ás 7 ½ horas da tarde, na sala do primeiro andar da casa da rua do Ouvidor n. 130 B, onde desde já se podem inscrever as pessoas que queirão aproveitar das ditas, pelo preço de 4\$ 000 rs. mensaes²⁸ (Grifo nosso),

Fotografia 05: Recorte do “Jornal do Commercio do Rio de Janeiro”, 1848.



Fonte: Jornal do Commercio do Rio de Janeiro

LINGUA FRANCESA

O doutor em leis Huet, recém-chegado a esta corte, lecciona as linguas franceza e latina, assim como história, geografia, esfera, mathematicas, escripturação commercial e as mesmas leis commerciaes, **pelo methodo Jacotot**; na rua da Alfandega n. 278²⁹ (Grifo nosso)

²⁸ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 8 de julho de 1846, n. 184, p. 04.

²⁹ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 1 de abril de 1848, n. 86, p. 03.

Durante as buscas pelo ‘Jornal do Commercio’, encontramos até mesmo uma escola que funcionou durante alguns anos na capital do Império, baseada nos princípios do Ensino Universal de Jacotot. Esta teria aberto suas portas no dia 15 de julho de 1842 e contou com uma quantidade significativa de anúncios para divulgar a sua inauguração. Encontravam-se à sua frente dois professores franceses que diziam possuir longa experiência com o Ensino Universal na França. Em um de seus anúncios o colégio publica o oferecimento de explicações gratuitas a respeito do Ensino Universal, a fim de esclarecer aos pais de família que quisessem ensinar a seus próprios filhos em casa, sob o título ‘Collegio Ballá e Chesnay’ o texto convida:

O Sr. Ballá, se bem que até agora não tenha obtido senão fracos resultados por causa das immensas dificuldades que encontrou, animado toda via pela aprovação benévola de algumas pessoas esclarecidas da capital, que notarão um progresso sensível no moral e na intelligencia dos meninos que lhes forão confiados, deseja tornar-se util aos pais e mãis de familia *mesmo ignorantes*, os quaes, não querendo ou não podendo, por falta de fortuna, pôr os seus filhos em collegios, desejarião ensinar-lhes eles mesmos a lêr e escrever, e n’uma palavra as linguas, as artes e as sciencias, sem despendir dinheiro.

Disse o Sr. Jacotot: <<Creio que a alma humana é capaz de aprender só e sem mestre explicador.>>

Essa opinião, sobre a qual é baseado um novo systema de ensino conhecido debaixo do nome de *Ensino Universal*, não pode ser posta em pratica com sucesso, e sobretudo com certeza de bom resultado, em um tempo determinado, senão com bons conselhos dos professores que fizerão sobre este methodo longas e numerosas experiencias.

O Sr. Ballá, membro da sociedade de França e da sociedade de ensino universal e de emancipação intellectual de Paris, passou 22 annos de sua vida no ensino publico: dirigio durante 10 annos, em Paris, um collegio no espirito Jacotista, e professa, ha 14 annos este methodo, que já fez uma grande revolução no Mundo ensinante.

O Sr. Ballá dá *gratuitamente* estes conselhos todos os dias no collegio Ballá e Chesnay rua do Catete n. 140, das 3 ás 5 horas da tarde, excepto nos domingos e dias santos³⁰.

Claro está, que não somente se atribui ao Dr. Mure a divulgação do Ensino Universal no Brasil do século XIX, o senhor Ballá, além de ter fundado um collegio em que se adotava o método, dispôs-se a orientar pais e mães da capital do império, inclusive aqueles que fossem “ignorantes” para receberem a sua orientação e assim, tornarem-se mestres de seus filhos, sem que fosse preciso submetê-los ao ensino escolar. Essa era uma preocupação do mestre Jacotot, que seus discípulos anunciassem “a todos, em todo lugar e circunstância” (RANCIÈRE, 2013, p. 141), a boa nova da emancipação. Percebemos, porém, que o Sr. Ballá menciona encontrar dificuldades e fracos resultados na divulgação do método, e acrescenta que se animava ainda

³⁰ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 28 de janeiro de 1846, n. 25, p. 05.

por conta da aprovação de algumas pessoas esclarecidas da capital, podemos supor que essas dificuldades diziam respeito a insuficiente aceitação do Ensino Universal, por parte dos brasileiros.

Percebemos, ao encontrar esses anúncios que, a divulgação das ideias de Jacotot no Brasil do século XIX, estava para além da atuação de Benoît Mure, que era mais um de seus divulgadores. Esta se deu por intermédio de indivíduos e/ou grupos singulares e independentes entre si, cada um guardando sua experiência com o método do Ensino Universal, que fora proposto na França, por Jacotot. Essa divulgação era feita então, de maneira pontual e diversa. Nosso foco de análise, entretanto, dirige o nosso olhar as ações e modos de divulgação engendrados por Benoît Mure na divulgação desse método, no período em que esteve no Brasil. Como o intelectual atuou em diversas frentes a favor da divulgação do Ensino Universal, dividimos suas ações em duas fases.

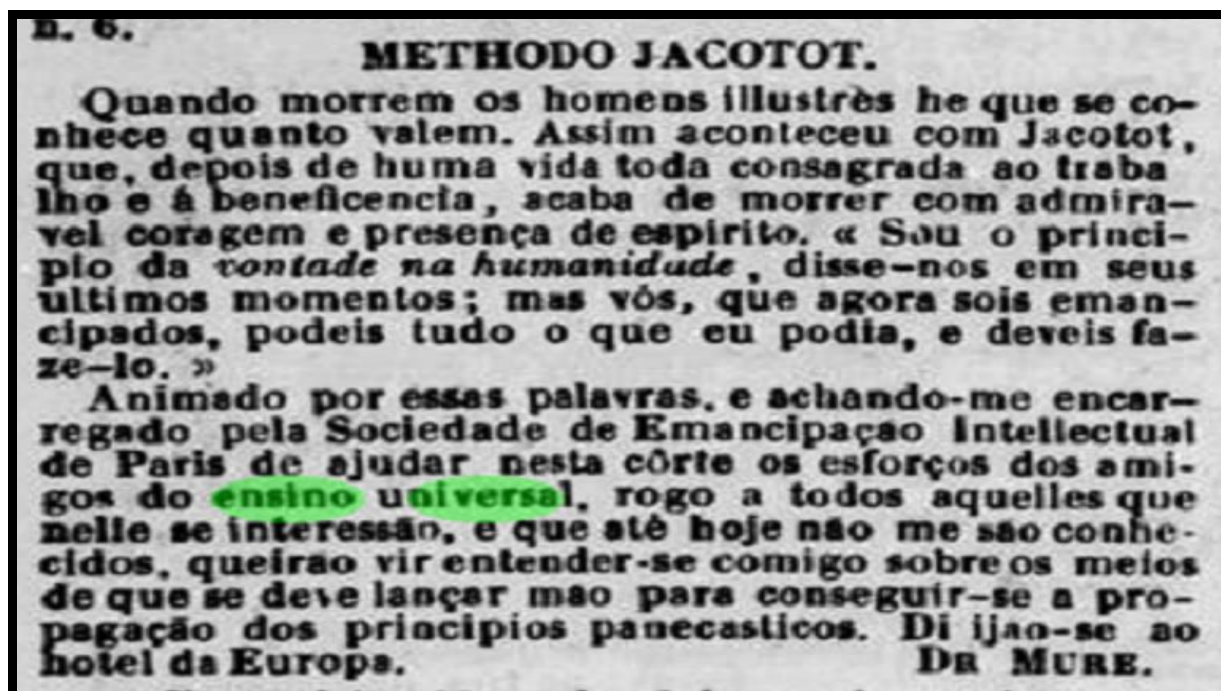
4.1- MURE NO JORNAL DO COMMERCIO: PRIMEIRA FASE DA PROPAGANDA A FAVOR DO ENSINO UNIVERSAL

O ano de 1840 marcaria acontecimentos importantes para a vida de Mure, sua vinda ao Brasil, país até então desconhecido, e a morte de Joseph Jacotot em Paris, segundo o próprio Mure, seu mestre. Desde a sua chegada, Mure fizera divulgação do Ensino Universal. Para nós esse empenho esteve ligado a sua crença na eficácia do método de Jacotot, especialmente para os pais que não podiam manter seus filhos na escola. Como defende Rancière (2013), o Ensino Universal deveria ser divulgado a todos, mas em especial aos “pobres”, pois eram os que mais sofriam com a teoria da desigualdade entre as inteligências, salienta o filósofo:

É, pois preciso anunciar o Ensino Universal a *todos*. Antes de tudo, aos pobres, sem qualquer dúvida: eles não têm outro meio de se instruírem, não podem pagar explicadores particulares, nem passar longos anos nos bancos escolares. Acima de tudo, é sobre eles que pesa mais fortemente o preconceito da desigualdade das inteligências. São eles que devem ser reerguidos de sua posição de humilhação. O Ensino Universal é o método dos pobres (RANCIÈRE, 2013, p. 147).

Mure desembarcou aqui, em novembro de 1840 e logo após a sua chegada, em dezembro desse mesmo ano, publicou uma nota em homenagem a Jacotot no “Jornal do Commercio do Rio de Janeiro”, oferecendo-se inclusive para explicar o seu método a quem se interessasse.

Fotografia 06: Recorte do “Jornal do Commercio do Rio de Janeiro”, 1840.



Fonte: Jornal do Commercio do Rio de Janeiro

METHODO JACOTOT

Quando morrem os homens illustres he que se conhece quanto valem. Assim aconteceu com Jacotot, que depois de huma vida toda consagrada ao trabalho e a beneficencia, acaba de morrer com admiravel coragem e presença de espirito. << Sou o principio da *vontade na humanidade*, disser-nos em seus ultimos momentos; mas vós, que agora sois emancipados, podeis tudo o que eu podia, e deveis fazê-lo. >>

Animado por essas palavras, e achando-me encarregado pela Sociedade de Emancipação Intellectual de Paris de ajudar nesta corte os esforços dos amigos do ensino universal, rogo a todos aquelles que nelle se interessão, e que até hoje não me são conhecidos, queirão vir entender-se comigo sobre os meios de que se deve lançar mão para conseguir-se a propagação dos princípios panecasticos. Dirijao-se ao hotel da Europa.

DR.MURE³¹.

Como vemos, Mure demonstra seu interesse em divulgar o método de Jacotot desde o primeiro momento de sua chegada, indica até mesmo o local de sua hospedagem a fim de contribuir para a propagação do Ensino Universal, declarando fazê-lo em nome da ‘Sociedade de Emancipação Intellectual de Paris’. Jacques Rancière (2013) refere-se a uma ‘Sociedade de Filosofia Panecástica’, criada por fiéis partidários de Jacotot na França, talvez a mesma

³¹ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 7 de dezembro de 1840, n. 324, p. 04.

instituição citada por Mure. No plano do falanstério que apresenta no *Jornal do Commercio*, Mure, destaca como uma das vantagens de sua implantação, a criação de um novo sistema de educação e faz críticas ao ensino clássico que vigorava no país responsável pela formação dos bacharéis em Direito do doutores em Medicina:

Outra vantagem dessa medida he que a administração da commum, encarregada da vigilancia desses fundos, estabelecerá hum bom systema de educação unitaria, que he hum dos objetos mais desejaveis e uteis. Pouco trataremos de formar sabios, mas sim obreiros e executores: parece a quem vê as sociedades actuaes com suas pedantescas universidades, em que só se occupão com línguas e usos da antiguidade, que o estudo do grego e do latim pode supprir a quaesquer outros, e ao ver todas as familias que o podem mandar seus filhos às faculdades de direito e de medicina; dir-se-hia que o homem social no século XIX nasceu para estar doente ou ter demandas [...]³²

Para Mure, a supervalorização da formação humanística, baseada na filosofia e na retórica, que era tão almejada pela classe dominante (FERREIRA JR, 2010), tornava o estudo odioso por não corresponder à escolha natural do estudante. Afinal nem todos nasceram para tornarem-se médicos ou advogados. Na educação baseada no método de Jacotot, ao contrário, os meninos teriam liberdade para escolher que profissão seguir:

[...] Ao demais, inteira liberdade será deixada aos meninos, e a commum sociedade olhará como dever sagrado desenvolver todas as aptidões cujo precioso germen houver a natureza depositado nessas fracas creaturas. Assim para o futuro cada huma das funções de nossa ordem social será preenchida por quem fôr capaz de desempenha-la. Não teremos como hoje medicos que a natureza destinou para sapateiros, e pedreiros que poderão ter sido Raphaelis. O benefico methodo Jacotot, pelo qual qualquer ignorante pode sem custo ensinar aquilo que não sabe, achará aqui sua mais bela aplicação. Possa em breve brilhar o dia em que as famílias opulentas deste paiz, que mandão seus filhos a Europa, para lá receberem os vicios e as preocupações de nossas velhas sociedades, os mandem aos nossos estabelecimentos, onde em poucas semanas aprenderão o que levão 10 annos a aprender em nossos colégios!³³

Mure também, pensava em uma união entre indústria e educação para o trabalho, o que segundo Ferreira Jr (2010), não estava no pensamento da elite brasileira do Império, que inserida no contexto de uma sociedade agrária e escravocrata não via uma relação direta científica entre educação e o trabalho produtivo. Para o pesquisador estabeleceu-se no Brasil uma dicotomia inconciliável entre as chamadas artes liberais (educação para a política) e as artes mecânicas (instrução para o trabalho), sendo que na relação escravista, nem se quer

³² *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 17 de dezembro de 1840, n. 333, p. 02.

³³ *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 17 de dezembro de 1840, n. 333, p. 02.

existia uma educação voltada para o trabalho, uma vez que os escravos eram simplesmente adestrados para executar tarefas em que utilizavam a força bruta. Já a educação voltada para a política consistia em obter o título de bacharel, exercer a profissão até possuir capital necessário para se comprar uma fazenda, desempenhar uma função política, ser reconhecido como um distinto membro das elites agrárias, para poder finalmente, desfrutar do ócio; uma garantia para poucos e, que era proporcionada pelo trabalho escravo.

Assim, a exploração das potencialidades tecnológicas encontra-se associado a outros fatores, como o modo de organização das relações de produção, pelo caráter da estrutura de poder e, por fatores ideológicos (RIBEIRO, 1975). O Brasil ainda era um país agrário e o processo de industrialização que ocorria a pleno vapor nas potências industriais europeias, era aqui muito incipiente. O projeto falansteriano de Mure foi recebido com entusiasmo pelo governo imperial e grandes proprietários, justamente por representar para estes uma possibilidade de industrialização e de civilização para o país. Pensar numa educação integrada a indústria era, portanto, uma novidade para o Brasil, e Mure seguia na sua exposição:

Haverá tanta alegria, actividade e ventura entre nossos meninos, quanto he hoje sua preguiça, quanto seu aborrecimento. Utilizando-os nos trabalhos da industria, instrui-los-hemos em seus methodos. He hum erro considerar os meninos como inuteis e indolentes: se soubéssemos aproveitar essa actividade irresistível de que dão exemplo seus brinquedos, veríamos quantos recursos póde a industria tirar de seu concurso. Seria para isso preciso que a tornassem facil e agradável para elles. O ensino das artes e officios he hoje quasi tão estúpido e embrutecedor como o dos collegios. He pelo attractivo, he pelo discretos emprego de todas as vocações naturaes, que nossos filhos serão convidados para o trabalho. Teremos o cuidado de não exaurir sua boa vontade com mui prolongadas sessões. Curtas e variadas, suas occupações serão prazeres, e mais terão nossos mestres de moderar do que incitar seu zelo. A combinação das artes agricolas e manufactureiras deixará intermeiar essas occupações do modo mais inciante, e os meninos não serão os unicos que aproveitem essa feliz alliança. Meninos por esse modo educados serão não só mais alegres e venturosos do que os nossos, serão tambem muito mais uteis, e começarão mui cedo a prestar serviços reaes aos obreiros e lavradores que lhes tiverem dado suas primeiras lições. Teríamos que dar exemplos praticos da hypothese que hoje estabelecemos, os elementos do vasto systema de que damos conta existem por toda parte no velho mundo: quem pois duvidaria da facillidade do bom exito de nossa empresa, quando todas essas peças separadas de huma grande machina, reunidas, emfim, se prestarem hum mutuo apoio e se engrasilharem humas nas outras³⁴.

³⁴ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 17 de dezembro de 1840, n. 333, p. 02.

Pudemos notar que nesse início da divulgação do Ensino Universal, Mure estava sozinho e suas publicações a respeito do método eram poucas, ressaltando que se dava juntamente com a divulgação da homeopatia e do socialismo, com o passar dos anos e, na medida em que Mure foi ganhando espaço essas publicações passaram a serem publicadas com maior intensidade, não só por ele, mas também por seus colaboradores, assim como por opositores que criticavam as ideias de Mure no ‘Jornal do Commercio’.

Até 1840, Mure era um completo desconhecido dentro do campo médico brasileiro e chegou com propostas inovadoras, não só para a medicina e, assim que aportou na capital do império com o intuito de fundar seu falanstério, e antes mesmo de rumar para Santa Catarina, consegue angariar no Rio de Janeiro um adepto a causa homeopática, que foi o Dr. A. J. Souto Amaral, já mencionado e segundo Galhardo (1982, p. 286) um renomado cirurgião, depois de algumas visitas a doentes “pobres”. Logo em janeiro de 1841, Mure converte também o Dr. Thomaz da Silveira, médico que atuava em Santa Catarina. Ainda no mesmo ano ganhou a simpatia do Dr. Lisboa, médico português e depois foi a vez do Dr. José da Gama e Castro que era redator do ‘Jornal do Commercio’. Um a um Mure foi colhendo adeptos e engrossando cada vez mais a fileira dos que combatiam pela causa homeopática. E dentre os que simpatizavam com o homeopata francês estavam, inclusive integrando a diretoria do Instituto Homeopático, nomes de peso da sociedade carioca como o Visconde de Olinda, Tranfo Vianne, Lacerda, Perdigão Malheiros e Lima e Silva (JANOT, 1999).

Na medida em que foi angariando simpatizantes, a maioria médicos, à homeopatia. Mure procurou também convencê-los de seus ideais a respeito da educação, e nesse domínio era o Ensino Universal por ele defendido como a melhor resposta para os problemas educacionais. O médico homeopata foi tecendo paulatinamente uma rede de afetividade em torno de si, da qual nos fala Sirinelli (2003), ao afirmar que as estruturas de sociabilidade que se traduzem tanto na atração e a amizade, como na ruptura, na rivalidade, na briga etc., exerce, por vezes, papel decisivo no estudo de intelectuais. Dentre os médicos que Mure conseguiu convencer também ao Ensino Universal, destaca-se o Dr. João Vicente Martins, que se tornou seu maior apoiador e incentivador a partir de 1843. Este médico chegou, inclusive a escrever uma obra intitulada ‘Horas vagas’ na qual aborda as teorias dos pensadores que seu amigo e mestre Mure o havia apresentado, entre eles Jacotot e, a divulga no ‘Jornal do Commercio no ano de 1846’:

Nesta obra, que sahirá em quadernos, tratarei, no estylo romantico, e servindo-me sempre de factos historicos, 1º, de Jacotot e seu methodo; 2º, de Hahnemann e suas doutrinas; 3º, de Fourier e suas teorias; 4º, de Mesmer e o magnetismo; e em toda essa obra minhas opiniões irão tão claras, tão francas, quanto o permite o estylo em que eu souber escrever. Sei muito bem a quanto me exponho, mas sei que é meu dever antes de todos ser verdadeiro, e sê-lo tão claramente que me compreendam bem. – Metade do producto liquido desta obra ha de ser entregue ao Sr. thesoureiro da Imperial Sociedade Amante da Instrução, para ser applicado às despesas do novo collegio de órfãos. Não creio que a repugnancia em aceitar minha offerta vá até ao instante de ser ella realisada. Talvez que até mesmo o silencio que tem respondido a meu offerecimento encontre muito justificados motivos.... Seja como fôr, eu cumpro a minha obrigação. Que meus consocios, agora auxiliando meu esforço, cumprão igualmente a sua, e não sirvão a má vontade de alguém [...]³⁵.

A referida obra de João Vicente Martins, teve seus rendimentos consagrados pelo autor a um colégio de órfãos recém-criado na corte do Rio de Janeiro e que tinha por nome ‘Imperial Sociedade Amante da Instrução’. Segundo Martins o colégio havia lhe pedido uma “esmola” e o médico prontamente se disponibilizou em ajudar, porém ao que parece, sua ajuda teria sido recusada posteriormente, por ser ele declaradamente adepto da homeopatia. Ainda assim, o médico insistiu em dar a sua contribuição.

Fatos como este não eram raros no cotidiano de médicos homeopatas no início do século XIX. O próprio Mure foi expulso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1847, constituído por homens proeminentes da sociedade carioca, muitos destes, médicos alopatas, que não admitiram as colocações que Mure fizera a respeito da morte do filho primogênito do Imperador, D. Afonso³⁶. O homeopata, ao escrever uma peça, a ser publicada na Revista do Instituto sobre a dolorosa tragédia, fez supor que se o príncipe tivesse recebido um tratamento homeopático, não teria falecido. Mure provocou uma polêmica dentro da instituição, teve seu discurso censurado, foi impedido de publicá-lo na Revista do Instituto e logo depois excluído do número de sócios da instituição que presava pela homogeneidade entre seus membros (MALEVAL, 2011). A disputa entre os dois modos de curar, extrapolava, assim o campo médico, refletindo em outros ambientes de sociabilidade.

Apesar das várias ofensivas contra os seus projetos, o grupo de homeopatas seguiam fazendo suas publicações a fim de popularizar as teorias que adotavam, como esclarecer o Dr.

³⁵ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 05 de outubro de 1846, n. 274, p. 02.

³⁶ Dom Afonso Pedro (1845-1847) morreu aos dois anos de idade.

João Vicente Martins ao demonstrar apoio ao Sr. Ballá por se dispor a oferecer conselhos a cerca do Ensino Universal para os pais de família da corte:

[...] Nós que na escola de medicina homeopathica já encetámos estes trabalhos no anno passado; nós que neste anno o vamos continuar; nós, que temos conseguido que nossos discipulos se maravilhem de ter já, sem que saibão como, tão extensos conhecimentos da anatomia humana, havendo recebido tão poucas lições, e não tendo todos comprehendido ou aceitado este methodo; nós nos congratulamos com o Sr. Ballá, e lhe promettemos que de nosso lado caminharemos com elle para que o methodo do ensino universal haja de ser conhecido e por todos adoptado. Já tivemos no Jornal do Commercio um manuscripto, em que pretendemos por exemplos e inducções popularisar esse methodo [...]³⁷

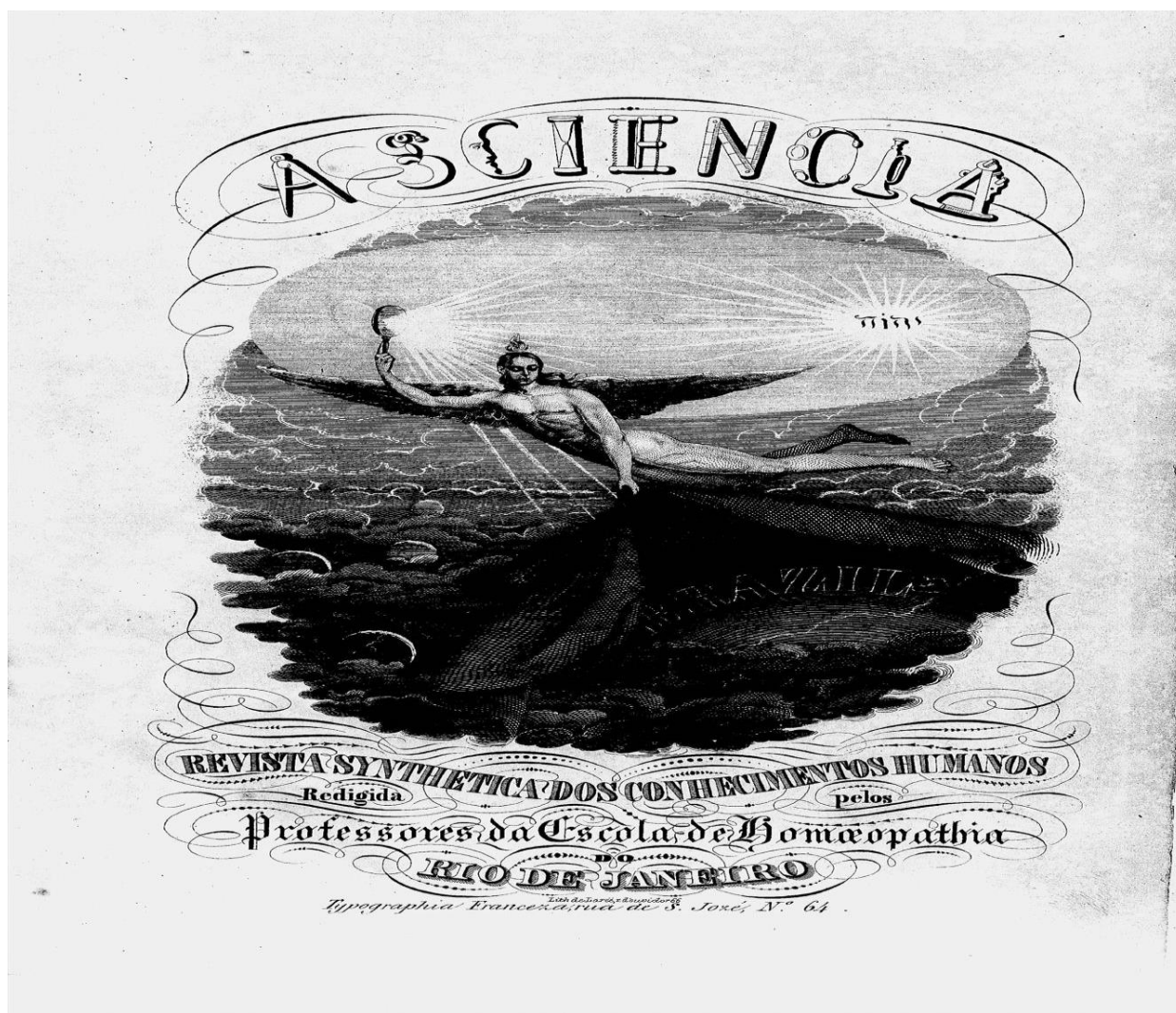
Como explicita a publicação do Dr. João Vicente Martins, a escola homeopathica, responsável pela formação de médicos do Instituto Homeopático do Brasil, declara abertamente seu desejo de popularizar o Ensino Universal, oferecendo inclusive apoio a outras iniciativas de divulgação do mesmo. O Dr. Martins fala em nome da instituição o que comprova que o Ensino Universal era adotado pelos demais membros. Em 1846 o grupo seguia adquirindo mais adeptos, apesar de toda polêmica em torno da sua atuação na cidade do Rio de Janeiro. Percebemos que já na primeira fase da divulgação do Ensino Universal, que se deu majoritariamente nas páginas do ‘Jornal do Commercio’, Benoît Mure conseguira atrair um bom número de simpatizantes que além de se engajarem na causa homeopática, tornaram-se também defensores dos princípios do Ensino Universal. Porém é no ano de 1847 que essa divulgação irá se tornar mais intensa.

4.2- UM MÉDICO QUE NÃO É SAPATEIRO: SEGUNDA FASE DA PROPAGANDA JACOTISTA E A SCIENCIA: REVISTA SYNTHETICA DOS CONHECIMENTOS HUMANOS

Chamamos de segunda fase da propaganda jacotista a intensificação de publicações a respeito do Ensino Universal por parte dos homeopatas aliados a Mure. Notamos que estas se deram a partir de 1847, de forma mais abundante, na revista A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos que teve seu primeiro volume publicado em julho de 1847, e era produzida pelos próprios professores da Escola Homeopathica:

³⁷ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 02 de outubro de 1846, n. 33, p. 02.

Fotografia 07: capa de ‘A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos’, 1847.



Fonte: A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos

A revista abordava assuntos inerentes às diversas ciências como física, astronomia, geologia, além de assuntos relacionados à homeopatia e ao Ensino Universal de Jacotot. Notamos também que as publicações a respeito do método se tronaram mais explicativas, aprofundando a teoria de Jacotot. Para nós, isso se deu, porque pela primeira vez aquele grupo de homeopatas possuía um espaço próprio para publicar suas ideias e visões de mundo. Como nos lembra Sirinelli (2003): “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes [...]”. A revista compõe-se então numa dessas estruturas de sociabilidade, e ao mesmo tempo em que são um observatório do primeiro plano dessa sociabilidade, são também um lugar importante para a análise do movimento das ideias.

Conforme o estudo de Galhardo (1982) Mure já contava em 1847 quando fundou o Instituto Panecástico do Brasil, com o poderoso auxílio de outros dois discípulos diretos de Jacotot, os senhores Eduardo Tiberghien Ackermann e A. Jernstedt. A ata da reunião em que Mure propôs a criação do Instituto foi publicada no terceiro volume da revista pertencente ao grupo. Na reunião, que ocorreu o dia 03 de maio de 1847, a proposta de Mure foi adotada por unanimidade entre os presentes. Nos estatutos da instituição podemos ler:

O Instituto tem por fim propagar os princípios da emancipação intellectual do immortal Jacotot, e substituir á autoridade e ao pedantismo os direitos da razão humana.
 Para alcançar este resultado, o Instituto abrirá conferencias hebdomandarias para resolver as duvidas que possa suscitar a applicação do ensino universal.
 O Instituto procurará reunir um fundo pra a creação d'um collegio normal que reunirá
 Os presépios.
 As casas de asylo.
 Escolas primarias.
 O ensino superior³⁸

Percebemos que o grupo de médicos homeopatas pensava não só em transformar a medicina no Brasil, queria reformar as bases do conhecimento através do método de Jacotot. O grupo pensava, inclusive, na criação de um colégio normal que iria dos presépios ao Ensino Superior. Sendo a homeopatia, o primeiro ramo de ensino em que se utilizaria o método. Uma vez que para o grupo de médicos a doutrina de Hahnemann seria um verdadeiro exemplo de emancipação intellectual espontânea.

Há que se levar em conta que, para esse grupo de homeopatas, a teoria de Hahnemann teria surgido também pelo acaso, pois, após discordar da interpretação de um médico escocês sobre o uso de quinquina no tratamento de febres intermitentes. Hahnemann teria resolvido experimentar o medicamento em si próprio, analisando todas as reações e sintomas que a substância causava nele, para depois aplicar o medicamento nas pessoas doentes. Este experimento, até hoje polêmico, deu início às experimentações homeopáticas do médico alemão (MÍKOLA, 2011). Talvez por isso, os professores da Escola Homeopathica do Brasil acreditassem se tratar a ciência de Hahnemann de um exemplo de aprendizagem espontânea, tal qual acreditava Jacotot, por isso também, talvez a aproximação das duas teorias por parte do grupo.

³⁸ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, setembro de 1847, vol. 1, n. 3, p. 17.

Ainda no mesmo volume da revista foi publicado o texto intitulado ‘Emancipação Intellectual’, cuja autoria não se identifica, assina somente pelo epíteto de ‘Um professor de homeopathia que não é sapateiro’. O texto descreve a experiência de um ferreiro identificado como Elihu Burritt, que sozinho conseguiu se emancipar intelectualmente:

A América do Norte apresenta neste momento um facto, que reproduz em todo o mundo, mas que passa despercebido, isto é, homens do povo, officiaes de officio applicando ás letras, sciencias e artes, as disposições que receberão da natureza, fazerem-se celebres por seus conhecimentos, e prestarem serviços a humanidade *apezar* do seu estado de officiaes de officio.

Elihu Burritt, nascido em 1811 no estado de Connectcut, filho de um sapateiro, andou n’uma escola por três meses, porém as circumstancias de seu pai o sapateiro obrigarão Elihu Burritt a trabalhar de um officio, e como a sua natureza phisica era muito robusta; entrou na officina de um ferreiro, e consagrava ao estudo os poucos instantes que lhe sobrávãõ. Sosinho, sem mestre algum, pela única força da sua energica vontade, applicando assim por intuição os principios do jacotismo, o ferreiro Burritt conseguiu apprender as mathematicas, o latim, o grego, o francez, o italiano, o allemão, o hespanhol, já sem o querer, o ferreiro tinha ganhado fama [...]

Assim pois um homem do povo, sahido do povo, que sempre quis pertencer ao povo; um official de officio, que nunca quis renunciar o seu officio, pela única força da sua vontade, pela dedicação natural que tinha, applicou-se com o maior successo aos estudos os mais abstractos, succedeu e por todos foi admirado, estimado, todos reconhecem a sua alta capacidade, os seus vastos conhecimentos e lhe fazem justiça; todos reconhecem que factos destes se verificação diariamente. Sim, mas é comquanto o homem se limite á certos estudos. Se em lugar de estudar as linguas mortas e vivas, o ferreiro Elihu Burritt se atrevesse a dedicar-se ao estudo da medicina, e que, ou fazendo-se ajudar por mestres, ou aprendendo sosinho, se apresentasse um dia a uma corporação que, debaixo do titulo de Academia, tem o privilegio de monopolisar a instrução, e dissesse: Senhores, peço ser admitido a exame de capacidade: sou FERREIRO mas tenho estudado; não frequentei escolas de medicina, mas sei medicina. Seria tal homem tido por louco: Pertende saber alguma cousa e é *ferreiro!* Pertende ter estudado medicina e é *ferreiro!* *Vade retro!*

Ferreiro! Saiba o Sr. Ferreiro que aqui não é o saber que regula, porém sim os anos que se frequentou a escola. Mas senhores; frequentar não é aprender; muitos frenquentão as aulas, que tanto sabem do que quando entrãrão. Disto a ninguém se dá conta; quando a escola dá um diploma, é muito bem dado, e não se dá a ferreiros [...]

Os sectarios da medicina velha, entre as calumnias levantadas contra a escola homeopathica, espalhãrão se ella unicamente composta de officiaes de officio. – Não carece refutar a este boato absurdo. – Somos tão bons fidalgos como o podem ser os alumnos e os mesmos lentes da faculdade allopatica.

Comtudo julgamos dever combatter o prejuízo infundado e sustentado pelos sectarios do erro. Se a homeopathia fosse praticada unicamente por obreiros seria por isso ela menos verdadeira? Será acaso melhor morrer nas mãos de um medico de grande tom, ou sarar pelos cuidados de um plebeio? Se Hahnemann tivesse sido reduzido a praticar uma arte mecânica seria por isso a sua doutrina menos verdadeira?

Recorrer a semelhantes argumentos é desacreditar para sempre uma causa. Quanto tempo ainda ha de durar a intolerancia scientifica? no estado actual do desenvolvimento da intelligencia , parece-nos summamente absurdo este modo de raciocinar, parece-nos que chegado é o tempo em que a capacidade deve prevalecer sobre os privilégios, seja qual fôr a classe da sociedade donde sahe o talento. A liberdade da instrucção deve liberalisar os estudos a todos aquelles que tem aptidão e estas disnticções de ferreiros, pintores, sapateiros, alfaiates, cahem no auge do rideculo quando estes officiaes de officio se apresentam com os devidos conhecimentos das artes ou sciencias a que se applicarão. Condemna-los a ficarem algemados nos seus officios, embora apresentassem capacidades, seria querer fazer retroceder o espirito humano [...] ³⁹.

O texto inicia relatando a experiência emancipatória de Elihu Burritt, e acaba por tornar-se uma forte crítica à medicina institucionalizada, os homeopatas acreditavam, assim como Jacotot na igualdade entre as inteligências e logo na capacidade do homem do povo de ser o que quiser, desde que ponha a sua vontade naquilo que quer aprender. Tal qual Jacotot foi uma dissonância na sociedade francesa, esses homeopatas desafiaram o pensamento hegemônico da sociedade carioca. Assim como salienta Faria Filho (2011) para a elite brasileira a educação, para os pobres, não deveria ultrapassar o aprendizado das primeiras letras. Então, como conceber, no século XIX, que um pobre, um homem do povo pudesse tornar-se médico?

Segundo Rancière (2013) a filosofia desde Platão instituiu como mandamento para o artesão, esse que representa o homem do povo, que não se ocupasse de nada além do seu ofício, que certamente não era o de pensar. A escola, no Brasil, se constituiu historicamente como mantenedora da ordem social vigente no país desde a seu nascimento, ao abrir espaço para a entrada das classes populares sempre o fez estabelecendo duros limites, assegurando a perpetuação do velho mandamento platônico que “garante a integridade e a manutenção das posições hierárquicas na escala social e intelectual” (BRETAS; CRUZ, 2015, p. 223). É exatamente essa atitude que os homeopatas do Rio de Janeiro desafiaram ao chamarem de médicos, homens que nem podiam sonhar em alisar um banco da faculdade de medicina, muito menos merecer o seu diploma; não por incapacidade, mas por conta de uma forte determinação social. O ensino escolar, assim baseado na desigualdade das inteligências é somente mais um entre os mecanismos de repressão de que fala Ribeiro (1975), pois corrobora para que as camadas oprimidas aceitem o seu destino como natural e desejável. Aquele que nasceu ferreiro, não tente ser doutor.

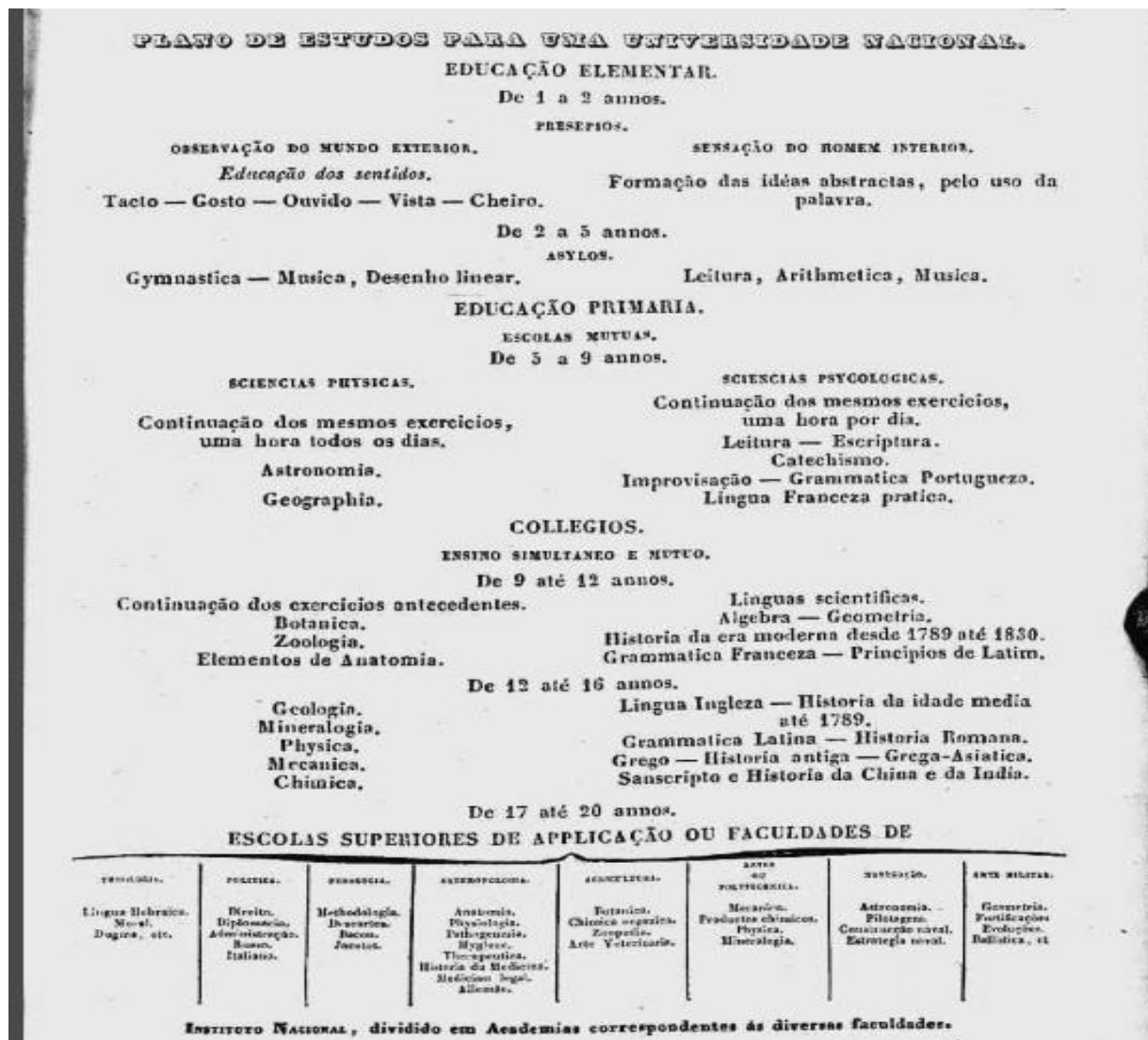
³⁹ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, setembro de 1847, vol. 1, n. 3, p. 18-20.

No número 5 da revista ‘Sciencia’, Mure publicou um plano de estudos para a criação de uma universidade nacional e dedico-o aos legisladores do Brasil, fazendo uma exposição detalhada do seu projeto, admitindo, entretanto, ter poucas esperanças de vê-lo adotado pelo país, que provavelmente o substituiria por alguma imitação das universidades alemãs, para o intelectual, ainda repletas do espírito da Idade Média. Mure inicia sua explicação chamando atenção para a dependência do Brasil com relação ao velho continente europeu. E declarando que enquanto seus estadistas continuassem mendigando a Europa modelos de instituições que não estariam em harmonia “... nem com o seu clima, nem com seus costumes, nem com sua civilização”⁴⁰ o Brasil estaria deixando de representar seu próprio papel nos destinos da humanidade. Mure falava de algo que já foi apontado por muitos estudiosos da história do Brasil, a inautenticidade da sua cultura.

Como destaca mais uma vez Ribeiro (1975), durante a maior parte da história colonial do Brasil não se encontra uma camada erudita que seja a expressão da criatividade de seu povo. Mesmo depois da independência proclamada, mas para Mure, não efetivada; a criatividade cultural dessa camada erudita continuou atada aos gestos do velho contexto, afinal o Brasil continuou preservando os traços estruturais da velha sociedade, “escravidão, latifúndio, monocultura” (FERREIRA JR, 2010, p. 19). Dentro desse contexto, não se exprimia uma cultura própria, mas sempre dependente de padrões culturais alheios, primeiro da Europa, depois dos Estados Unidos. Mure prosseguiu apresentando seu projeto de universidade para o Brasil, como destacamos a seguir:

⁴⁰ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, novembro de 1847, vol. 1, n. 5, p. 02.

Fotografia 08: Plano de estudos para uma Universidade Nacional



Fonte: A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos

O intelectual categorizou o ensino em dois ramos gerais, conforme a divisão dos conhecimentos humanos. O primeiro ramo correspondia às ciências físicas ou de observação exterior, já o segundo, equivaleria às ciências psicológicas ou da inteligência refletida sobre si mesma. Mure sugeria que os dois tipos de estudo se dessem de forma paralela, sendo as manhãs consagradas ao primeiro e a tarde ao segundo. A respeito dos conteúdos das duas ciências, explica ele:

As sciencias de observação forão classificadas segundo a ordem mais natural, e ao mesmo mais logica, principiando pelos objectos os mais sensiveis e os mais proprios a despertar a curiosidade, pelos infinitamente

grandes da astronomia, e acabando pelos cálculos moleculares e os infinitamente pequenos da chimica.

As sciencias psychologicas, na sua verdadeira essencia, não são outra coisa senão a formação de ideias abstractas pela palavra. As mathematicas são a mais perfeita das linguas e a chave de todas as sciencias.

Ao estudo das línguas juntamos o estudo da historia a qual é-lhe intimamente colligada, e para tirar dobrado proveito dos seus trabalhos julgamos que o ensino da história deveria ser feito em linguas estrangeiras, para obrigar os alunos ao seu estudo⁴¹.

Quanto ao método de ensino a ser empregado, Mure defende o uso do método analítico de Bacon⁴² para a ciência e, também o de Jacotot aplicado a pedagogia, alegando que com essa organização se acabaria com o desanimo que atingia os alunos. Mure salienta que além dos estudos pertencentes aos dois ramos do conhecimento humano, algumas horas do dia seriam destinadas a trabalhos efetivos de artes e de agricultura, que poderia ser “a cultura de jardim nos dias de bom tempo, a aprendizagem de uma profissão, como a typographia, a lithographia, a escultura, e outras occupaões uteis”⁴³. Para o homeopata, essas seriam recreações mais agradáveis aos alunos em lugar das carreiras e os gritos desordenados que eram o único divertimento das crianças. Mure está provavelmente, se referindo ao método de ensino misto, que perdurou no Brasil desde a década de 30 até a última década do século XIX, quando se estabeleceu o método simultâneo (FARIA FILHO, 2011).

No que diz respeito à organização das etapas de ensino Mure as dividiu em: Presépios; Casas de asilo; Escolas primárias e; Ensino superior.

Os presepios, esta instituição social que está espalhado por toda a Europa, é o primeiro passo dado para preparar á sociedade homens uteis e razoaveis. Inutil é aqui elogiar estes estabelecimentos, cujas vantagens são bastante conhecidas. O nosso assombro é que elles ainda não existem, nem em esperança, no paiz que mais delles carece, no Brasil.

Diremos a mesma cousa das salas de aylo.

Mure, se referia aqui ao âmbito da educação infantil, que nem ao menos era pensada naquele momento, no Brasil o termo jardim de infância só seria mencionado em lei do Município da Corte, em 1879. Já a criação de creches, cujo termo se origina do francês *creche*

⁴¹ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, novembro de 1847, vol. 1, n. 5, p. 02.

⁴² Francis Bacon (1561 - 1626) é considerado o pai do empirismo moderno por ter formulado os fundamentos dos métodos de análise e pesquisa da ciência moderna. Defendia a aplicação da ciência à indústria, a serviço do progresso. Buscou formular um método para o conhecimento da natureza que pudesse ser definido como científico e que pudesse ser repetido (PEREIRA, 1996).

⁴³ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, novembro de 1847, vol. 1, n. 5, p. 03.

que equivale a presépio, seria registrada apenas em 1899 (FILIPIM; ROSSI; RODRIGUES, 2017). As salas de asilo, assim como a creche eram, na França, etapas preparatórias para a escolarização:

Na França, lugar de origem da palavra creche, esta instituição recebia crianças de 0 a 2 anos de idade. Quando não era mais possível permanecer na creche em razão da idade, a criança ia para as salas de asilo, que se destinavam às crianças de 3 a 6 anos de idade. Com o passar do tempo, a creche e as salas de asilo se tornaram etapas que antecediam a escolarização, embora isso não conseguisse abranger toda a população infantil. Muitas escolas (que mais tarde receberiam o nome de escolas maternas) surgiram como aperfeiçoamento das salas de asilo francesas [...] (LOPES; MENDES; FARIA, 2000, p. 19).

Mure destaca ainda, o papel das escolas primárias mútuas, que já haviam se estabelecido desde a lei de 15 de novembro de 1827 (FARIA FILHO, 2011). Para Mure, essas escolas só não estariam sendo eficazes por receberem meninos já “estragados” pela “falsa” educação da família individual e por adotarem o método sintético, aquele em que se aprende a ler da parte para o todo. O intelectual assim sentencia: “No dia em que as escolas mutuas se recrutarem nos presepios e nas salas de asylo, no dia em que o methodo Jacotot fôr nellas admitido, nascerão nellas os maiores prodígios”⁴⁴.

Depois que os alunos tivessem concluído esses estudos em comum, por volta dos 16 ou 17 anos, deveriam escolher uma profissão. Mure sugere a divisão do Ensino Superior em oito Escolas de aplicação ou Faculdades:

Uma de teologia para os estudos religiosos, única base da sociedade civil.
 Uma de política; para formar jurisconsultos, diplomatas e administradores, entre os quaes deveria o governo escolher a maior parte dos seus empregados, atalhando assim o desenvolvimento da corrupção, que parece uma chaga inherente ao governo representativo.
 Uma de pedagogia ou de phiosophia panecastica para estudar o methodo penecastico, e analysar os processos os mais vantajosos para a sua applicação.
 Uma de anthropologia, abraçando a sciencia do homem e a medicina, que não é senão um dos seus ramos, cada vez menos importante depois que a adopção geral da homeopathia tiver reduzido as molestias a um numero insignificante.
 Uma de agricultura, que comprehenderá as sciencias applicadas a cultura do solo, á meteorologia, á criação dos animaes; á arte veterinaria. O estado deve a uma profissão tão respeitavel e tão util de eleva-la ao nivel das outras que tratão quase unicamente da distribuição e do emprego das riquezas que ella arranca do seio do nosso globo.

⁴⁴ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, novembro de 1847, vol. 1, n. 5, p. 03.

Uma das artes, ou escola polytechnica, abraçando as artes, a industria, a fabricação dos productos chînicos.
 Uma escola de navegação.
 Emfim, uma escola militar [...]⁴⁵.

Mure finaliza a sua exposição fazendo uma critica as academias profissionais, segundo ele, instituições que deveriam cuidar dos progressos das ciências, mas se ocupavam, ao contrário, de tolhê-los, tornando-se corporações mais nocivas do que úteis a sociedade. Mure, propunha que estas fossem ocupadas por todos os profissionais formados nas escolas superiores, dentre estes, sairia uma comissão anual de 400 membros de cada faculdade, que formaria o instituto nacional de ciências. Percebemos que o homeopata pretendia a união de todas as ciências, só assim, em sua visão, o Brasil estabeleceria seu poder político e intelectual.

Vemos na iniciativa de Mure, ao propor um projeto de universidade baseando-se no método de Jacotot, uma tentativa de institucionalizar o Ensino Universal, esse ponto constitui uma diferença entre as ideias de Mure e seu mestre, já que segundo Rancière (2013, p. 143) o Ensino Universal não poderia ser institucionalizado sem que se deturpassem seus princípios, não poderia “especializar-se na produção de uma categoria determinada de atores sociais”. E esse era, para Rancière o desejo de Jacotot, pois prender tal método a uma instituição seria matá-lo; tudo o que se poderia fazer pelo método de Jacotot, uma autoridade política, seria proteger a sua livre circulação entre os indivíduos. Nas palavras do autor:

[...] Jacotot foi o único igualitário a perceber que a representação e a institucionalização do progresso acarreta a renúncia à aventura intelectual e moral da igualdade e que a instrução pública era o trabalho de luto da emancipação. Um saber dessa ordem provoca uma horrorosa solidão. Jacotot acostumou-se a essa solidão [...] (RANCIÈRE, 2013, p.184).

É certo, como ressalta Sirinelli (2003), que um intelectual se define sempre por referência a outro intelectual de quem adquire uma herança, porém é certo também para o autor que, na distância temporal que se estabelece entre o acontecimento fundador e a gestação das suas repercussões, ocorre, na geração herdeira à fusão entre o que inato e o que é adquirido. Ficamos então com uma dúvida no que se refere a apropriação do Ensino Universal de Jacotot por Benoît Mure. Desconheceria Mure, o fato de que o Método não poderia ser jamais institucionalizado? Ou acreditou, ele, ser possível fazê-lo no Brasil? Não saberemos dar respostas a essas questões, no momento.

⁴⁵ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, novembro de 1847, vol. 1, n. 5, p. 03

O que pudemos notar é que, o grupo criado por Mure não deixou de tecer duras críticas às universidades e academias brasileiras da época, qualificando-as como obstáculos ao progresso livre das inteligências e, acusando-as de recorrerem as forças armadas dos poderes constituídos para manter seu *status-quo*, uma vez que não conseguiam mantê-lo pelo seu próprio mérito. O grupo estaria se referindo a criação de leis que por vezes chegavam a Câmara e ao Congresso e que direta ou indiretamente propunham a extinção da homeopatia, (JANOT, 1999). E defendiam, em seus artigos, a liberdade de exercício não só da homeopatia, mas de todas as ciências no Brasil⁴⁶.

Durante os dois anos de circulação da revista 'A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos' os homeopatas publicaram artigos em que defenderam a adoção do Ensino Universal ou teceram explicações a respeito da experiência e máximas jacotianas. Esses artigos foram publicados pelos professores Benoît Mure, João Vicente Martins e E. T. Ackermann. Mas, ao que parece o Ensino Universal era utilizado por todos, alunos e professores da Escola de Homeopathia, pelo menos é o que declara o Dr. Duque-Estrada, ao escrever um texto no 'Jornal da Academia Medica-Homeopathica do Brasil' em 1848, em que critica o uso do Método Jacotot:

[...] Tudo pode ser neste mundo... os annos do Sr. Mure são contados por outra maneira, que não a vulgar: pode mesmo existir a regularidade de estudos dando cada lente duas ou tres lições durante o anno, e ahi então o Sr. Cochrane que fez 2 ou 3 lições da materia que professava, o Sr. Bento Martins que fez o seu curso com uma só lição &c... e os Srs. Duarte Moreira, Moura e Figueiredo que digão quantos fizeram. Verdade é que bastaria cada lente dizer do alto de sua cadeira – está aberto o curso de Chymica, o curso de tal, de tal &c., porque depois os mesmos alunos segundo o methodo de Jacotot farião o resto. E' um *methodo* maravilhoso este *de Jacotot*, porém desgraçadamente estas maravilhas só tem logar neste Brasil!⁴⁷

O Dr. Duque Estrada deixa explícito através da sua crítica que o método Jacotot era utilizado por muitos lentes da Escola Homeopathia, reforçando a influencia de Mure, que convenceu estes médicos não só a abraçarem a homeopatia, como a usarem o Ensino Universal como método para a sua instrução. Não sabemos se o Instituto Panecastico do Brasil, fundado pelo grupo, chegou a abrir suas portas algum dia. Porém, a intenção de criá-lo e a divulgação do método do Ensino Universal, está para nós, e esperamos que o esteja também para o nosso leitor, comprovadamente explícita.

⁴⁶ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia de Silva Lima, 22 abril de 1848, vol. 2, n. 14, p. 01.

⁴⁷ Jornal da Academia Medica-Homeopathica do Brasil. Rio de Janeiro: Typographia do Diario, de N. L. Viana, janeiro de 1848, n. 01, p. 20-21.

4.3- A PARTIDA DE MURE

Mure partiu do Brasil no dia 13 de abril de 1848, “sete anos, quatro meses e vinte e três dias depois de sua chegada, a bordo da barca francesa – Girande” (DINIZ, 2008, p. 34). O intelectual publica sua despedida do país, tanto no ‘Jornal do Commercio’, como na revista ‘A Sciencia’, alegando precisar cuidar de sua saúde, deteriorada por sete anos de trabalhos não interrompidos e também por julgar que seus trabalhos não seriam mais tão necessários. Afirma que compreende também que poderia ajudar a causa homeopática de outra maneira, sem precisar expor tanto sua saúde.

Mure declara ter o desejo de colher os materiais produzidos por ele durante o tempo em que residiu no Brasil e publicar na Europa, a fim de tornar conhecidos os progressos da doutrina de Hahnemann no Brasil. E o fez quando em 1849, na França, a obra ‘Patogenesia Brasileira e Doutrina da Escola Homeopática do Rio de Janeiro’ foi publicada contendo a análise de “36 substancias novas, bem como a teoria das doses e desenhos de máquinas farmacêuticas” (JANOT, 1999).

Mure acreditava que o Brasil ocupava a maior posição na história da homeopatia, naquele momento e alegou em sua despedida, que o sucesso do seu empreendimento no novo mundo, se deveu ao trunfo do gênio esclarecido do povo brasileiro, a integridade dos magistrados. Não deixando de agradecer o zelo dos lentes da Escola Homeopathica e a dedicação dos alunos. Prestou ainda um agradecimento especial ao seu amigo Dr. João Vicente Martins, a quem deixava a incumbência de continuar insistindo na regulamentação da homeopatia no Brasil.

Na ocasião, João Vicente Martins também agradeceu e se despediu do seu mestre e amigo, incentivando-o a continuar a sua missão a favor da homeopatia sempre para o bem dos homens, sem pensar na ingratidão e nem recuar ante aos obstáculos. Martins revela nas palavras de incentivo ao amigo, o caráter sacerdócio com que esses intelectuais revestiram as causas que defenderam. Martins agradece a confiança, e usando máximas jacotistas, assegura ao amigo:

[...] entretanto ide seguro de que, se acaso me faltarem os talentos, não me hade faltar a coragem, nem tão pouco a boa vontade de ser útil aos meus semelhantes: e como a boa vontade alcança tudo o que é lícito, e como só pela força da vontade póde qualquer homem ensinar aos outros, até mesmo

tudo aquillo que elle ignora; talvez que a minha vontade possa bem supprir a falta de talento [...]⁴⁸.

Mure, assim como João Vicente Martins, acreditou que um homem pode tudo o que quiser, se tiver vontade e constância no que faz, e nesse ponto da história da homeopatia feita no Brasil, percebemos a marca de Jacotot. De certo, os homeopatas não conseguiram mudar a ordem social contra a qual combateram, mas escreveram no Brasil do século XIX uma experiência de emancipação intelectual a sua maneira.

⁴⁸ A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos. Rio de Janeiro: Typographia de Silva Lima, 29 abril de 1848, vol. 2, n. 15, p. 05.

UMA PORTA PARA MUITOS CAMINHOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Imaginei uma política que nascesse da beleza. Lutam melhor os que têm sonhos belos. Somente aqueles que contemplam a beleza são capazes de endurecer sem nunca perder a ternura. Guerreiros ternos. Guerreiros que leem poesia. Guerreiros que brincam como crianças...

Rubem Alves (2010)

O século XIX parecia ser o século dos possíveis, e por isso, para nós existe em sua história algo de encantador, uma vez que no nosso século, já não nos parece tão simples acreditar na possibilidade de construir uma sociedade baseada na igualdade, quanto era aos nossos antepassados. É claro que continuamos lutando por nossas pequenas e cada vez mais individuais causas; mas, pensar numa luta que leve a transformação geral é cada vez mais difícil. Já no século XIX isso não soava tão absurdo. Jacotot e Benoît Mure, nasceram, viveram, atuaram e morreram no século dos possíveis e, carregavam em si toda a energia engendrada no que o possível pode significar.

Como exposto na Introdução dessa dissertação, conhecemos o Ensino Universal ainda no curso de graduação em Pedagogia e nos sentimos tão atraídas pela beleza do tema que fizemos dele objeto de pesquisa na monografia, mas o leitor já conhece essa aventura. O que queremos dizer é que a possibilidade de continuar estudando esse tema, agora não como o formulou e divulgou Jacotot, mas, estudá-lo a partir da apropriação de outro intelectual, Benoît Mure, que se esforça para aplicar o método em um contexto sociocultural diverso, a nascente civilização brasileira, representou um grande desafio.

Sirinelli (2003) aponta para o problema da simpatia que nasce no pesquisador quando se dedica ao estudo de intelectuais, informando-nos que num primeiro sentido do termo, a simpatia é sim, necessária e constitui a essência do ofício do historiador, porém no sentido comum, devemos tomar o cuidado de assumir conscientemente e avaliar esse fenômeno. No nosso caso, assumimos a simpatia nutrida pelo objeto de pesquisa, assim como os excessos que esta simpatia possa causar, apesar de todo o esforço para que tal fenômeno não viesse a interferir na pesquisa.

Muitas incertezas e descobertas nos acompanham durante a pesquisa, é nesse sentido que assumimos a responsabilidade pelas falhas que esse estudo carrega. Temos certeza que o tema da divulgação do Ensino Universal no Brasil a partir das ações de Benoît Mure não está aqui esgotado, pelo contrário, acaba de anunciar-se, podendo dar vasão a muitas outras pesquisas, e assim desejamos.

Esclarecidos esses pontos, nos dedicaremos a tecer algumas considerações sobre o estudo. Como ressaltamos na Introdução, o principal objetivo da nossa investigação foi compreender o itinerário de Benoît Mure e suas ações e modos de divulgação do Método do Ensino Universal no Brasil, no período recortado de 1840-1848.

Foi possível constatar que durante sua passagem pelo Brasil, Benoît Mure, chegou ao país como um total desconhecido, mas disposto a colocar em prática as teorias de seus mestres. Fourrier, com a criação do Falanstérios; Hahnemann com a homeopatia e Jacotot, com os princípios do Ensino Universal. Mure, conseguiu dentro de pouco tempo, atrair para si muitos simpatizantes, às vezes chamados pelos opositores de discípulos seus. Entre esses, figuras de renome na sociedade carioca. Atuou como um intelectual despertador (SRINELLI, 2003) e conseguiu agregar um grupo vigilante e fervorosamente partidário as teorias por ele apresentadas.

Historicamente se destacou como um dos principais intelectuais que marcam o primeiro período do socialismo utópico no Brasil; na história da homeopatia, sua atuação repercute mundialmente, sendo referido logo após o criador da doutrina homeopática, por sua dedicação na divulgação da mesma. No que diz respeito a história do Ensino Universal no Brasil, nós o consideramos um importante divulgador do método proposto por Jacotot, fazendo circular os seus princípios no território brasileiro do século XIX através de sua incansável atuação.

Benoit Mure, atuou de diferentes formas a favor da divulgação do Ensino Universal, por isso, dividimos suas ações em duas fases, sendo que na primeira, por ser um recém chegado, apesar de ter angariado admiradores desde o início de sua estadia no Brasil, atuou por meio de divulgações de convites e oferecimento de explicações sobre a doutrina de Jacotot, que se concentraram, especialmente, nas páginas do ‘Jornal do Commercio’ do Rio de Janeiro. Na segunda fase, ocorreu a intensificação de suas ações com a criação da revista A ‘Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos’, a fundação do Instituto Panecástico do Brasil’, além da aplicação do método na Escola Homeoptathica.

A propaganda do Ensino Universal realizada por Mure, e depois por seus partidários, esteve fortemente marcada pela prática médica homeopática e socialista desse intelectual, que conseguia harmonizar teorias de diferentes campos do saber humano, acreditando que através da aplicação desses conhecimentos seria possível a criação de uma comunidade de homens emancipados, sadios e venturosos. Mure sonhou um sonho grande e belo muito característico dos utopistas do século XIX, sonhou-o não só por meio de suas palavras, mas também por ações políticas efetivas. Aplicou sua medicina aos cuidados de escravos e indigentes, admitiu em sua escola filhos de trabalhadores do povo, conferindo-lhes títulos de doutores e movimentou a estrutura social da época.

Cabe ressaltar mais uma vez, que Mure ao defender e divulgar os princípios do Ensino Universal, o fez a sua própria maneira e perspectiva, como ficou claro no seu projeto de Universidade Nacional, no qual deixa implícita sua intensão de institucionalizar o método.

Esperamos, por fim, que este estudo possa contribuir com a historiografia da educação brasileira, tornando-se útil aos seus pesquisadores. O Ensino Universal trata-se de um tema que carece ainda de investigação e consideremos pertinente que novas investigações a respeito do tema sejam produzidas dentro da historiografia educacional brasileira.

REFERÊNCIAS

AZANHA, J. P. **Uma idéia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP, 1992.

AZEVEDO, Luana Oliveira de. **Um Império e duas medicinas**: A Introdução da Homeopatia no Brasil na década de 1840. 2008. Monografia (Bacharelado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/producao/luanaazevedomonografia.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2016.

BARRA, Sérgio Hamilton da Silva a Cidade corte: o Rio de Janeiro no início do Século XIX. **Anais do 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade**: Sandra Jatahy Pesavento; 1 Ed. Porto Alegre, 9 a 11 de março de 2015, pp. 791-805. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/55CD/SergiohamiltondasilvaBarra.pdf>> Acesso em: 14 dez. 2017.

BARROS José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BARROS José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011a. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/%20cadernoshistoria/article/viewFile/987/2958>> Acesso em: 26 jul. 2016.

BARROS, José D.'Assunção. Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 1, p. 239-255, 2011b. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/7752/8503>> Acesso em: 07 jul. 2016.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo**: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BOTO, Carlota. Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita: o relatório de Condorcet. **Educ. Soc. [online]**. 2003, vol.24, n.84, pp.735-762. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302003000300002>>. Acesso em: 15. jun. 2016.

BRETAS, Silvana Aparecida; CRUZ, Crislaine Santana. O mestre e o aprendiz como iguais: a potência da vontade e da inteligência humana em Rancière. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 63, p. 210-232, jun 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641179>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

BURMEISTER, Hermann. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**: visando especialmente a história natural dos distritos auríferos. Tradução: Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt; nota bio-bibliográfica Augusto Meyer. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

CAMPOS, Raquel Discini de, No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Rev. bras. hist.**

educ., Campinas-SP, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012. Disponível em:
<<http://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/320/306>> Acesso em: 09 fev. 2017.

CASTILLO, Xavier Laudo Educación y emancipación: de la experiencia de Jacotot a la expectativa de Rancière. **Educació i història: Revista d'història de l'educació**, Issue 21, pp.65-87, 2013. Disponível em:
<http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2016-07-28> Acesso em: 15. Jun. 2016.

CERLETTI, Alejandro A. La política del maestro ignorante: la lección de Rancière. **Educação & Sociedade**, Vol.24(82), pp.299-308, 01 April 2003. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n82/a21v24n82.pdf>> Acesso em: 15. Jun. 2016.

COSTA, Emília Viotti da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do Século XIX. **Revista de História**, n. 142-143, pp. 277-308, 2000. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18903>> Acesso em: 20 set. 2017.

CRUZ, Crislaine Santana. **O mestre e o aprendiz como iguais**: A potência da vontade e da inteligência humana em Jacotot reatualizada por Rancière. 2015. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. Disponível em:
<<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=813177&key>> Acesso em: 21 jul. 2015.

DINIZ, Mário Flávio Pezenatto. **Benoît-Jules Mure no Brasil**: 1840-1848. Tese de Doutorado. Instituto de Cultura e Escola e Homeopatia, 2008. Disponível em:
<<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=HomeoIndex&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=11122&indexSearch=ID>>. Acesso em: 15. jun. 2016.

ESCOLA SUPLEMENTAR DE MEDICINA E INSTITUTO HOMEOPÁTICO DE SAÍ. In: **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Capturado em [06.out.2016]. Online. Disponível na Internet
[<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/escsmihsahy.pdf>]. Acesso em: 16 out. 2016.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução Elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 5. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2011, pp. 135-150.

FERREIRA JR., Amarílio. **História da Educação Brasileira**: da Colônia ao século XX. São Carlos: EdUFSCar, 2010. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/profile/Amarilio_Ferreira_Jr/publication/270903884_Historia_da_Educacao_Brasileira_da_Colonia_ao_seculo_XX/links/554b5a280cf21ed21359275d/Historia-da-Educacao-Brasileira-da-Colonia-ao-seculo-XX.pdf> Acesso em: 14 dez. 2017.

FILIPIM, Priscila Viviane de Souza; ROSSI, Ednéia Regina; RODRIGUES, Elaine. História da institucionalização da educação infantil: dos espaços de assistência à obrigatoriedade de ensino (1875-2013). **Rev. HISTEDBR On-line**, Campinas, v.17, n.2 [72], p.605-620, abr./jun. 2017. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/download/.../16934>> Acesso em: 14dez. 2017.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. O papel pedagógico dos jornalistas no Rio de Janeiro oitocentista. **Intellèctus**, ano XIV, n. 1, p. 127-141. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/18801/13909>> Acesso em: 15 jun.2016.

GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. História da homeopatia no Brasil. In: **Livro do 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia**. Rio de Janeiro, 1928. p. 271-1016. (BN). Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/06003100#page/414/mode/1up>> Acesso em: 15 jul. 2016.

GALLO, Ivone. O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX. In: **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ivone%20Gallo.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2016.

GALLO, Ivone. Intelectuales y socialistas o la ciencia al servicio del arte de vivir, **Revista Historia y Espacio**, 17-sep-2013. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.univalle.edu.co/bitstream/10893/5423/1/Intelectuales%20y%20socialistas%20o%20la%20ciencia%20al%20servicio%20del%20arte%20de%20vivir.pdf>> Acesso em: 07 jul. 2016.

GOMES, Andre Gracindo. **O teatro do oprimido como prática política no contexto da emancipação em Jacques Rancière**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das artes) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=487919> Acesso em: 10 jan. 2017.

GUTTLER, Antonio Carlos **A colonização do Saí (1842-1844): esperança de falansterianos expectativa de um governo**. 1994. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112089/99058.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 10 jan. 2017.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HOBSBAWN, Eric. J. A Revolução Francesa. In: HOBSBAWN, Eric. J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 3 ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

INSTITUTO HOMEOPÁTICO DO BRASIL. In: **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)** Capturado em [06.out.2016]. Online. Disponível na Internet em:< <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/insthomb.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2016.

INSTITUTO PANECÁSTICO DO BRASIL. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Capturado em [13, jun, 2016]. Online. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instpanbr.htm>>. Acesso em: 16 out. 2016.

JACOTOT, Joseph. **Enseñanza universal**. Lengua Materna. Tradução: Pablo Ires. Buenos Aires: Cactus, 2008.

JANOT, Ch. Benoît Mure (1809-1858). 1936. In: MURE, Benoît Jules. **Patogenesia Brasileira**; p. XI – XXI; Tradução: Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Rocca. 1999.

JARAMILLO, Marta de Las Mercedes Contardo. **Possibilidades do Ensino da Língua Espanhola nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: uma proposta de formação docente. 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1160/1/Marta%20de%20Las%20Mercedes.pdf> Acesso em: 10. Jan. 2017.

JÓDAR Francisco; GÓMEZ Lucía. Emancipación e igualdad: aspectos sociopolíticos de una experiencia pedagógica. **Educación & Sociedad**, Vol.24 (82), p.241-250, 01 January 2003.

JOSÉ NETTO, Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx** - 1.ed.-Sao Paulo : Expressão Popular, 2011. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/.../Contribuições-para-a-interpretación-do-método-de-Marx> Acesso em: 29 mai. 2017.

LEONIDIO, Adalmir. As idéias do socialismo utópico no Brasil. **Cadernos de História**, p. 98-117, 2009. Disponível em: <http://www.ichs2.ufop.br/cadernosdehistoria/ojs/index.php/cadernosdehistoria/article/view/84> Acesso em: 07 jul. 2016.

LIMA; Lílían Martins de. Os Letrados e a Imprensa : Um perfil do intelectual brasileiro oitocentista. In: **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Lilian%20Martins%20de%20Lima.pdf> Acesso em 14 dez. 2017.

LOBO, Francisco Bruno. **O ensino da medicina no Rio de Janeiro**: Homeopatia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1968.

LOMBARDI, José Claudinei. História, cultura e educação: aportes marxistas. In: _____, José Claudinei. CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos e MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. **História, cultura e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de. (Org), **Livro de estudo**: Coleção PROINFANTIL; Unidade 3. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012723.pdf> Acesso em: 14dez. 2017.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY. Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

MALEVAL, Isadora Tavares. Bento Mure e a querela médica nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro de 1847. **Revista de Teoria da História**, v. 6, n. 2, p. 150-177, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/23238161/BENTO_MURE_E_A_QUERELA_M%C3%89DICA_

NAS_P%C3%81GINAS_DA_REVISTA_DO_INSTITUTO_HIST%C3%93RICO_E_GEOGR%C3%81FICO_BRASILEIRO_DE_1847> Acesso em: 15 jun. 2016.

MARTINS, João Vicente. **Conselhos clínicos de Mure ou Prática Elementar da Homoeopathia**, 1865. Disponível em: <<http://aph.org.br/wp-content/uploads/2016/07/livro-conselhos-clinicos-pratica-elementar-homeopathia.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2017.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

MÍKOLA, Nádia. A inserção da homeopatia no Brasil e o espiritismo como estratégia de legitimação (1860-1890). **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá-PR, n. v. 9, 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST1/003%20-%20Nadia%20Mikola.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2016.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. Apresentação. In: SOUZA, Josefa Eliana. **O programa de instrução pública de Tavares Bastos (1861-1873): concepções a partir do modelo norte-americano**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

ORSO, Paulino José. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 228-238, mai. 2012. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/3468/3086>> Acesso em: 22 jul. 2016.

PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli. A indução para o conhecimento e o conhecimento para a vida prática: Francis Bacon. In: ANDERY, Maria Amália... *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 6 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: EDUC, 1996, p. 193-200.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. – 2. Ed. 1. reimp. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Fourier e o Brasil. **Revista de História**, n. 122, p. 5-15, 1990. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18618/20681>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: Cinco Lições sobre a Emancipação Intelectual**. Tradução: Lílian do Valle. 3. ed. 2. Reip. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 11-21.

RANCIÈRE, Jacques. Prólogo: La lengua de la emancipación. In: JACOTOT, Joseph. **Enseñanza universal**. Lengua Materna. Tradução: Pablo Ires. Buenos Aires: Cactus, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **Estudos da Antropologia da Civilização, IV: os brasileiros**, Livro I. Teoria do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

ROSENBAUM, Paulo. Breve Notícia do autor e sua obra. In: MURE, Benoît Jules. **Patogenesia Brasileira**; Tradução: Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Rocca. 1999, p. VI – X.

SILVA, Gisele Maria da . Falanstério do Saí: Uma experiência utópica em Santa Catarina. **Revista Santa Catarina em História**, v. 1, n. 1, p. 70-85, 2008. Disponível em: <<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/41/47>> Acesso em: 15 jun. 2016.

SILVA, Lidiane. R. C. *et al.* Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO — EDUCERE, IX, ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA**, III, 2009, Curitiba.

Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf> Acesso em: 27 mar. 2017.

SILVEIRA. Glaucia Maria. **Utopia e cura: a homeopatia no Brasil imperial (1840-1854)**. 1997. Dissertação (mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

Disponível em: <

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000114308&fd=y>> Acesso em: 27 mar. 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOUZA, Josefa Eliana. **O programa de instrução pública de Tavares Bastos (1861-1873): concepções a partir do modelo norte-americano**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

SOLLERO. Gabriel *et al.* Jacaranda caroba, a remedy by Mure. Jacaranda caroba, medicamento de Mure. Jacaranda caroba, medicamento de Mure. In: **International Journal of High Dilution Research**, 01 January 2004, Vol. 3 (6), pp.6-7. Disponível em: <

<http://www.feg.unesp.br/~ojs/index.php/ijhdr/article/view/99/91>> Acesso em: 15 jun. 2016.

STANLEY, Michael. **Emanuel Swedenborg**. Tradução: José Arnaldo de Castro. São Paulo: Madras, 2007.

TONIATTI, Tadeu Bernardes de Souza. O Ensino Universal, uma discursividade a traduzir. In: _____, Tadeu Bernardes de Souza. **Ensino Universal – Língua Materna: uma**

tradução de Jacotot contra o monopólio da violência simbólica. 2015, 190 f. Dissertação (Mestrado em Línguas Estrangeiras e Tradução)- Universidade de Brasília, Brasília, pp. 45-74. Disponível em: < [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19084/1/2015_](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19084/1/2015_TadeuBernardesdeSouzaToniatti.pdf)

[TadeuBernardesdeSouzaToniatti.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19084/1/2015_TadeuBernardesdeSouzaToniatti.pdf)> Acesso em: 10 jan. 2017.

VALVERDE, Antonio Jose Romera. **Pedagogia libertaria e autodidatismo**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000102984&fd=y>> Acesso em: 10 jan. 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FONTES

A Sciencia: Revista Synthetica dos Conhecimentos Humanos – 1847, 1848.

Jornal da Academia Medica-Homeopathica do Brasil – 1848.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro -1840, 1841, 1846.